

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**ANTÓNIO, O CARDOSO DO GINÁSIO:  
LUGARES DE UM ATOR INVULGAR**

**FERNANDO MANUEL ELIAS RODRIGUES**

Tese orientada pelo Prof. Doutor José António Camilo Guerreiro Camões, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Teatro.

2018

ANTÓNIO, O CARDOSO DO GINÁSIO:  
LUGARES DE UM ATOR INVULGAR

Fernando Manuel Elias Rodrigues

Tese de Mestrado

Orientador: Doutor José Camões

Lisboa

2018

*Ao Dr. Thiago Bechara, que mostrou sempre uma fé inabalável nas minhas capacidades e no meu trabalho agraciando-me sempre com a sua amizade.*

*A Gabriel Rodrigues, meu neto, que possa percorrer o seu caminho sempre iluminado pela Luz do saber.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador de tese de Mestrado, Doutor José Camões; ao Dr. Thiago Bechara pela confiança e incentivo que me concedeu; ao Dr. Pedro Alves pelo apoio técnico prestado; à Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Silva e ao Dr. Vasco Travassos pelo apoio na conceção gráfica desta tese; ao Doutor José Carlos Alvarez, diretor do Museu do Teatro, pelo apoio na satisfação das minhas dúvidas e pedidos. Finalmente, um sentido agradecimento ao Professor Rui Carvalho Homem e ao Professor José Romero Castilho.

## RESUMO

António Cardoso (de seu nome completo António José Ferreira Cardoso), nascido em Lisboa em 1861 e falecido na mesma cidade em 1917, foi um importante ator português de finais do séc. XIX e início do séc. XX. Estreou-se como amador em 1878 na Sociedade Guilherme Cossoul na comédia *Casar por Anúncio*. Como profissional, estreou-se no Teatro do Rato em 1881 na comédia *Zé Povinho*. Entrou para o Teatro do Ginásio em 1883, fazendo parte do elenco da comédia *A Medalha da Virgem*. Embora tenha atuado em quase todos os teatros lisboetas, a sua atividade profissional teve lugar no Ginásio, sendo carinhosamente conhecido por «o Cardoso do Ginásio». Profissional íntegro e homem de características humildes e simples, era querido por todos quanto com ele privavam, colegas, empresários, jornalistas e público. O seu aspeto rotundo completado por uns olhos esbugalhados predispunham-no para a comédia, tendo criado vários tipos que faziam as delícias dos espetadores. Eram famosos os seus «sogros», «meninos» e os papéis em travesti. Infeliz na vida sentimental vivia na casa de uma irmã, onde veio a falecer aos cinquenta e sete anos.

**Palavras-chave:** António Cardoso, Teatro do Ginásio, ator de comédia, *O comissário de polícia*.

## ABSTRACT

António Cardoso (António José Ferreira Cardoso, Lisbon 1861–1917) was an important Portuguese actor in a period that goes from the last two decades of the 19th century to the first years of the 20th century. He made his debut as an amateur in 1878 at Sociedade Guilherme Cossoul in the cast of the comedy *Casar por Anúncio*. As a professional, he made his debut in 1881 at Teatro do Rato in the comedy *Zé Povinho*. In 1883 he entered the company at Teatro do Ginásio, being part of the cast of the comedy *A Medalha da Virgem*. Although he performed on almost every stage in Lisbon, his career took place at the Ginásio, and he was affectionately known as “Cardoso do Ginásio”. As a man of integrity, humble and unaffected, he was loved by all who knew him: colleagues, empresarios, journalists and the public in general. His plump physique, together with his bulging eyes, predisposed him to comedy. He created several characters that delighted audiences. Such types as “the father-in-law”, “the boy”, and transvestite “dames” were famous. Unhappy in love, he lived at his sister's house, where he died at 56 years of age.

**Keywords:** António Cardoso, Teatro do Ginásio (Lisbon), comedy actor, *O comissário de polícia* (play).

## ÍNDICE

Introdução...	1
Capítulo 1 Dados biográficos .....	3
O ator e o homem .....	6
Capítulo 2 O Cardoso do Ginásio .....	11
2.1 O Teatro do Ginásio.....	11
2.2 Os primeiros anos .....	14
2.3 Uma carreira vista pela imprensa .....	23
1890-1900 .....	23
1901-1910 .....	27
1911-1917 .....	43
2.4 Digressões e itinerâncias .....	55
Capítulo 3 O actor .....	64
Conclusão .....	79
Referências bibliográficas .....	81
Apêndice: Para um repertório de António Cardoso .....	88

*Perhaps I know best why it is man alone who laughs;  
he alone suffers so deeply that he had to invent  
laughter.*

Friedrich Nietzsche

*Cada época é definida pelo que apresenta de novo, de  
especificamente seu. Pode não ser um alto pensamento  
filosófico, uma grande reforma moral, uma arte  
requintada, uma ciência generosa. Mas há-de ser a  
dádiva de qualquer uma dessas manifestações  
humanas, ou todas, numa concepção inteiramente  
inédita, original, inconcebível noutra época da  
história.*

Miguel Torga

*A melhor qualidade de um actor é ser mercurial, isto é,  
saber adaptar-se à temperatura de cada momento.*

Vittorio Gassman

## INTRODUÇÃO

Perscrutar a importância histórica de uma personalidade artística, com vista à delimitação de determinadas fronteiras do lugar que esta ocupa na sua atividade profissional e pessoal, é tarefa complexa e de cariz subjetivo. Daí a necessidade de se investigar em diversos domínios do conhecimento; e, entre eles, o domínio da biografia. No caso do ator António Cardoso este domínio tem particular relevância, levando em conta a escassez de dados a seu respeito, pese embora a vasta documentação teatral encontrada.

Sabia em mim a ideia de fazer o trabalho final do meu mestrado em Estudos de Teatro sobre um ator português que não fosse considerado de topo, pois aos que ficaram na história da dramaturgia nacional não falta quem lhes dedique atenção e interesse. Posso considerar um acaso o meu encontro com António Cardoso: no Museu do Teatro, ao deparar-me, fortuitamente, com algumas imagens do ator, percebi que estava encontrado o meu objeto de estudo.

Não tem o presente trabalho o intuito de maximizar o ator como compensação do seu esquecimento na atualidade, nem de diminuí-lo com insistentes alusões ao baixo número de registos de carácter mais analítico que a sua atuação gerou. Dimensionar a importância de uma figura histórica é tarefa subjetiva e praticamente impossível de ser levada a um termo definitivo, pelo que dever-se-á ter como ponto de partida uma avaliação o mais evidenciada e cuidadosa possível, visando não remeter ao privilégio ou ao subaproveitamento os poucos (e por isso valiosos) documentos que nos podem ajudar no processo de construção do trabalho.

Pretende-se a construção de um novo olhar sobre o ator, que consubstancie a análise das minhas leituras e o meu próprio olhar sobre o ator. Dar-se-á especial atenção ao espaço teatral que o consagrou, e ao seu desempenho na maioria dos espetáculos que marcaram a sua carreira.

A recolha das diversas notícias publicadas nos periódicos da época revelou que estas não haviam sido alvo de uma sistemática reunião como documentos evidentes da atividade do ator, ou de quaisquer análise. Espera-se que a documentação encontrada



permita dar a conhecer a biografia teatral de António Cardoso e a sua importância no panorama do teatro português do final do século XIX e início do século XX.

Proponho-me, então, reunir o material disperso em museus e acervos e analisá-los com o fim de delinear uma imagem o mais próxima possível do homem, e uma avaliação consistente do(s) lugar(es) que este ator ocupou no cenário teatral português do seu tempo, dando a conhecer os sucessos emblemáticos das peças mais marcantes deste teatro.

Serão elencadas as possibilidades de observar alguns itens como documentos úteis, com vista a potenciar uma resposta porventura polissémica e multifactorial ao objeto do trabalho em estudo. Assim, ter-se-á em atenção os seguintes aspetos: tipologia dos papéis representados, relação com o Teatro Ginásio, profissionalismo e ética, ligação com o teatro dito popular, unanimidade na apreciação do seu talento, e outras ponderações que sejam eventualmente reveladoras da dimensão do apreço da sociedade artística da época.

## CAPÍTULO 1

### DADOS BIOGRÁFICOS

António José Ferreira Cardoso nasceu no dia 5 de Abril de 1861, pelo meio-dia, no 3.º andar do n.º 20 da rua dos Cavaleiros, na freguesia dos Anjos, em Lisboa, tendo sido batizado a 16 de Julho do mesmo ano<sup>1</sup>.

Filho legítimo de José Joaquim Cardoso e de Emília Rosa, ambos de Lisboa e naturais, respetivamente, da freguesia de Santa Catarina e do Socorro, António Cardoso pertencia a uma família remediada, possuidora de um «próspero negócio no sector dos ferros e ferramentas». Muito cedo «seguiu as pisadas do seu progenitor neste ofício» (Rebello 1978: 128)<sup>2</sup>, o qual lhe estava destinado como profissão, na perspectiva de que perpetuasse, desta forma, o negócio de seu pai, um bem-sucedido serralheiro.

É curioso notar que Cardoso nasceu na freguesia natal de sua mãe (Socorro e Anjos), vindo a falecer na de seu pai (Santa Catarina e Mercês). Poder-se-á supor, com algum nível de probabilidade e segurança, ainda que não haja dados concretos que o confirmem, que na fase inicial das suas vidas em comum José Joaquim e Emília tenham vivido entre o Socorro e os Anjos, mudando-se posteriormente para as Mercês.

António Cardoso faleceu no dia 3 de Agosto de 1917. Estas datas delimitarão temporalmente o âmbito deste trabalho, bem como os procedimentos metodológicos a ser empregados, por ver-se o estudo condicionado cronologicamente a um período que parte, aproximadamente, dos dezassete anos do ator até a sua morte, sendo os anos da sua infância e mocidade ainda sombrios no que respeita a lacuna documental sobre ele localizada.

---

<sup>1</sup> O assento de batismo, que me foi facultado pelo Doutor José Camões, a quem agradeço, encontra-se no Livro 25 dos assentos de batismo da Freguesia dos Anjos, f. 7 (Arquivo Distrital de Lisboa, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Todos os «usuais» da História do Teatro em Portugal o dão como nascido em 1860, seguindo o erro inicial de Sousa Bastos, tanto no seu *Dicionário do teatro Português* como na *Carteira do Artista*. O ano de nascimento é confirmado pela informação do registo de óbito de 1917, que menciona ter Cardoso falecido aos 56 anos de idade.

<sup>2</sup> O *Dicionário do Teatro Português* foi publicado em fascículos, sem data de edição; contudo, através do Depósito-Legal a Biblioteca Nacional de Portugal atribuiu-lhe a data de 1978.

Sabe-se, com base no seu registo de óbito<sup>3</sup>, que a causa apontada para a sua morte foi uma doença no fígado, embora, como causa direta, constem problemas respiratórios devido a uma asfixia lenta. Ainda segundo o mesmo registo, o óbito de António Cardoso deu-se às duas horas da madrugada, no quarto andar direito do n.º 257 da rua da Rosa, na então freguesia das Mercês (atual Misericórdia) ao Bairro Alto. A morte colheu António Cardoso na casa onde vivia em companhia de sua irmã, Maria, e dos sobrinhos, Ester<sup>4</sup> e Benjamim Cardoso.

Solteiro e sem descendência, deixou alguns bens em testamento. Embora não fosse possível identificar os beneficiários do seu legado, não é difícil imaginar que fossem os familiares com quem vivia – ainda que esta seja apenas uma inferência em meio à nem sempre documentada trajetória pessoal do artista.

Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres após quase quatro décadas de uma carreira devotada à arte da representação, segundo atestam, como se verá, os testemunhos acerca de seu talento, profissionalismo, responsabilidade e seriedade na vida, a despeito da sua vocação cômica nos palcos.

A imprensa noticiou o óbito e homenageou o ator.

Faleceu António Cardoso, o popularíssimo ator cômico que durante trinta e quatro anos fez as delícias dos frequentadores do Ginásio, onde era muito querido e estimado por todos os seus colegas pela sua bonomia, trato afável e boa camaradagem. («Figuras e factos», *Ilustração Portuguesa*, 599. 13/08/1917)

É recorrente em todos os periódicos a menção das suas qualidades, pois nenhum lhe atribui qualquer defeito de personalidade. Mas é o jornal *A Capital* que, no dia da sua morte, e assinalando «a sua extraordinária vocação», traça um dos melhores retratos de António Cardoso:

Era dos poucos que restam da velha guarda, fiéis aos antigos hábitos da boémia artática que hoje quase que já não existe. E a sua compunha-se exclusivamente de ir banquetear-se às hortas, nos dias bem raros em que não havia ensaio ou espetáculo. Nas quartas-feiras de cinzas ou à volta das «tournées» era certo vê-lo no meio dum rancho de amigos sob qualquer barreira [parreira?] do arredores de Lisboa, de lenço sarapintado de vermelho entalado no colarinho, a contas

---

<sup>3</sup> A informação apontada no registo de óbito confirma também o ano de seu nascimento: Cardoso faleceu aos 56 anos de idade, o que efetivamente confirma o referido ano de 1861, em contraposição ao de 1860, como se consagrou.

<sup>4</sup> Será esta sobrinha, Ester Cardoso, com toda a probabilidade, que doará uma preciosa coleção de fotografias do ator ao Museu do Teatro.

com a salada e com o clássico peixe frito. [...] Pertencia a esse grupo de artistas que a paixão do teatro arrancou ao povo e que não tendo mais cultura do que a que existe que o instinto e a vocação ensinam, sabia falar à alma desse mesmo povo, obrigando-o a interessar-se pela sua arte. («António Cardoso. Morreu este popular artista», *A Capital*, 3/08/1917)

Já minado pela doença que se lhe resultou fatal, António Cardoso nunca deixou de trabalhar, dando provas de um compromisso ímpar. Neste sentido, é possível que, inclusivamente, nas vésperas da sua morte, tivesse ele chegado de um ensaio no teatro Ginásio, o seu palco de sempre.

Embora aparentemente pertençam a uma seara subjetiva de menor importância, concorrem para uma avaliação mais abrangente os detalhes pessoais, como os desgostos de amor de António Cardoso; o ter-se, afetivamente, sentido amado por todos aqueles que o rodeavam, em contraponto às rejeições amorosas que lhe aconteciam. Acresce ainda uma referenciada solidão que sempre o afligia e que constituem algumas das vivências íntimas do ator que o levaram a um tipo de vida autodestrutivo, por meio de excessos como os de comida e álcool, levando a que anos mais tarde viesse a sofrer de problemas hepáticos.

Numa primeira observação das imagens de António Cardoso que chegaram até aos nossos dias<sup>5</sup>, é inevitável que chamem a atenção particularidades como as que Sousa Bastos, no seu *Dicionário do teatro português*, referiu: «o seu físico rotundo e uns olhos esbugalhados» que o predispunham para uma aparência de «género alegre» (Bastos 1978: s/p).

Os primeiros indícios do talento artístico de António Cardoso verificaram-se no âmbito privado quando, ajudando o pai no ofício de serralheiro, o jovem se entretinha a divertir a clientela na oficina, nomeadamente com gracejos típicos de uma comicidade teatral (Santos 2014).

Não tendo sido encontrados, no grande *corpus* documental levantado e consultado para esta pesquisa, dados específicos a respeito da sua infância, este estudo partirá do início da sua carreira de ator por se ter encontrado documentação disponível tanto em quantidade quanto em substância. Lamenta-se, contudo, a superficialidade com

---

<sup>5</sup> Essas imagens foram recolhidas a partir de caricaturas, aquarelas e fotografias disponíveis nos sítios principais de onde foi coletado o material que suporta teórica e biograficamente esta pesquisa, nomeadamente o Museu Nacional do Teatro, a Hemeroteca de Lisboa (Hemeroteca Digital), o Arquivo Nacional e Fotográfico, e a Biblioteca Nacional de Lisboa. Esse material encontra-se compilado em anexo.

que a escassez de elementos biográficos impede de descer a níveis mais profundos de considerações no que comportaria o momento de transição da fase juvenil para a profissional.

### **O ator e o homem**

É consensual entre todos os testemunhos recolhidos (e referenciados na bibliografia deste trabalho), que António Cardoso possuía uma personalidade afável, caracterizada como sendo de fácil trato. Os relatos são inequívocos quanto à sua bonomia e simpatia. Quase todos os testemunhos a seu respeito referem uma grande lealdade para com colegas e empresários, bem como à excelente camaradagem «que o manteve na ribalta dos favores do povo que à época enchia as plateias dos teatros» (Santos 2014). Favores, esses, que também os colegas, os empresários, os jornalistas e os seus pares em geral lhe dispensavam<sup>6</sup>, apesar das rivalidades e invejas que ensombrevam as relações entre as gentes das artes e das letras.

Mesmo quando destratado – o que era raro – o que se observa é uma ausência de legitimidade dos argumentos chamados em causa, o que refletia alguma espécie de inveja, despeito ou concorrência, dada a sua grande popularidade.

Os seus detratores<sup>7</sup> diziam que ele tinha mais volume do que talento, mas a verdade é que o público o adorava e transformou-o num dos atores portugueses mais populares no período da transição do século XIX para o século XX. Para além da sua comicidade, era o seu feitio bonacheirão e a sua enorme simpatia que facilmente conquistavam amigos e admiradores. (Santos 2014)

A confirmação da suspeita de uma inveja do seu reconhecimento público encontra-se também nas memórias da atriz Maria Matos, conforme será referido adiante.

---

<sup>6</sup> Das diversas fontes consultadas era recorrente a forma amável e carinhosa como os jornalistas, os empresários, os diretores e os seus colegas atores falavam de António Cardoso.

<sup>7</sup> Não consegui identificar claramente quem seriam os seus detratores. Sabe-se Adelina Abranches troçava do homem que era António Cardoso, embora admirasse o profissional. Nas memórias de Maria Matos *Dizeres de Amor e de Saudade* é referido que alguns colegas, ainda que não sejam citados nomes, troçavam de António Cardoso quando este se encontrava numa fase avançada da idade, a pretexto da sua surdez e da sua baixa literacia, na presunção de que ele já não estaria com as suas faculdades mentais intactas

Embora confraternizasse e privasse fora dos palcos com os seus amigos atores – entre os quais o seu companheiro de sempre, Telmo Larcher – António Cardoso não mantinha contactos sociais; não frequentava festas, saraus, ou quaisquer eventos onde se vai para ver e para ser visto. Tinha, porém, um apuradíssimo sentido do dever, que o levava a estar presente em momentos fúnebres mostrando a sua amizade e respeito, como, por exemplo, no funeral do ator Vale – a que ocorreu quase todo o corpo artístico teatral português – tendo feito parte do quinto turno de vela com os seus colegas Telmo Larcher, Casimiro Tristão, Henrique de Albuquerque, Inácio Peixoto, Carlos Santos, Augusto Machado e Carvalho da Silva (*A Capital*, 21/02/1912, p. 2).

O pouco que se pode inferir sobre o *modus vivendi* do ator, pode ser encontrado nos testemunhos jornalísticos que exaltam uma mesma característica, sem dúvida a síntese da voz geral acerca de seu traço principal de personalidade visível: a correção do trato e a afabilidade, não obstante as não ignoradas tristezas e amarguras que a sua sensibilidade íntima revelava como consequência das suas frustrações amorosas.

Será de interesse para este trabalho – cuja pretensão inclui uma documentação biográfica do homem para melhor compreensão do artista – não perder de vista algumas instâncias da sua vivência afetiva marcada por desencontros e desilusões, em grande medida derivados de uma personalidade e, sobretudo, de um aspeto físico que não eram particularmente atraentes, segundo se depreende das informações colhidas nos periódicos e nas memórias de seus contemporâneos.

Pouco se conhece sobre a sua vida privada. Sabe-se que não chegou a casar, embora o desejasse, e que esse facto sempre o afetou na sua vida particular acentuando a sua tendência para a solidão. Teve, contudo, alguns relacionamentos breves; e uma grande paixão pela atriz Adelina Abranches, que povoou a sua imaginação durante alguns anos.

Ela teria dezassete anos, ele vinte e três (Jacques; Heitor 2001: 45).

Segundo testemunho da própria,

Até o Cardoso do Ginásio, o fenomenal Cardoso, tão baixinho e reboludo, qual bilha de água de Caneças, botou fulminante paixão por mim!... Chegou a pedir licença a minha mãe para me namorar, licença que ela lhe concedeu logo porque entendia que o grande actor seria um esplêndido partido...

— Nem partido, nem inteiro, minha Mãe. Não gosto dele. É muito gordo... (Abranches 1947: 80).

Embora não rejeitasse os seus galanteios, a atriz – que, como ela própria confessa, «o que apreciava era só o namoro platónico» – sentia alguma repulsa por António Cardoso, conforme regista nas suas memórias:

Além disso, ele era tão feio! Aqueles olhos esbugalhados, mas muito lânguidos, como os das vitelas moribundas, aquela cara sempre luzidia... todo aquele *toicinho* que lhe tombava do pescoço, eram para mim motivo de repugnância... (Abranches 1947: 80).

Sem nenhuma intenção de demonstrar qualquer possibilidade de anuência aos seus sonhos de casamento, a atriz permitiu, ainda assim, que Cardoso lhe fizesse a corte.

Sob as vistas complacentes de minha Mãe, deixei-o durante uns meses segredar-me o seu amor... falar do nosso futuro depois de casados (brrr!!!). Ela, coitada, dizia-me por vezes, judiciosamente:

— Este, sim; que tem uma bela situação no teatro; ganha muito bem...

E eu, de mim para mim, pensava:

— Deus me livre de ter por marido um pião!

Mas alimentava aquele amor, só pelo gosto da corte... do prazer de ouvir palavras bonitas. E ele sabia a cartilha toda, o maroto...

Das páginas que Adelina Abranches dedica ao seu colega, sobressai a forma pouco feliz como lidou com a paixão de António Cardoso, chamando a atenção, a quem as lê, para a forma cruel como se serve dele.

À jovem Adelina despertou então interesse o filho de Pinto de Campos, «que era um rapaz alto e desempenado, de grandes olhos azuis que me seguiam com insistência amorosa enquanto eu ensaiava», mas recusou também a sua paixão. Nas memórias, admite que o rapaz não era melhor do que António Cardoso:

Verdade seja que passava de cavalo para burro... esse ator era insignificante e duma timidez de noviço. Não se atrevia a falar-me. Os olhos é que diziam tudo. [...] Chegámos a trocar, eu e o Pinto de Campos, mas sem nunca nos falarmos, a clássica madeixa de cabelos... Este idílio, no entanto, durou o tempo das rosas de Malherbe... porque se atravessou no caminho um guarda-marinha [...]. Adeus Cardoso! Adeus Pinto de Campos! (ibidem: 81)

Importante, porém, é o facto de Adelina Abranches reconhecer em António Cardoso os méritos de um grande ator, que podia mesmo emparceirar com o famosíssimo ator Taborda. Escrevendo sobre Bárbara Volckart, refere que esta atriz foi «notável intérprete de muitas farsas do Teatro Ginásio, ao lado de Cardoso, Vale e Taborda. Que trio, hein?» (Abranches 1947 : 51)

É interessante notar que Adelina Abranches convidou António Cardoso para integrar uma companhia teatral itinerante que se apresentava na província durante os meses de Verão, época em que os atores, após o final do contrato com os seus teatros de origem, ficavam desprotegidos, sem o vencimento mensal garantido.

A atriz Mercedes Blasco, no seu livro de memórias *Caras Pintadas*, refere-se também a António Cardoso ao observar que «no Ginásio se fazia o congresso do bom humor por atores do valor de Vale, Telmo e Cardoso» (Blasco 1923: 77). Cardoso pertencia ao grupo de atores que não causava problemas nem mal entendidos, era uma pessoa com quem se podia privar. E Mercedes Blasco acrescenta, referindo-se a estes e outros colegas de que guardava gratas memórias: «Nenhum desses astros se lembrou nunca de destacar-se do todo, de prejudicar a beleza de um conjunto, para ir brilhar sozinho num palco rodeado por meia dúzia de nulidades.» (ibidem: 78)

Em toda a documentação estudada jamais encontramos uma nota que apontasse uma falha de carácter a António Cardoso. No teatro nunca «roubou uma deixa» a um colega. Nunca tentou brilhar à custa dos que com ele contracenavam, nem diminuiu um colega em qualquer circunstância que fosse.

É Maria Matos que, na sua autobiografia *Dizeres de Amor e de Saudade*, nos dá uma ideia muito aproximada da sua personalidade.

Ao falar de alguns dos colegas com quem trabalhou, deixou, por deferência, António Cardoso para o fim. Fê-lo com extrema elegância, mesmo quando observava um aspeto menos positivo, e realçou as suas qualidades humanas e profissionais, acabando por dizer muito sobre o seu carácter enquanto homem e enquanto ator.

Finalmente, Cardoso, o velho e simpatiquíssimo Cardoso, ágil, fresco, rosado, espantoso de graça e de espontaneidade, modelo adorável de trabalho, de ordem, de disciplina. Quem não lembra com saudade a sua figura tão cómica, os seus olhos bogalhudos, a sua assombrosa intuição, o seu magnífico poder creador?! (Matos 1935: 58-59).

É ainda por Maria Matos que se sabe que, por volta de 1916, corria a lenda, criada pelos colegas do Ginásio, de que António Cardoso, então com 56 anos, estava desmemoriado e não podia desempenhar papéis de responsabilidade – o que se veio a revelar falso e a cujos rumores Maria Matos pôs fim ao mantê-lo como primeira figura na sua companhia.

Outro aspeto que se podia revelar um obstáculo à profissão de ator era a sua rudimentar escolaridade.



Ouvi um dia dizer a alguém:

— Como é que um actor que mal sabe ler, poderia saber representar?

Milagres do estudo, do talento, direi mesmo, do génio! Tomaram muitos dos que presumem de literatos e eruditos saberem representar como ele! (Matos 1935: 63)

António Cardoso compensava a sua débil escolaridade com uma grande dedicação nos ensaios. Como tinha dificuldade em ler, os seus amigos (entre os quais Maria Matos) liam com ele a peça; decifrado o papel, decorar as falas tornava-se fácil e para criar o tipo tinha talento de sobra.

António Cardoso, conhecido nos meios do teatro e dos jornais como «o Cardoso do Ginásio», foi um popular ator cómico lisboeta e, sem quaisquer reservas, um dos mais populares atores dos primeiros anos do século XX. Esta carinhosa alcunha, que ganhou com o passar do tempo, deveu-se ao facto de a sua atividade teatral ter tido especial destaque no teatro Ginásio, onde ingressou em 1883, e onde desenvolveu a maior parte da sua atividade durante mais de três décadas.



António Cardoso, à direita, em baixo, em caricatura não assinada, *A Paródia*, 1902, n.º 128, p. 3 (vd. n.º 4 do Anexo).

## CAPÍTULO 2

### O CARDOSO DO GINÁSIO

#### 2.1 O Teatro do Ginásio

O Ginásio começou a ser um teatro de comédia na segunda metade do século XIX, quando um edifício substituiu o velho barracão circense e firmou-se pela mão do empresário José Joaquim Pinto, que o dirigiu entre 1878 e 1904.

Conquistou o público lisboeta com peças divertidas, que correspondiam ao gosto popular.

Financeiramente, era uma boa estratégia, e a afluência de público foi dando estabilidade à empresa do Ginásio. A remodelação de 1882 deixou o teatro «lavado, barbeado e engraxado... uma verdadeira limpeza». (*O António Maria*, 20/09/1883; *O Ocidente*, 170, 11/09/1883). Em 1904 novas obras visaram aumentar a segurança dos trabalhadores e do público: fechar os camarins que ficavam por baixo da plateia, «substituir duas bocas-de-incêndio por outras de sistema que não exija chaves soltas; colocar corrimãos firmes nas escadas da entrada dos *fauteils*; [...] aumentar mais um bombeiro ao piquete», vedar o pano do arco do proscénio por sistema igual ao que foi aconselhado para o teatro da Trindade e ligar o teatro, por meio de telefone, com o corpo de bombeiros (*O Grande Elias*, 48, 25/08/1904).

Mais tarde, em 1912, sob a direção de Lucinda Simões, renovou-se o mobiliário de cena e o guarda-roupa. (*O Ocidente*, 1217, 20/10/1912. p. 231-232). No ano seguinte abriu-se uma salão na segunda ordem dos camarotes e transformou-se o átrio de entrada (*A Capital*, 20/09/1913 aparecendo o Ginásio rejuvenescido, «todo a branco e ouro, como a maioria dos teatros no estrangeiro» (*Brasil-Portugal*, 354. 16/10/1913). O teatro do povo tornara-se elegante.

Embora não tenha conseguido encontrar nenhum documento em que o preço dos bilhetes apareça expressamente referido, sabe-se que a revista *O Xuão* 14/07/ 1908) os considerava «baratíssimos». No entanto, quando ao Ginásio vinham grandes nomes da cena europeia, pressupomos que os bilhetes encarecessem substancialmente. Foi o que aconteceu em finais do século XIX, quando Gervásio Lobato justifica a ausência de público em importantes espetáculos com o elevado preço dos bilhetes (*O Ocidente*, 229,1/05/1885, p. 97-98). E foi também o caso da visita de Sarah Bernhardt, que atraiu

todas as atenções foi «por uns dias, o óleo de fígado de bacalhau que fortaleceu um pouco o anémico Ginásio» (*O António Maria*, 27/04/1882), a «preços de exceção para uso dos capitalistas da Baixa e dos janotas ricos da porta da Casa Havanesa» (*idem*, 20/04/1882). Entretanto, a revista *O Ocidente* salienta a coragem e ousadia de José Joaquim Pinto, «inteligente e activíssimo empresário», ao arriscar cultural e financeiramente a sua vinda.

Outra característica do Ginásio era o bom ambiente que se vivia no teatro, «imprimindo ao artista uma alegria comunicativa e dando-lhe um ar de família», nas palavras do ator Carlos Santos (Santos 1950: 60)

A harmonia não impediu, no entanto, que houvesse divergências, quer entre os atores, quer entre atores e direção. Refere o jornal *A Capital* que em 1911 houve contestação e atos reivindicativos por parte dos atores em consequência do incumprimento das obrigações salariais por parte do ator Vale, que tinha assumido a direção do teatro. Os espetáculos chegaram a ser suspensos, esforçando-se os atores, que se mantiveram unidos, por solucionar a questão. Na reunião entre as partes «acentuou-se a justiça do procedimento dos atores negando-se a trabalhar pelo motivo já conhecido, e acordou-se em propor ao diretor da empresa do Ginásio, como meio conciliatório, que os espetáculos recomecem sob a condição de todos os *escriturados* trabalharem em sociedade» (*A Capital*, 22/12/1911). É uma notícia surpreendente, porquanto se sabe que nos cofres do Ginásio entravam todos os dias as receitas de bilheteira dos sempre cheias, dos espetáculos. Sabedor do que se passava, o jornal terá tomado partido pelos atores considerando justas as suas tomadas de posição e as suas reivindicações (*A Capital*. 22 dez. 1911). A questão resolveu-se quando, na reunião dos artistas se decidiu reabrir o teatro no dia 24 sob a direção duma nova empresa, representada por Landersot, que exercera o mesmo cargo no Teatro da Trindade durante a última época de Verão (*A Capital*, 23/12/1911).

Ainda que no Ginásio predominassem a comédia de *boulevard* e os sucessos do teatro parisiense, os autores portugueses faziam parte da génese deste teatro: D. João da Câmara, Chagas Roquete, Pinheiro Chagas, Eduardo Schwalbach, Moura Cabral e Gervásio Lobato. Também representados, embora não com tanta frequência, foram Câmara Manuel, Eduardo Coelho Júnior e Luís de Araújo, Acácio Antunes e Abel Acácio, Bernardo Maia e Joaquim Miranda, Manuel Penteado, Luís Galhardo e Rafael Ferreira (*idem*, 268, 16/03/1910).

Não sabemos ao certo se, em pleno século XX, o Teatro do Ginásio tinha um público específico; parece-nos que afluíam diferentes tipos de público consoante os espetáculos ou os artistas que nele se apresentassem. Por exemplo, era o teatro favorito do público da província que vinha de propósito assistir às suas comédias; no entanto, se o espetáculo contava com grandes nomes da música e do teatro, então o público era composto pelas classes altas da sociedade lisboeta. Havia também um público elegante que ia ao Ginásio para mostrar-se e para ser visto.

Em 1913 a imprensa chegou a equiparar o Ginásio, juntamente com o Trindade, ao D. Maria: «o Nacional, o Trindade e o Ginásio seriam os nossos teatros de declamação explorando cada um determinados géneros. [...] O República, o Politeama e o Eden seriam grandes teatros de opereta, revista e peças de espetáculo. O Apolo, o Avenida e o Teatro do Povo fariam espetáculos populares, [...] com zarzuelas portuguesas e revistas pequenas» (*A Capital*, 18/07/1913).

De todos os teatros lisboetas, era voz corrente que o Ginásio tinha o público mais fiel, que o frequentava qualquer que fosse a peça em cena, e continuamente esgotava lotações (*A Capital*. 28 mar. 1911). O ator Carlos Santos, nas suas memórias refere-se ao Ginásio como

o teatro de tão gloriosas tradições, que tinha a frequentá-lo um público de elite. Quanto aos atores salienta o seu profissionalismo através das representações escrupulosas, a despeito do género acentuadamente facetado marcado pela índole especial do seu repertório de comédia e farsa. (Santos 1950:60)

Carlos Santos ao referir-se a uma elite, não teria em mente um público rico, burguês e socialmente influente, antes o público erudito que sabia apreciar os diversos aspetos da apresentação duma peça.

A revista *O Zé*, a propósito da comédia *La Dona è Mobile*, em que os desempenhos dos atores foram notáveis, aponta para um novo tipo de público ao referir que a peça atraiu «tudo quanto de mais chique temos na capital». Creio que se poderá estar a referir, agora sim, ao tal público rico, burguês, politicamente influente, socialmente afetado e que frequentava salões e saraus culturais.

Pode concluir-se que ao Ginásio não ocorria somente um determinado tipo de público mas um público de todas as classes e condições sociais. E havia o caso dum outro tipo de público do Ginásio, que a ele ocorria exclusivamente, para ver os seus atores favoritos. Assim, António Cardoso que tinha os seus seguidores, o seu público

fiel que, ao longo dos seus trinta e sete anos de atividade nunca o abandonou, dando provas de uma fidelidade ímpar.

## 2.1 Os primeiros anos: de 1883 a 1895

Enquanto trabalhava na oficina de serralharia do pai, o jovem Cardoso gostava de divertir os clientes, «que riam desbragadamente com as divertidas performances do rapaz» O seu gosto pelo teatro fê-lo acreditar na sua vocação para os palcos levando-o, em 1878, à Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, então na rua da Oliveira, ao Carmo, «que já naquela época alimentava o fogo do teatro com um grupo de amadores» (Santos 2014).

Nesse teatro se estreou como amador aos dezassete anos na comédia *Casamento por anúncio*. Não temos informação de outra peça que António Cardoso tenha feito na Sociedade Guilherme Cossoul.

O empresário do Teatro do Rato notou-o e fez-lhe o primeiro contrato. António Cardoso, a quem o empresário Alcântara Chaves<sup>8</sup>, «achou muita disposição para a scena» (Bastos 1898: 134), fez a sua estreia profissional em 1881, aos 21 anos, na comédia *Zé Povinho*, de António de Meneses De tal maneira ficou o empresário impressionado com o seu desempenho que o convidou a permanecer neste teatro, onde trabalhou nas peças *Seita Negra*, *Maria da Fonte*, *Quatro Noivos Num Sarilho*, e principalmente em *A Filha do Sr. Crispim*, que deu a António Cardoso um estrondoso êxito e mereceu o destaque do dramaturgo e historiador Sousa Bastos, que evidencia, no seu livro *Carteira do artista*, ter sido em tal encenação que Cardoso «se tornou bem saliente» (Jacques; Heitor 2001).

Em 1883 o empresário José Joaquim Pinto leva-o para o Teatro do Ginásio. Estreou-se neste palco na peça *A Medalha da Virgem*, uma comédia em um ato de José Carlos dos Santos (o famoso ator conhecido por Santos Pitorra)<sup>9</sup>. Embora tenha trabalhado noutros teatros de Lisboa e do país, foi no Ginásio que decorreu quase toda a

---

<sup>8</sup> O empresário teatral Alcântara Chaves foi também escritor, tendo a sua peça *A Estrela do Norte* sido representada no seu próprio teatro em 22 de setembro de 1881.

<sup>9</sup> Será com esta peça que fará uma das suas últimas récitas, o espectáculo do seu benefício.

sua atividade artística, e seguramente a mais relevante de sua carreira Foi aqui que «se firmou como um grande actor cómico» (Jacques; Heitor 2001: 46).

Muito jovem (teria vinte e três anos), começou por desempenhar papéis secundários. Contudo, a sua comicidade, o seu à-vontade em palco e a segurança com que atuava fizeram com que começasse a ganhar a atenção do público, o que forçou os empresários a arriscar a atribuição de papéis com maior solidez interpretativa.

Embora as suas qualidades artísticas tenham sido notadas, estava ainda num incipiente início do seu percurso teatral com papéis secundários, e a sua participação efetiva nas peças seria, certamente, diminuta. Encontram-se diversos registos de peças representadas no Ginásio nesta época, todavia poucas referem a sua participação. As notícias indicam por vezes os elencos das peças e, não aparecendo neles o seu nome, deduzo que ou nelas não terá participado ou a sua participação terá sido tão secundária que não terá merecido a atenção do jornalista. As notícias concentram-se nos atores principais, como Taborda, Vale, Samuel Dinis, Virgínia Farrusca, Bárbara Volckart e Lucinda do Carmo.

Se neste período as notícias sobre o ator são escassas, à medida que o tempo avança aparecerão em catadupa, resultado da sua passagem de ator engraçado mas secundário a figura amada pelo público e ator respeitado pelos colegas.

O Ginásio atravessava um momento menos positivo. Ou porque as peças eram de fraca qualidade e não se conseguiam manter em cena, ou porque as notícias eram tendenciosas para o leitor que, pretendendo ir ao teatro, formava uma opinião. A crítica, arma poderosa na época, podia transformar uma peça num êxito ou num fracasso.

Não é surpresa, pois, que Gervásio Lobato se lamente da ligeireza por parte dos seus colegas críticos e documentada pelo próprio, queixando-se que, quando aparece uma peça nova de autor português logo a crítica se põe de lança em riste: «Ela tão bonacheirona, tão *bonne-fille* para as peças estrangeiras, torna-se numa matrona grave, sisuda, austera, e em vez de apreciar serena e desapaixonadamente a obra de arte, contenta-se em desancá-la». E continua o seu lamento contra os que destratavam o teatro português, apelando à união de todos os que fazem jornalismo em defesa do teatro português. (*O Ocidente*, 157, 1/05/1883, p. 98).

Acontece que Gervásio Lobato, como cronista, também aponta que a falta de êxito do Ginásio se devia ao medíocre repertório (*O Ocidente*, 199, 1/07/1884, p. 146). Aliás, Gervásio Lobato foi lesto a comentar a estreia de uma comédia original de António Enes no Ginásio: «Uma peça de António Enes é sempre um acontecimento

mesmo quando é uma comédia feita à pressa, sobre o joelho, como *O Primeiro Benefício*», criticando o facto de ter sido escrita «expressamente e unicamente para a actriz Lucinda do Carmo, que inegavelmente tem talento e vocação brilhante, mas que não tem ainda senão um ano de teatro» e desempenhava a protagonista. (*O Ocidente*, 152, 11/03/1883. p. 58).

Outro motivo de parcialidade do crítico, impedindo a sua isenção, tinha a ver com o costume de os teatros de Lisboa, na época, oferecerem entradas gratuitas aos críticos dos diversos jornais e revistas, que escreviam a sua crónica, se fosse necessário, com maior brandura e complacência. Em atenção a esse favor, regista-se o exemplo de a revista *O António Maria* publicamente agradecer aos vários teatros, o Ginásio incluído, por terem a «delicada amabilidade», de lhe reservarem um lugar nas plateias. (21/01/1885, p. 23).

Por vezes o fracasso duma peça vinha do público. É o caso de *O Contra-Veneno*, «uma comédia em 3 atos, italiana, [...] graciosa, mas o público hoje habituado à ruidosa graça francesa de Meilhac, Halevy, Hennequin, Najac, Duru, conservava-se frio diante da graça pálida das peças italianas. A imitação da comédia é excelente, o desempenho muito bem mas o sucesso não lhe sorriu». (*O Ocidente*, 147, 1/01/1883, p. 18). Outras vezes, da passagem do texto à cena: «*O Último Ídolo*, foi antes de indigestão. É literariamente uma pequena obra-prima, teatralmente é uma maçada monumental» (*O Ocidente*, 147, 1/01/1883, p. 18).

Na verdade, os insucessos do Ginásio, tendo em consideração a proliferação de êxitos, foram comparativamente poucos. O mesmo se pode afirmar, de modo mais categórico, sobre os insucessos de António Cardoso – não os houve, pelo menos de forma clara e definida. Como se verá, em algumas peças o seu desempenho não foi particularmente elogiado – mas também não foi diminuído, o que é um prodígio em cerca de trinta e quatro anos da história de um ator. O que se nota e se pode afirmar com segurança é que em nenhum insucesso do teatro Ginásio está associado o nome de António Cardoso.

A primeira referência clara que encontrei<sup>10</sup> sobre a participação de António Cardoso no Ginásio foi na comédia em três atos *O Bígamo*, em 1887, aquando do

---

<sup>10</sup> Em 1886 há uma notícia sobre a peça *Coupé 117*; embora não haja indicação do elenco, é possível que a figura central, na caricatura que a ilustra, seja António Cardoso. (*Pontos nos ii*, 80, 18/11/1886, p. 634).

benefício de Leopoldo de Carvalho. Bem recebida, a crítica diz que teve «graça às mãos cheias» (*O Ocidente*, 294, 21/02/1887, p. 42).

Em 29 de Setembro de 1888, o Ginásio iniciou a temporada com a peça *D. Jojó*, uma comédia em três atos de Albert Carré muito aplaudida meses antes em Paris e com o mesmo sucesso em Lisboa. Embora não sejam referidos os atores, sabe-se, por referências posteriores, que António Cardoso participou do elenco (*O Ocidente*, 352, 1/10/1888, p. 218).

A partir desta data as notícias sobre Cardoso vão-se tornando rotineiras, sinal de que a sua afirmação enquanto ator se foi construindo. Nos diferentes periódicos o seu nome começa a constar do elenco na comédia *O Bibi*, de Moura Cabral, protagonizada pelo ator Vale. Na caricatura que acompanha a notícia, a matrafona parece ser António Cardoso. A peça foi bem recebida pela crítica, mas o público não se envolveu, considerando o crítico «Irran» (pseudónimo do escritor Fialho de Almeida) que o público não teve artes de a apreciar (*Pontos nos ii*, 202, 28/03/1889, p. 102).



Principais figuras da peça *O Bibi*. Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, *Pontos nos ii*, 202, 28/03/1889 (vd. n.º 7 do Anexo).

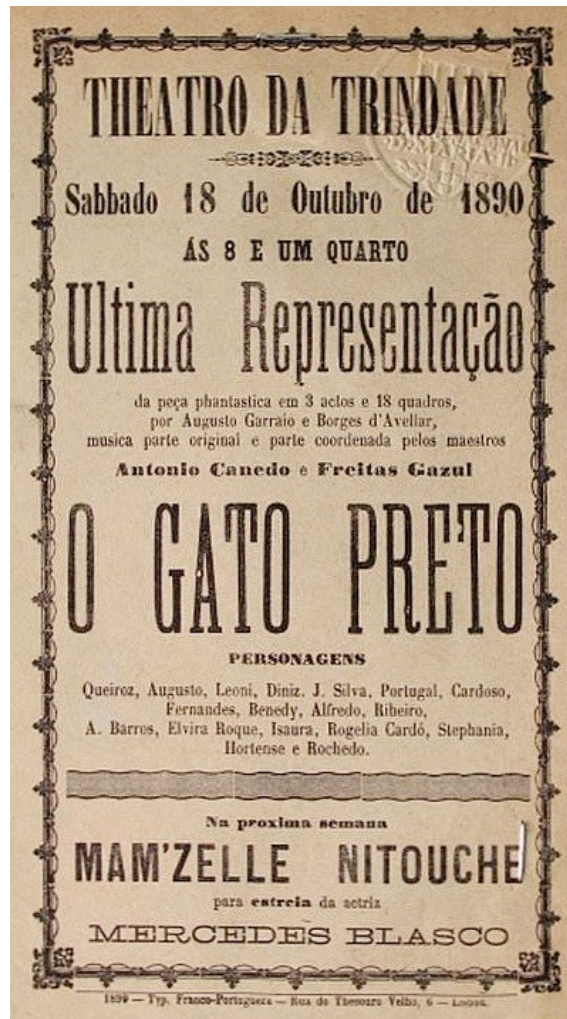
Participa em várias peças ao mesmo tempo, em dias alternados, embora haja períodos, sobretudo com peças de maior sucesso, em que no mesmo dia se apresenta em



duas comédias diferentes. De facto, a apresentação de várias peças simultaneamente, num curto espaço de tempo, é uma das marcas do Teatro do Ginásio que permanece ao longo dos anos.

No Teatro do Ginásio esta tendência para apresentar simultaneamente várias peças num curto espaço de tempo é que uma marca que permaneceu ao longo dos anos. Neste caso houve um «aluvião de peças novas e todas consideradas de primeira ordem»: *Meio-Tostão*, *Os Pardais* e *O Dr. Jojó*. (*Pontos nos ii*, 179, 18/10/1888, p. 739). A estas junta-se *O Alfaiate de Senhoras*, comédia que tivera notável êxito em Paris (*O Ocidente*, 356, 11/11/1888, p. 250) e *Durand e Durand*, onde o desempenho dos atores Vale e Bárbara recebeu palavras elogiosas (*O Ocidente*, 358, 1/12/1888, p. 266). Mais tarde, estrearam *O Sr. Governador*, em tradução de Leopoldo de Carvalho e *Férias do Casamento*, traduzida por Gervásio Lobato (*A Comédia Portuguesa*, 27/04/1889), e *Os Alfacinhas na província* (*A Comédia Portuguesa*, 25/05/1889). Não foi encontrada referência à participação de António Cardoso em qualquer destas peças.

Depois de ter ingressado no Ginásio, a primeira notícia que se conhece da passagem de António Cardoso por outro teatro data de 21 de Novembro de 1888 e refere que substituirá o ator Augusto na peça *O comboio de recreio* em cena no Teatro da Trindade. A doença do referido ator levou à interrupção temporária da peça logo após a segunda representação, dando a Cardoso a oportunidade de o substituir, tendo-se tornado um grande êxito (*O Ocidente*, 11º Ano, 357, 21/11/1888. p. 258). Em Julho do ano seguinte há notícia de António Cardoso ter atuado na peça *Gato Preto* ainda no Teatro da Trindade. A notícia não identifica o tipo de espetáculo se tratava, mas depreende-se que seria uma mágica, espetáculo misto de teatro e canto, pois, como refere a notícia, também participou a cantora Blanche, vinda do São Carlos, e artistas de ópera cómica, Fantony e Isaura. Do elenco faziam parte vários atores do Ginásio: Joaquim Silva, Leoni, Augusto, Diniz, Setta, Ribeiro, Bensaúde, Portugal, Sales e Amélia Barros. A notícia salienta que «raras mágicas têm a felicidade de ser representadas por tantos e tão aplaudidos artistas cómicos». A peça foi um sucesso de público, e António Cardoso teve destaque da crítica, a quem a sua «plasticidade artística agora num misto de teatro, ópera e mágica» surpreendeu (*O Ocidente*, 381, 21/06/1889)



Cartaz publicitário da peça *O Gato Preto* no Teatro da Trindade

Em 1890 estreia-se a célebre comédia *O Comissário de Polícia*, de Gervásio Lobato, peça que acompanhará a história do Ginásio e a carreira de António Cardoso. Nesta altura, sob a direção de Leopoldo de Carvalho, coube-lhe um papel secundário, o Escrivão. Mais tarde passaria a desempenhar o protagonista, papel de tal maneira marcante para Cardoso que o público o identifica imediatamente com a personagem. A peça teve um êxito colossal e o desempenho de António Cardoso não passou despercebido ao dramaturgo, que, fazendo elogio em causa própria, dedicou toda uma crónica a esta apresentação (*O Ocidente*, 410, 11/05/1890, p. 106).

O mesmo sucesso tiveram *Hotel Luso-Brasileiro* (*Pontos nos ii*, 284, 3/12/1890, p. 391) e *O Condecorado*, de Henri Meilhac. Nesta peça, muito considerada pela crítica parisiense, foram elogiados os desempenhos de Beatriz, Soler, Elói e António Cardoso. Todavia, a peça foi inicialmente recebida pelo público com alguma frieza, dado que diferia do estilo de «comédia solta» a que estava habitua no Ginásio (*O Ocidente*, 429,

21/11/1890, p. 258). Por fim, ainda nesse ano e, mencione-se *Mulheres Carraças*, de Léon Gandillot.

Em 1891, António Cardoso participou em algumas peças levadas à cena no Teatro da Trindade, antes de ser novamente escriturado para o Ginásio (Cf. Apêndice).

No ano seguinte, o seu trabalho é referido aquando de estreia da comédia em três atos *A Filha do Regedor*, de António de Campos Júnior, (*O Ocidente*, 480. 21/04/1892) com direção de Leopoldo de Carvalho. A crítica foi muito positiva, sugerindo que o Ginásio ganharia em dar-lhe papéis de mais fôlego, pois se revela um excelente ator de farsa e de comédia. É por esta altura que António Cardoso começa a receber críticas mais consistentes. Por exemplo, na peça *Desaparecido*, comédia em três atos de Bisson e Sylcane, na tradução de Moura Cabral, o seu desempenho, juntamente com o de Marcelino Franco, foi destacado pela crítica, que realça a «jogralidade patente das respetivas figuras, tão favorecidas da fantasia como longe da realidade».

Em 1892 António Cardoso era já um ator conceituado no panorama teatral. E, neste ano, um grande acontecimento ocorre na sua vida de ator. A 1 de Junho participa no espetáculo de encerramento do ciclo de festas de caridade organizado sob o alto patrocínio da rainha D. Amélia em apoio das vítimas da «tremenda catástrofe do norte» (de Portugal) e do «operariado português». A sua participação revela a importância que o ator já possuía entre as pessoas ligadas ao meio artístico e teatral.

Gervásio Lobato, na revista *O Ocidente*, deu grande destaque à festa realizada no Teatro São Carlos:

Tomaram parte nessa festa os srs. marquês de Fronteira e Ruy Colaço executando magistralmente a dois pianos um difícil e lindíssimo concerto de Saint-Saëns, que fez enorme efeito, o sr. João de Gouta recitando excelentemente, com a simplicidade dum mestre, uma poesia expressamente escrita para a festa por seu pai o ilustre poeta Tomás Ribeiro, e os srs. Pinto da Cunha e D. José d'Almeida cantando aquele uma romanza italiana, este o cântico das vagas, poesia portuguesa de Lopes de Mendonça, música de Victor Husola, o sr. Guilherme Ribeiro, o distinto professor do conservatório com o seu orfeon primorosamente ensaiado e executado, o sr. Victor Husola, o eminente professor regente da Real Associação dos Amadores de música, dirigindo o concerto instrumental em que tomaram parte 180 executantes – os amadores de música reunidos à Associação 24 de Julho, – e de que foram o *clou* as suas três magníficas rapsódias de música portuguesa e finalmente catorze dos nossos mais notáveis artistas cómicos, Jesuína, Bárbara, Florinda, Amélia Barros, Taborda, Vale, Alfredo de Carvalho, Dias, Silva Pereira, Cardoso, Setta, Queiroz, Augusto e Melo; representando como verdadeiros

mestres uma farsa num acto *O Festim de Baltasar*, escrita expressamente para esta representação pela pessoa que escreve estas linhas. («Crónica Ocidental», *O Ocidente*, 485, 11/06/1892)

Nesse ano António Cardoso apresenta-se no Teatro da Rua dos Condes na peça *O Solar dos Barrigas*, de Gervásio Lobato, com música de Ciríaco de Cardoso. Foi um êxito que, segundo os jornais da época, terá excedido todas as expetativas. Apesar da apresentação acontecer em setembro, estava-se ainda na pré-temporada que, dum modo geral, era inaugurada nos primeiros dias de outubro. O desempenho de Cardoso é elogiado distinguindo-se pela sua sempre «exuberante veia cómica». (*O Ocidente*, 494, 11/09/1892).

Em 1893 o Ginásio apresenta *O Filho do Major*, comédia de António Maria de Campos Júnior, militar, jornalista e dramaturgo, escolhida por António Cardoso para a noite do seu benefício. A crítica que acompanha uma caricatura dos atores nos seus fatos de cena ironiza a adesão popular ao espetáculo:

Com muita barretina e bastantes ditos engraçados subiu à cena no Ginásio, em benefício do ator Cardoso, *O Filho do Major*, peça militar do sr. Campos Junior, um comediógrafo de valor. A peça é talvez mais própria para ser desempenhada num quartel por sargentos amadores, que decerto aguentariam com mais garbo as mochilas do que os artistas do Ginásio. Apesar disso é ouvida com agrado por paisanos e vivandeiras. (*O António Maria*, 376, 8/04/1893, p. 70)



Caricatura não assinada (Rafael Bordalo Pinheiro?), *O António Maria*, 1893, n.º 376, p.70. António Cardoso é possivelmente o segundo soldado a contar da esquerda (vd. n.º 17 do Anexo)

Nesta época era costume, após o fecho da temporada, os atores de dois ou mais teatros organizarem-se em pequenas companhias para rentabilizarem economicamente

os meses de verão, trabalhando noutros teatros da capital e da província. Foi numa dessas companhias de verão, reunindo vários atores do Ginásio – Vale, Beatriz Rente, Marcelino Franco e Virgínia Farrusca –, que António Cardoso se apresentou no Teatro Avenida em Junho de 1894. Na revista *O Ocidente* encontrou-se uma primeira referência da passagem do ator por esse teatro em Junho de 1894, onde este grupo de artistas ensaiou o seu primeiro espetáculo. António Cardoso foi o segundo ator masculino, logo atrás de Vale (*O Ocidente*, 558, 21/06/1894).<sup>11</sup>

O crítico da revista *O Ocidente*, Gervásio Lobato, sempre deu um lugar de destaque nas suas crónicas ao Teatro do Ginásio, aos seus atores e diferentes agentes. Com a sua morte, em Maio de 1895, toma o seu lugar de cronista D. João da Câmara, que de imediato altera a linha editorial da crónica teatral, ignorando praticamente o Ginásio nas suas notícias e concentrando as suas atenções nos teatros D. Amélia, D. Maria, São Carlos e Príncipe Real. Desta forma se fica a saber que António Cardoso trabalhou também no teatro D. Amélia, onde representou, com Jesuína, Vale e Silva Pereira, o terceiro ato da peça *O Comissário de Polícia* (*O Ocidente*, 593, 15/06/1895).<sup>12</sup> A sua apresentação neste teatro esteve integrada na derradeira homenagem a Gervásio Lobato feita por todos quantos com ele privaram, pessoal ou profissionalmente, tendo os proprietários e empresários do D. Amélia cedido a sala para a realização dessa homenagem. Todos os primeiros artistas portugueses, poetas e escritores, gente das artes e amantes do teatro participaram nesta homenagem.

Embora António Cardoso tenha consolidado a maior parte de seu percurso teatral ao palco do Teatro do Ginásio, não deixou de trabalhar noutros teatros da capital e do país, como atestam os periódicos e o *corpus* documental aqui levantados. Para além da Sociedade Guilherme Cossoul, onde se estreou, e do Teatro do Rato, para onde se transferiu em seguida, António Cardoso teve, também, a oportunidade de trabalhar em quase todos os teatros lisboetas. Ao que parece – e até ao momento não pude encontrar um suporte documental que o indique – António Cardoso nunca chegou a pisar o palco do Teatro D. Maria II.

---

<sup>11</sup> António Cardoso haveria de voltar ao Teatro da Avenida no Verão de 1901 integrando o elenco da peça *O Cabo da Caçarola* com o seu colega Telmo Larcher, onde interpretou a figura do rei D. Cabrito, que se tornou um grande sucesso. (*Brasil-Portugal*, 58, 16/06/1901)

<sup>12</sup> Em 1908 regressará ao teatro D. Amélia para, juntamente com Mercedes Blasco, Telmo Larcher e Alexandre Ferreira participar na peça *Tirano da Bela Urraca*, uma paródia de Marcelino de Mesquita ao *Cyrano de Bergerac*. Voltará ainda em Abril de 1909 para representar na comédia *O Pinto Calçudo*, de Ernesto Rodrigues e André Brun, outro sucesso emblemático da sua atividade artística. Emparceirou várias vezes com Silvestre Alegrim e Telmo Larcher fazendo uma tripla que levava o público às lágrimas.

## 2.2 António Cardoso: uma carreira vista pela imprensa

### 1895-1900

Nos últimos anos do século XIX o Ginásio era um dos mais populares teatros de comédia; a grande estima do público por este teatro devia-se, seguramente, aos atores que pisavam o seu palco: as grandes figuras de um passado recente – como Taborda, António Pedro, Montedónio ou Emília Cândida e Emília Letroublon – e as de agora, que já eram artistas de mérito ou iriam revelar-se como figuras de relevo: Vale, Telmo Larcher, Elói, Marcelino Franco, Jesuína Marques, Bárbara Volckart e António Cardoso. E devia-se também ao seu público jovial e generoso, que fazia das noites de estreia uma garantia de êxito quando as peças agradavam.

Foi o que sucedeu com a farsa *Zaragueta*, em tradução de Leopoldo de Carvalho. O desempenho de António Cardoso mereceu rasgados elogios da crítica. O jovem ator Carlos Santos, recém-chegado então ao Ginásio, contaria mais tarde:

O conjunto harmonioso da representação, entregue a Bárbara, Juliana Santos, Elói, Cardoso, José Baptista e Carlos Santos, concorreu de tal forma para o agrado da peça que Bordalo Pinheiro deixou-o graciosa e artisticamente assinalado numa página do *António Maria*, de 6 de Dezembro de 1894, o que, naquele tempo, dava ao facto teatral a consagração definitiva. (Santos 1950: 62).

E com efeito lá está o elenco completo pela pena de Manuel Gustavo, filho de Rafael Bordalo Pinheiro, onde uma figura que nos parece ser António Cardoso ocupa a posição central. A legenda breve salienta o trabalho da companhia, «inexcedível de graça e de bom humor» (*O António Maria*, 6/12/1894).

António Cardoso era um profissional exímio. Para comprová-lo basta dizer que, na crítica da revista *Os Theatros* à peça *Alegrias da Paternidade*, bem negativa para a peça e para os atores, só António Cardoso foi menos atingido, considerando o crítico que não estava à vontade no papel que lhe coube. Nem o teatro fica bem no retrato, acusado de apresentar peças de pouco valor literário e de fraco conteúdo que, embora façam rir o público, não deixam história (*Os Theatros*, 7/11/1895).



*O António Maria* também dá conta da fama de António Cardoso ao destacar o seu nome entre os grandes cómicos da época quando, na temporada de Verão do Teatro D. Amélia, se representou o *D. Quixote*: «Vale de *D. Quixote*, Cardoso de *Sancho Pança* e Augusto de *barbeiro* estão três tipos de nos arrancarem gargalhadas retumbantes. Imaginem esses três a dizerem prosa e verso de Eduardo Garrido e podem já calcular o que é o *D. Quixote*» (*O António Maria*, 26/07/1895). E, se não bastassem as palavras, aí estavam as figuras dos três actores, em fatos de cena e expressões características, desenhados por Manuel Gustavo.



Os atores Augusto, Vale e Cardoso em caricatura de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, *O António Maria*, 1895, n.º 426, p. 94 (vd. n.º 22 do Anexo).

O Teatro do Ginásio abriu o ano de 1898 com a comédia de Eduardo Schwalbach, *A Senhora Ministra*: «um desenho perfeitíssimo de vários tipos que estamos acostumados a ver todos os dias e de um meio corrompido e intrigante, onde se debatem todas as paixões e todos os vícios, tendo por único ponto de mira a ambição» (*Branco e Negro*, 94, 16/01/1898).

As notícias da apresentação da peça *A Primeira Pedra* deixaram o leitor perante uma curiosa situação, a de ter tido duas críticas antagónicas, uma positiva e uma negativa. Segundo D. João da Câmara, o drama de Luís Galhardo, representado no Teatro do Ginásio em benefício do ator Joaquim de Almeida,

teve o raro merecimento de comover toda uma plateia que, entusiasmada, aplaudiu com longas chamadas, o autor e os principais intérpretes da obra, A peça tem efetivamente um merecimento singular. Foi escrita num só momento

de inspiração e toda a mocidade do autor referve em cada cena. (*O Ocidente*, 721, 10/01/1899)

Todavia, a revista *Brasil-Portugal*, considerou que a peça

embonada e retumbante, falha de observação direta, moendo um tema gasto, palavrosa, artificial, não logrou impor-se à aceitação do público, apesar da afetuosa celebração da primeira noite. O sr. Luís Galhardo é um novo, cheio e sinceridade e talento [...] Simplesmente, como a prática da profissão lhe falta, as faculdades de realização não o secundaram [...] Porque um bom escritor de teatro não rompe de improviso. (*Brasil-Portugal*, 1/02/1899)

Uma crítica teatral está sempre refém de quem a faz: daquilo que os críticos sentiram ao assistir à peça, mas também do relacionamento que têm com o autor, com o empresário, com o diretor da companhia ou a companhia em geral, que é, quase sempre, imbuído de um preconceito, embora seja possível discordarem sobre o que acabaram de assistir.

Há ocasiões, porém, em que são unânimes. Nesse ano o Ginásio acolhe a companhia da atriz Lucinda Simões. Por sua iniciativa, a atriz arriscou apresentar um drama nesta casa que era, por excelência, da comédia. Apresentou a peça de Ibsen *Casa de Boneca*, que D. João da Câmara aplaudiu na sua «Crónica Ocidental» (*O Ocidente*, 728, 20/03/1899). Na revista *Brasil-Portugal* refere-se o sucesso da peça e outro escritor, Abel Botelho, nota: «O Ginásio enche-se literalmente, e os lugares são avidamente disputados por quanto em Lisboa há de mais inteligente e mais distinto. O desempenho de Nora, a protagonista do drama, feito por Lucília Simões, a filha de Lucinda, é positivamente um assombro.» (n.º 6, 1/04/1899). Botelho publicaria, no número seguinte do *Brasil-Portugal*, uma extensa crítica sobre a peça, o autor e a protagonista.

Em simultâneo com *Casa de Boneca*, que fazia pensar às terças-feiras, o Ginásio tinha em cena as comédias *A Senhora Ministra*, *O Baile de Máscaras*, e *As Alegrias do Lar*, que faziam rir durante os outros dias da semana.

No virar do século, António Cardoso desempenhava o papel de Marzotti no drama *Aleluia*, do italiano Marco Praga, em tradução de Luís Galhardo (*Brasil-Portugal*, 22, 16/12/1899), e participava na reposição de um êxito, *O Califa Harum Al-Rachid*, na versão de Freitas Branco (*Brasil-Portugal*, 42, 16/10/1900).

Na sua meritória função de documentar o teatro que se fazia em Lisboa, a rubrica «O Cartaz da Quinzena» (*Brasil-Portugal*, 23, 1/01/1900) publica os elencos das



peças em cartaz e em vésperas de estreia. Ficamos a saber que se prepara a estreia de *O Salta-Pocinhas*, comédia de André Sylvane e Jean Gascogne com tradução de Moura Cabral, onde António Cardoso desempenha o papel de Manillon.

Foi um novo sucesso para o Ginásio, dando-lhe «honras e lucros», e é a peça escolhida por António Cardoso para a récita em seu benefício, o qual é pela primeira vez noticiado na imprensa.

No papel que lhe coube brilham à vontade a sua veia cômica, que tem o privilégio de provocar sempre a hilaridade aos mais sorumbáticos, através duma gravidade do modo de dizer, de uma compostura e seriedade no gesto, que é realmente o característico da sua corda artística.

Dos três atos do *Salta-Pocinhas* o mais bem feito, o que mais abunda em situações desopilantes, o que tem o público em gargalhada constante é sem dúvida o segundo. Ato feito por mão de mestre, cortado de episódios qual deles mais engraçado e imprevisito, e sobressaindo a todos o daquela situação única, em que Telmo e Cardoso trocam o fato em cena para o primeiro se disfarçar, deixando o outro entalado, situação de tal ordem que há perigo de não chegar ao fim, abafada pelo riso espontâneo e estridente que rebenta por todos os lados da sala. (*Brasil-Portugal*, 25, 1/02/1900)



Telmo Larcher e António Cardoso em fotografias de estúdio que recriam o quadro da troca de fatos no *Salta-Pocinhas*. (vd. figuras XX e XX do Anexo).

António Cardoso atravessa um momento de grande atividade. Primeiro na comédia burlesca *Águas de S. Crispim (bicarbonatadas, líticas e gasosas)*, de Manuel Penteadó e Luís Galhardo, desempenhando o papel de Teotónio Félix (*Brasil-Portugal*, 25, 1/02/1900); depois na comédia *O Terra Nova*, original de Alexandre Bisson com tradução de João de Freitas Branco (n.º 27, 1/03/1900; e, no mês seguinte, desempenha o papel de «Comandante» na comédia *Fogo de Vistas*, de Freyer e Colias, traduzida por Melo Barreto, que a revista considera ser «uma verdadeira fábrica de gargalhadas» (n.º 29, 1/04/1900).

### 1901-1910

O Teatro do Ginásio continua com o seu público fiel, que o faz manter-se em voga e ao mesmo tempo lhe dá rentosas representações. Aconteceu com *O Terra Nova* e com *Águas de S. Crispim*. Todavia, para Abel Botelho «o mais rijo e recente acontecimento da quinzena» foi a representação do «drama de capa e espada» *Viriato Trágico*, de Júlio Dantas, no Teatro D. Amélia (*Brasil-Portugal*, 28, 16/03/1900)

Outro sucesso de público e outra mina para a empresa é, seguramente, a comédia *Fogo de Vistas* (no original, *Plaisir d'amour*). No entanto, Abel Botelho, apesar de lhe reconhecer este mérito acha-a uma peça «emaranhada, incoerente e estúrdia» que em nada acrescenta ao palmarés deste teatro. (*Brasil-Portugal*, 31, 1/05/1900).

Todavia, se uma peça não ganha os favores da crítica – ainda que ganhe os do público – logo outra a faz rebentar a rir como aconteceu com a peça *A Bisbilhoteira*, de Eduardo Schwalbach, que «caiu nas graças dos *habitués* deste teatro». A comédia parece satisfazer todos os requisitos: «tem situações inesperadas, personagens dum cómico irresistível, ditos de requintado espírito e um desempenho de primeira ordem» («O cartaz da quinzena», *Brasil-Portugal*, 32, 16/05/1900). Não irá, porém, ficar muito tempo em cena, pois está prevista uma digressão ao Brasil organizada pelos irmãos Gil e Alfredo dos Santos. Tem-se quase por certo que António Cardoso também fez parte desta digressão.

Na reabertura do Ginásio apresenta-se *A Ciumenta*, de Alexandre Brisson e Adolphe Leclercq, em tradução de Leopoldo de Carvalho. António Cardoso desempenha o segundo papel masculino, emparceirando com Bárbara Wolckart na criação dos Brunoís, contracenando com a «filha» Adelaide Coutinho (a protagonista) e

o «genro» Telmo Larcher. Era recorrente a distribuição deste tipo de papéis por estes três atores: Bárbara, Telmo e Cardoso. A crítica, apesar de positiva – Adelaide Coutinho «é uma atriz na mais exata significação da palavra», Telmo «sempre correto e sempre engraçado» – faz um reparo: «Cardoso e Bárbara muito bem, havendo talvez a notar naquele mais sobriedade nos lances cómicos, que às vezes nele descaem no burlesco. Todos mereceram os aplausos com que o público os compensou.» (*Brasil-Portugal*, 43, 1/11/1900)

Fruto das suas características físicas, que o faziam parecer mais velho do que na realidade era, António Cardoso recebia, na distribuição do elenco, o papel de sogro e foi-se tornando especialista do tipo. Assim é na peça *O Pelintra* de Barriérre e Thiboust, traduzida por Freitas Branco, onde fez «Honório Beljames», o sogro do advogado Fontelais, representado por Telmo Larcher (*Brasil-Portugal*, 44, 16/11/1900).

António Cardoso é um ator de fama. Note-se, como exemplo, um divertido texto do jornal *A Paródia*, assinado por «O Outro Eu», em que se conta uma conversa com Cândido de Figueiredo<sup>13</sup> na redação do *Diário de Notícias*. A determinada altura falou-se de um certo autor, que o texto não revela:

— Tem muito talento, esse rapaz, dizia-nos o Dr. — Mas devia cuidar mais de apurar a pena.

O Dr. anda muito alheio ao nosso mundo dos teatros.

Explicámos-lhe que os nossos autores dramáticos, em cada nova peça que fazem, pensam sempre muito mais em apurar uns quatrocentos mil réis.

Nisto, interrompendo a escrita, o Snr. Oscar May<sup>14</sup> perguntou, em voz alta, lá do seu lugar:

— Ó Cândido de Figueiredo: Cardoso tem acento?

— Qual Cardoso?

— O Cardoso do Ginásio...

— Se tem! E um grande acento, enorme circumflexo!

(«Os estrangeirismos», *A Paródia*, 128, 25/06/1902. Vd. n.º 4 do Anexo)

Apesar de ser um ator de renome, falta a António Cardoso ser reconhecido com o estatuto de grande ator, facto que acontece nesta época e perdurará até ao fim dos seus dias. Por várias vezes Cardoso chega a trabalhar em duas peças no mesmo dia, para

---

<sup>13</sup> O linguista António Cândido de Figueiredo (1846-1925), autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

<sup>14</sup> Alfredo Óscar de Azevedo May oficial do Exército e geógrafo; foi, com Cândido de Figueiredo, um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa.

satisfazer as necessidades da programação do Ginásio, chegando este a dar espetáculos variados todas as noites, pelo menos até 9 de março de 1902.

Em Abril de 1901 há duas peças em cena. Uma, *Empenhoca*, é uma comédia em quatro atos de Freitas Branco, apresentada no benefício do ensaiador Leopoldo de Carvalho, na qual António Cardoso faz «José da Horta» e onde «têm as honras de desempenho Inácio, Marcelino e Cardoso». Tem a felicidade, esta revista, de trazer duas fotografias da peça, encontrando-se, numa delas, António Cardoso em todo o seu esplendor (*Brasil-Portugal*, 54, 16/04/1901). A segunda é um original de Xavier Marques, *A Conquista de Napoleão*, e o papel de Napoleão é confiado a António Cardoso (*idem*, 53, 1/04/1901).

O ritmo de peças em preparação e ensaios não abrandava. *O Severo*, original de Eduardo Garrido, que se representará também em benefício do ator Soler, agradou bastante ao público do Ginásio, «contribuindo largamente para isso o desempenho com muito critério confiado» aos atores, entre eles, António Cardoso. (*Brasil-Portugal*, 57, 1/06/1901). No mesmo mês António Cardoso participou também na peça *Aleluia*, drama em três atos de Marcos Praga com tradução de Luís Galhardo, representando o papel de Marzotti. A estreia foi noite do benefício de Joaquim de Almeida, sendo o teatro Ginásio nesta altura dirigido por Henrique Sant'Anna (*Brasil-Portugal*, 56, 16/05/1901).

A temporada seguinte inicia-se a 1 de Outubro com a comédia *Doidos com juízo*, outro grande sucesso. Enquanto isso, preparava-se a estreia, ainda esse mês, de um original de Rafael Ferreira, *Manobras Conjugais* com António Cardoso no papel de «Coronel Castro» (*Brasil-Portugal*, 16/09/1901 e 1/10/1901).

António Cardoso vive uma época de abundância: abundância de trabalho, de críticas positivas, de afirmação como grande ator no panorama teatral lisboeta. A sua capacidade de trabalho é inesgotável. Trabalha em duas peças por noite e ensaia durante o dia as peças seguintes. Todas elas sucessos. Momentos houve em que dificilmente se consegue aperceber que peça é representada nessa noite, tal a profusão de peças. Da mesma maneira, custosamente se consegue perceber que peça está António Cardoso a representar. As peças no Ginásio sucedem-se: uma peça alemã de Von Moser, *O Senhor Tenente*, os ensaios de *O Filho Artificial*, peça inglesa em três atos, adaptada para português por Freitas Branco, *Casamento Político*, peça em um ato de Sabino Correia Junior, e *O Motete*, peça espanhola traduzida por Carlos Trilho (*Brasil-Portugal*, 66, 16/10/1901).

No início de 1902 está António Cardoso em cena com a peça em três atos de Brisson, *Le Bom Juge*, traduzida para português por Acácio Antunes com o título *Juiz duma Cana (Brasil-Portugal, 71, 1/01/1902)*. Em Março apresenta-se em *Os Inquilinos do senhor Blondeau* e em *História dum Crime*, traduzida por Emília Eduarda (*Brasil-Portugal, 75, 1/03/1902*).

Em Outubro ensaia *O Espiritismo*, peça traduzida do alemão por Freitas Branco, e sobe ao palco em *O Desaparecido*, a que a crítica apontou falhas de representação:

Melhor seria que os atores, Joaquim de Almeida à parte, se compenstrassem bem das situações e não se importassem com o público. Telmo falha muito neste sentido e, de mais a mais, tem sempre os olhos na plateia. O que procura ele? Sarmento é monótono. Cardoso bem no criado. (*A Comédia Portuguesa. 30/10/1902*).

Uma vez mais António Cardoso passa ao lado das críticas negativas que atingem grandes nomes dos palcos, sendo, inclusivamente, o seu papel elogiado. O seu trabalho em *O Espiritismo* é elogiado pela revista *Brasil-Portugal* (nº 92, 16/11/1902) e pela *A Comédia Portuguesa* (17/11/1902). Agradando ao público e à crítica como primeira figura da comédia burlesca *O Papão*, na versão de Freitas Branco (*Brasil-Portugal, 92, 16/11/1902*), António Cardoso escolhe esta peça para a sua noite de benefício (*Brasil-Portugal, 93, 1/12/1902*).

O teatro Ginásio intercalava reposições, sobretudo aquelas que davam dinheiro aos seus cofres, com as estreias que era seu apanágio apresentar. Assim, durante o período natalício foi reposta a peça de Eduardo Schwalbach *A Senhora Ministra*, na qual António Cardoso faz «Jacinto» (*Brasil-Portugal, 94, 16/12/1902*) e no início do ano novo representa em *Cabeça de Burro*, peça alemã traduzida por Xavier Marques, escolhida para benefício de Joaquim de Almeida. (*idem, 96, 16/01/1903*)

Tanto quanto sabemos, António Cardoso nunca conheceu a amargura do desemprego. Desde a sua estreia os únicos momentos em que não trabalhou foram aqueles motivados por questões de saúde. Mesmo nos meses de Verão fazia parte das itinerâncias da sua companhia do Ginásio ou companhias formadas apenas para aqueles meses.

Em 1903, com *Ministro de Água Furtada*, Cardoso vê o seu desempenho a ser muito elogiado: «No seu comendador bric-à-braquista tira abundantes efeitos cómicos da cómica figura de que se incumbiu» (*Brasil-Portugal 99, 1/03/1903*). Noutra comédia, *O Menino Joaozinho* apresentada para a festa de Leopoldo de Carvalho, o

ensaiador deste teatro, António Cardoso viu o seu trabalho de ator ser igualmente aplaudido (*Brasil-Portugal*, 101, 1/04/1903). A revista *O Grande Elias*, nos seus números 7 e 11, destaca a participação do ator na peça *O Bode Expiatório*, considerando que esteve «muito à vontade num papel bem talhado para a sua veia cómica», tirando fortes aplausos. «H.T.» faz um grande elogio à peça e à representação dos atores. (12/11/1903 e 10/12/1903). Não tem, porém, muito tempo para saborear o sucesso, em Dezembro faz parte do elenco da peça *O Outro Sexo*, sendo-lhe atribuído um dos principais papéis masculinos (*O Grande Elias*, 10/12/1903), e de *Casados Solteiros* (*Brasil-Portugal*, 117, 1/12/1903).

É nesta altura que se levanta uma questão de suma importância sobre a verdade jornalística em questões teatrais: como saber se são sinceros os elogios às peças publicados na imprensa. «H.T.», pseudónimo do crítico de *O Grande Elias*, cuja identidade não pudemos apurar, revela um aspeto que, a ser verdade, é tremendamente grave: a manipulação, por simpatia, da notícia. E dá como exemplo a peça *Casados Solteiros*:

Quando no dia seguinte ao da primeira representação desta comédia, o acaso nos deparou os jornais da capital, [com] assombro lemos umas locais que mais ou menos diziam o seguinte: «A comédia tem um entredo bem urdido, cenas de seguro efeito e excelentes finais de atos. Todos os atores que nela tomaram parte se mantiveram na altura a que o seu talento os elevou. Foi freneticamente aplaudida.»

E continua o crítico:

São as palavras sacramentais, as frases benévolas com que igualmente a maioria da imprensa acolhe, quase sempre, as produções teatrais, embora [...] não tenham, como os *Casados Solteiros*, uma única cena que o bom senso e o assisado critério se não vejam obrigados a condenar em toda a força. Ora a comédia *Casados Solteiros* não foi aplaudida frenética nem placidamente, mas sim recebida com uma justa e, aliás, natural indiferença, e o desempenho correu paralelo ao mérito literário da peça. [...] É deplorável que artistas, alguns de merecimento, tão impensadamente se deixem arrastar por uma torrente de desvarios que os leva, fatalmente, ao indiferentismo público. Até já os papéis se não estudam convenientemente, dando lugar a que o espetador ouça duas vezes na mesma noite a mesma comédia; uma vez pelo ponto, outra pelos artistas. (*O Grande Elias*, 7, 12/11/1903)

A crítica acima citada apresenta uma questão de suma importância, que é a de saber que garantia de isenção têm os leitores ao ler as notícias de carácter teatral. «H.T.»,

dizendo «verdades tão amargas», sugere a existência de uma publicidade encapotada de notícia, em troca, por exemplo, de bilhetes gratuitos para os jornalistas, retirando à crítica o seu valor intrínseco, provocando uma deturpação da realidade.

Das variadas notícias pesquisadas para este trabalho tendo como fonte «H.T.» não nos pareceu que este crítico se tivesse aproveitado da sua condição de jornalista para se vingar de desentendimentos passados, antes um crítico justo na sua análise. A notícia não tem um recetor identificado, não sendo, pois, possível saber a quem «H.T.» especificamente se dirige. A polémica envolve jornalistas, atores e empresários. Não encontramos registo sobre reações de outros periódicos a esta peça; parece, contudo, não terem sido negativas pela forma como a notícia é apresentada.

Mais tarde, «H.T.» afirma mesmo a sua isenção deste modo: «como qualquer espetador, compramos o nosso bilhete para as *premières*, e assim, livres de quaisquer compromissos, podemos com sinceridade relatar as nossas impressões». (*O Grande Elias*, 11, 10/12/1903)

Oito anos antes, em 1895, já o efémero jornal *Os Theatros* tinha alertado para a cumplicidade entre empresários e jornalistas, tomando a iniciativa de advertir o seu público nestes termos:

É de uso todas as publicações fazerem no seu primeiro número um extenso programa, porém nós achamos desnecessário fazê-lo para a nossa publicação, porque não nos incomoda que as doutrinas expendidas nela agradem ou desagradem, pois temos uma só lei – a consciência, e como tal declaramos que não aceitamos bilhetes de empresas exploradoras de teatros. (*Os Theatros*, 1, 7/11/1895)

O teor da advertência repete-se em cada número: «A redacção deste periódico previne o público que não pede nem aceita bilhetes de favor nem das empresas teatrais nem dos artistas dramáticos» (*Os Theatros*, 5). Pela mesma altura, o semanário satírico *O Berro* publicava uma crítica geral:

Quando em quando, surge a pelintríssima questão das borlas nos teatros. Diz mal o jornalista porque o empresário não lhe dá bilhetes, sucedendo que o empresário não dá bilhetes porque o jornalista diz mal! Há o quer que seja de chulismo baixo que supura, sempre que a questão tem lugar. (*O Berro*, 1, 9/02/1896)

A imprensa continuará a ter um papel dúbio nas notícias sobre o teatro, e o bilhete de favor é uma instituição que perdura.

Entretanto, o Teatro do Ginásio vai apresentando êxitos. Em 1904 *O Grande Bolha* recebeu críticas positivas, quer para a peça quer para a representação (*O Grande Elias*, 19, 4/02/1904). A peça *Bebé e Totó*, em que participa António Cardoso, e é escolhida por Telmo Larcher para a sua festa, dá enchentes sucessivas. *Gente Para Alugar*, comédia burlesca, com tradução do original alemão de Freitas Branco, protagonizada por António Cardoso, destina-se à festa artística do «aplaudido ator Cardoso» (*idem*, 21, 18/02/1904).

Estas notícias são recorrentes ao longo das várias temporadas teatrais: o público vai ao Ginásio e sai de lá satisfeito depois de uma sessão de riso. As peças são bem acolhidas pela crítica, que as elogia, incentivando os leitores a vê-las, os cofres do Ginásio enchem-se à conta das enchentes que esgotam as sessões, e os atores, como é o caso de António Cardoso, tinham o seu público fiel que, propositadamente, ia ao teatro para ver os seus ídolos.

Já sobre a representação de *O Casebre*, peça em um acto de autor desconhecido, o crítico satiriza o seu fracasso dizendo que foi «*imensamente aplaudida* com ataques de tosse» (*O Grande Elias*, 19, 4/02/1904).

Nem sempre o desagrado do público se manifestava devido à má qualidade de uma peça, como neste caso. Por vezes era um efeito-dominó, aparentemente insolúvel e que já naquela altura era um dado adquirido. Um outro crítico de *O Grande Elias*, assinando sob o pseudónimo «D. Pengrenellas», revela outro fenómeno dos teatros desta época: as claques, que não são constituídas por entusiásticos admiradores de um autor ou de um artista, como seria de esperar.

O sistema adotado entre nós para a constituição das *claques* limita-se a contratar um homem, [...] fornecer-lhe vinte ou mais senhas de entrada e autorisá-lo a *engajar* vinte sujeitos todas as noites para aplaudir a torto e a direito os números principais de uma peça musical [...] ou para patear um determinado artista que o empresário admitiu por empenhos, mas de que deseja ver-se livre. [...] É desse grupo de homens que depende uma grande parte do êxito de uma peça. (*O Grande Elias*, 21, 18/02/1904)

Refletindo sobre a catadupa de peças em que António Cardoso participa, interrogamo-nos como conseguia ele aguentar um ritmo de trabalho tão intenso. O seu corpo estava longe de ser atlético, era antes possante, imenso, mas dotado duma surpreendente agilidade. Somente uma grande disciplina mental, um grande sentimento



do dever, uma indómita vontade de cumprir as suas obrigações profissionais poderiam explicar todo este fôlego artístico.

Na comédia *O Cinematógrafo*, António Cardoso – ator principal de peças anteriores – tem um papel mais secundário (*O Grande Elias*, 23, 3/03/1904). Para os espetáculos de benefício são sempre escolhidas peças com uma carreira de grande sucesso, e esta será a escolha do do ator Júlio Soler (*O Grande Elias*, 27, 31/03/1904), enquanto *O Ninho de Cupido*, comédia em três atos com tradução de Freitas Branco, é escolhida para o benefício de Leopoldo de Carvalho; conta com a participação de António Cardoso e com um papel de destaque. Também a revista *Brasil-Portugal*, em 1/04/1904, se refere às comédias *O Cinematógrafo* e *Na Lua-de-Mel*, as duas bem recebidas pelo público; sabemos que António Cardoso contribuiu para o sucesso da primeira, mas a imprensa não registou o elenco da segunda.

Entretanto o empresário Joaquim Pinto, que trouxera António Cardoso para o Ginásio, abandona o teatro com uma brilhante festa de despedida (*O Grande Elias*, 36, 2/06/1904), sendo substituído pelo ator Vale, que passa a ser o novo empresário mantendo-se à frente dos destinos desta sala pelo menos até outubro de 1905 (*O Ocidente*, 964. 10/10/1905). E no elenco que, sob a sua direção, fará a próxima temporada, destacou-se o nome de António Cardoso (*O Grande Elias*, 50. 8/09/1904).

Já sob a direção de Vale, a temporada foi inaugurada com a comédia *Comissário de Polícia*, de Gervásio Lobato (*O Grande Elias*, 52, 22 /09/1904). A peça foi um verdadeiro sucesso do Ginásio, obtendo frenéticos aplausos do público, e António Cardoso parece ter nascido para «eterno escrivão do comissário» (*Brasil-Portugal*, 138, 16/10/1904).

A peça *Os Amores de um Conselheiro*, na qual António Cardoso faz o papel de «Barão de Gumiel», não foi considerada por «H.T.» como um bom trabalho por parte do autor, Tavares de Melo; no entanto este crítico salienta que «o desempenho por parte das primeiras figuras foi excelente. Basta citar os nomes de Vale, Joaquim de Almeida, Cardoso e Jesuínas – Marques e Saraiva – para que se avalie do que seria o desempenho» (*O Grande Elias*, 57, 27/10/1904). No mesmo artigo «H.T.» toma a defesa do Ginásio quando, a propósito desta estreia, critica com dureza as pessoas que «por inimizades ou quaisquer outros motivos que nem queremos conhecer, vão para um teatro, unicamente, com o intuito de serem desagradáveis a autores ou a artistas, além de demonstrarem um péssimo caráter, dão também uma triste ideia da sua educação». A segunda peça, *Ciências Exatas*, é uma comédia ensaiada por Leopoldo de Carvalho.

Uma vez mais, António Cardoso entra nas duas. Na primeira, com um papel superiormente representado. Nesta, com Bárbara Volckart e Palmira Torres, é bastante elogiado pela revista *Brasil-Portugal* (1/11/1904).

É provável que António Cardoso não tenha participado na comédia a que Câmara Lima deu o nome de *Caramba*, apresentada na festa artística da atriz Bárbara Volckart, até porque se encontrava a representar outras peças (*Brasil-Portugal*, 146, 16/02/1905).

Cerca de um mês depois deu-se uma nova festa artística de António Cardoso com a peça *A Guerra ao Vinho*. É uma comédia inglesa transportada para português por Freitas Branco. Cardoso e Bárbara Volckart fazem «dois personagens de um cómico irresistível [...] que não se esquecem mais, porque [...] no palco são uma fábrica de gargalhadas explosivas em toda a sala» (*Brasil-Portugal*, 147, 1/03/1905).

O auge da atividade artística de António Cardoso não é um ponto definido num qualquer ano ou numa qualquer temporada. O seu auge é uma linha contínua que atravessa épocas e se mantém no tempo. António Cardoso não tem épocas mortas, períodos de abrandamento, fases de esquecimento. O passar dos anos não o afrouxa nem o relaxa, É escrupuloso nos ensaios, rigoroso na pontualidade e na assiduidade, chegando a ir para o teatro com duas horas de antecedência em relação ao horário da peça. O ritmo de trabalho mantém-se, e a recompensa é o carinho dos colegas e empresários, que o respeitam, e do público fiel, que o adora e nunca o abandonou com o passar dos anos. Novas gerações foram chegando ao teatro desde a sua estreia como ator. O público de outrora já não é o de agora, mas o Ginásio continua a esgotar sessões diariamente e o público continua a afluir com a mesma paixão de sempre – quer pelo teatro, quer pelos seus atores.

O Ginásio mantinha o seu ritmo frenético de apresentar várias peças simultaneamente. Teria de haver um grande rigor e uma grande disciplina tanto no cumprimento de horários como na participação nos ensaios, para que os atores conseguissem decorar vários papéis ao mesmo tempo. É o caso de António Cardoso neste caso específico, referente à peça *O Olho Vivo*. Comédia alemã traduzida por Xavier Marques, e escolhida por Joaquim de Almeida para a sua festa artística. Cardoso «conquistou as simpatias do público, manifestadas em risos e palmas cada vez que ali interpreta um personagem cómico, como o desta peça» (*Brasil-Portugal*, 167, 1/01/1906).

Em março de 1906 estreou-se *O Quarto Independente*, de Eduardo Coelho. O Ginásio continua a ser, para os frequentadores deste «elegante teatro», uma fábrica de gargalhadas provocadas, entre outros, por António Cardoso (*Brasil-Portugal*, 172, 16/03/1906). A galeria de críticas ao seu trabalho, é vasta. Agora o número 177 da revista *Brasil-Portugal*, de 1 de junho de 1906, refere que «o Ginásio deu [...] há poucas noites uma comédia interessantíssima», *O Tutor*, peça de Júlio de Mossinaul, que retrata a vidas parisiense, traduzida por José Soares e representada «admiravelmente».

A atividade do teatro Ginásio e a de António Cardoso entrecruzam-se não se sabendo, por vezes, separar uma da outra. Assim os êxitos, como o da peça *O Pai da Pátria* que mostrou ser imparável, contribuindo para tal as representações dos atores, entre elas, a sua. (*Brasil-Portugal*, 188, 16/11/1906).

Sabe-se que António Cardoso participou na peça de Grenet-Daneourt e traduzida por Acácio Antunes com o título *As Distrações da Viuvez* para a festa artística de Jesuína Marques. É mais um «manancial de gargalhadas... e desopila os fígados mais rebeldes». Os atores, incluindo António Cardoso, foram vitoriados pelo público através dos fortes aplausos (*Brasil-Portugal*, 189, 1/12/1906). Com «o título feliz, eufónico, bem português» de *O Papa-Léguas*, apresenta este teatro mais uma peça. Segundo a crítica, é notável: «É justo dizer que não vemos há muito em teatro de Lisboa uma comédia tão desopilante, tão cheia de espírito, tão rica de situações cómicas».

O ano de 1907 inicia-se com a peça *O Padre António*, comédia em três atos que tem feito as delícias do público do Ginásio. Também em cena a peça de Cipriano Jardim, visconde de Montesaõ, *A Senhora da Paz*, que também terá agradado bastante (*Brasil-Portugal*, 191, 1/01/1907). Todavia ,no número seguinte, de 16 do mesmo mês, sabe-se que o Ginásio já tem em cena a revista *Favas Contadas*, original de Câmara Lima. Uma profusão de peças em ensaios e em estreia que se prolonga no tempo e continua a dar vida, cor e alegria ao Ginásio: *O Filho Milagroso*, *O Pinto Calçado*, comédia de dois novos autores, Ernesto Rodrigues e André Brun, *O Sogro*, de Labiche, e *José do Egipto* (*Brasil-Portugal*, 217, 1/02/1908). Devido ao facto de as peças no Ginásio estreadas a um ritmo vertiginoso, as mesmas não conseguem fazer grandes temporadas. Ainda em Fevereiro tinham estrado quatro peças e agora, em Março, estreou outra, *A Elegante* (*Brasil-Portugal*, 219, 1/03/1908), enquanto ao mesmo tempo se preparam das récitas para o Carnaval, preparadas por Vale, e que prometem casa cheia com «um programa magnífico» (*A Risota*. 2, 1/03/1908).

As revistas desta altura, sobretudo as satíricas, eram bastante imaginativas na forma como apresentavam as notícias de ou sobre teatro. No caso de *O Xuão* tinha a particularidade de apresentá-las em quadras. Era uma maneira de apelar ao público leitor que fosse ver as peças do Ginásio;

Dum modo geral, as críticas negativas eram feitas com polidez e educação de modo a não magoar nem ofender o visado. Vem a propósito a crítica à peça *Faze Bem*, comédia em três atos, adaptada por Câmara Lima. Diz «Romanol» que nesta peça

não há ponta por onde se lhe pegue: não tem enredo. não tem graça, não tem situações, não tem... Ah, sim, tem três atos estopantes. O senhor Câmara Lima traduziu bem, mas [...] fazia muito melhor se tivesse aproveitado o seu precioso tempo num outro trabalho. [...] Desculpe-nos S. Ex<sup>a</sup> a rude franqueza, mas... cá na casa ... somos pão, pão, queijo, queijo, ao contrário dos outros jornais que, ao tratar-se dum jornalista, deitam sempre água na fervura.

Este tom, duma violência verbal inusitada, vai continuar ao longo dos vários números desta revista em 1907 e 1908. O número 10 da mesma revista apresenta outra grande crítica de «Romanol», acerca da peça *O Filho Milagroso*, comédia em três atos de Paul Gavault e Robert Charvay, com tradução de Portugal da Silva, jornalista do *Diário Ilustrado*, em que António Cardoso é um dos protagonistas, o «arquitecto que arquiteta toda aquela embrulhada». Começa por se referir à decadência do teatro francês, de que esta peça, em seu entender, é sintomática. Reconhece, contudo, que «é uma comédia cheia de situações que levam os espetadores a rir com vontade, mas com a consciência plena dum humorismo escabroso». E continua no mesmo tom até chegar aos atores:

Quando a encaramos pelo lado do desempenho sentimo-nos, ainda, mal dispostos; o conjunto é detestável. Jesuína Mendes andou sofrivelmente, as restantes deram um desempenho lastimoso aos seus desempenhos. Judite de Melo passou pelas transições da cólera, do desânimo, do amor, como gato por sobre brasas, sem ter uma pontinha de expressão. [...] Telmo não tem nesta peça um dos seus mais felizes papéis [...] Soler, artista corretíssimo, mas com a maçada de se ver transformado em Caixa Geral de Depósitos dos canastrões do Ginásio. (*Azulejos*, 25/11/1907)

A Vale critica-lhe o exagero na cena da embriaguez e Viera Marques é uma vez mais penalizado. Ora, são todos nomes de peso, atores famosos que se vêem arrasados numa crítica. Surpreendentemente não inclui António Cardoso neste rol. Embora lhe tenha apontado algum exagero, o que critica, sobretudo, é o papel violento e fora do seu

género que lhe foi atribuído, e que, em seu entender, parece sair da sua esfera de representação. Infere-se que a crítica de «Romanol» não é para António Cardoso mas para o ensaiador, Leopoldo de Carvalho, que tem a função de distribuir os papéis.

Noutra crítica «Romanol» aponta as farpas à peça alemã *José do Egipto*, traduzida por Freitas Branco. Se sobre a tradução da peça não lhe aprouve nada criticar, o mesmo já não se pode dizer da encenação, sendo, desta vez, Leopoldo de Carvalho o alvo da sua pena feroz: «E a propósito, senhor Leopoldo de Carvalho a encenação nesta altura é péssima. [...] Não lhe parece isto um pouco forçado?..V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup> que é competentíssimo neste assunto, nos dirá». Quanto ao desempenho, existe o grupo dos que vão bem, no qual está incluído António Cardoso, o grupo dos que vão assim-assim, e existe Alda Soler que «foi um bocadinho ... sem sal». (*Azulejos*, 17, 13/01/1908)

No número 19 o alvo é Silvestre Alegrim, discípulo de José António do Vale, e o seu desempenho na peça *O Sogro*, comédia em três atos traduzida por Santos Júnior e Rafael Ferreira: «Alegrim, e propositadamente o deixámos para o final, está progredindo e a tornar-se um cómico de valor futuro mas continua agarrado ao defeito que já em tempos lhe apontámos; reproduz-se imenso nos seus papéis, cuidando pouco na apresentação de uma galeria de tipos variados.» E com ares professorais: «Emende-se, senhor Alegrim, emende-se.» (*Azulejos*, 19, 27/01/1908)

No número 25 a vítima da fúria destrutiva da pena de «Romanol» foi André Brun, a propósito da estreia, no Ginásio, da sua peça *Meu Marido Que Deus Haja*. E diz o temível crítico: «É um ato banalíssimo. Nem ao menos graça tem. O senhor André Brun não estava, certamente, nos seus momentos de bom humor ao esboçar tal comédia. Lamentamos o fiasco. Oxalá não se repita.» O seu tom crítico e feroz vira-se depois para Melo e Almeida a propósito da sua peça *Os Marmelos da Condessa*, estreada a 29 no Ginásio. E diz: «É ainda pior do que a do sr. André Brun. Só um espírito acriançado poderá escrever coisas iguais. Adiante.» (*Azulejos*, 25, 9/03/1908)

A revista *Azulejos*, desta vez em crítica assinada «Mário Lage», faz mais uma vítima: Freitas Branco, a propósito da sua peça *O Faz-Tudo*, considerando o crítico que o autor fez da peça «um depositário de chocarrices e obscenidades» e «provou que não tem o espírito altaneiro dos escritores honestos».

O sr. Freitas Branco tem a obrigação moral de não firmar trabalhos de tal ordem, pois já que a ignorância do governo em matéria artística o nomeou membro com voto consultivo do *comité* de leitura do Teatro D. Maria, deveria ao menos ter decoro, único capital que o poderá autorizar como censor de

originalistas portugueses. Feliz o dia em que os autores dramáticos não admitirem que os seus trabalhos, muito seus, não estejam na dependência de quem não tem um único original que se imponha como obra de arte, daquela arte que fica para todo o sempre. (*Azulejos*, 28; 30/03/1908).

João de Freitas Branco vai defender o seu bom nome numa carta ao diretor – que a revista publica na íntegra, – onde repudia veementemente as palavras do crítico e revela que «Romanol», que também assina «Mário Lage», é um antigo ator do Ginásio, de seu nome Simões Coelho, que não ficou para a história (*Azulejos*, 39, 15/06/1908). Encontra-se assim, uma pista para a sua animosidade contra o Ginásio.

À margem de todas as críticas, Cardoso participou numa peça em três atos, traduzida por Freitas Branco. Mais uma para juntar a tantas outras mais, a provocar a gargalhada do público, «sem nada de verosímil e com ditos, por vezes, a brigarem com a moral». António Cardoso compôs mais um «sogro», tipo que, juntamente com o «menino» e a «velha», compunham uma tipologia de papéis em que Cardoso era especialista. Sabe-se que esta peça continuou em cena e a fazer rir a bandeiras despregadas o público do Ginásio (*O Casmurro*, 20/01/1907). Ainda a usufruir do êxito das peças anteriores, António Cardoso sobe ao palco com uma peça nova; trata-se de *O Cão e o Gato*, considerada modelar no género cómico e desopilante, com António Cardoso, entre outros, a assegurar o sucesso da peça com o brilho e a graça de sempre (*Brasil-Portugal*, 199, 1/05/1907).

O prestígio do Ginásio e dos seus atores era avaliado também pelas inúmeras notícias que saíam, quase diariamente, nos jornais e revistas daquela época, como, no caso presente, da revista *O Ocidente* que dedica um grande artigo ao teatro Ginásio, com uma imagem fotográfica onde parece encontrar-se António Cardoso. O velho teatro Ginásio, situado na antiga travessa do Secretário da Guerra, rebatizada com o nome de rua Nova da Trindade continua, segundo Pedro Pinto, «a desanuviar os espíritos das tristezas mundanas», prometendo esta temporada ser uma das melhores dos seus anais (*O Ocidente*, 1041, 30/11/1907).

António Cardoso consegue passar praticamente incólume às diatribes e vê-se representado na capa do número 50 da revista *Azulejos*, em 31 de Agosto de 1908, numa caricatura muito engraçada de Craveiro. Penso, com alto grau de probabilidade, que este facto comprova a certeza de que este crítico encontra em António Cardoso qualidades indispensáveis que fazem ver nele não só um bom ator mas um ator de excelência. É recorrente a todos os críticos destacarem o seu elevado nível de profissionalismo, os

seus dotes artísticos, a plasticidade do seu corpo, o elevado desempenho das suas atuações e a segurança com que se apresenta em palco.

É pertinente questionar por que motivo não é António Cardoso atingido pela ferocidade crítica de «Romanol». Do que pesquisei e estudei sobre António Cardoso, penso que seja por funcionar como um todo: corpo e mente. António Cardoso não era temperamental. Os seus problemas pessoais não se misturavam com os profissionais. Sabido o seu papel, em palco funcionava; sem quebras, sem atitudes histriónicas, sem vedetismos e, não de somenos importância, sem roubar as deixas aos seus colegas. Impunha a si mesmo um grau de exigência que o levava a ser escrupuloso nos horários e no cumprimento dos seus deveres dando aos empresários a segurança de que não os deixaria mal. Além disso, teria de ser um ator de méritos indiscutíveis para merecer elogios a um crítico com o grau de exigência de «Romanol».

À *Procura de Mil Contos* (outros periódicos dão-lhe o título *À pesca de Mil Contos*), peça traduzida do espanhol por Leandro Navarro, é uma comédia «toda triques e faz rebentar as presilhas» (*O Xuão*, 9, 21/04/1908). Considerada uma peça «bem feita, um pouco à antiga, mas ao mesmo tempo engraçada e lógica e com uma correção de linguagem» pouco habitual no teatro. (*Brasil-Portugal*. 222. 16/04/1908), foi escolhida por Leopoldo de Carvalho para a sua festa artística e teve a participação de António Cardoso.

É curioso notar que a imprensa desta altura não se limitava a fazer a crítica das peças em cartaz, como incentivava ativamente o público a ir vê-las com a garantia de uma noite bem passada (*O Xuão*, 5, 24/03/1908), notando que o Ginásio apresenta «desopilantes comédias, em que o Vale e o Cardoso fazem rir toda a gente» (*O Xuão*, 11, 5/05/1908). Apesar de Vale ser considerado o grande ator de comédia do momento, a crítica não tem problemas em emparceirar António Cardoso com ele.

Fazendo uma súmula do vertiginoso ritmo de trabalho do Ginásio apresenta-se nas linhas seguintes as peças que neste período se exibiram. Duma só vez foram apresentadas três comédias em um acto: *Lourenço Marques*, em tradução de Júlio de Meneses que, segundo o cronista, tem deixado o público satisfeito; *Está Lá?*, de André Brun, e *O Mistério*, de Xavier Marques. Simultaneamente, apresentou-se ainda *O Faz-Tudo*, protagonizado por António Cardoso, na moite do seu benefício (*Brasil-Portugal*, 222, 16/04/1908). Durante o Verão, representa-se *A Revista de Cupido*, com grande afluência de público. As notícias indicam que o Ginásio tem começado a dar duas peças por noite, devido ao grande sucesso das peças. Este facto é recorrente no Ginásio, mas é

tanto mais espantoso quanto mais se sabe que só o teatro de revista se atrevia a dar dois espetáculos, enquanto os teatros dramáticos ou de comédia só davam um espetáculo por noite.

Na nova temporada estreia a comédia *O Bufete de Abrantes*, faz rir «o mais sorumbático», mas a sua carreira está condenada a ser efémera, uma vez que se prepara outra comédia, *Os Noivos de Vénus* (*O Xuão*, 36, 27/10/1908). Depois *O Cachalote* (*Brasil-Portugal*, 238, 16/12/1908) e *Em Quarta-Feira de Cinzas*, com produção de alta qualidade (*O Xuão*, 42, 15/12/1908). Em janeiro foi reposta a peça *Doidos com Juízo*, que teve enchentes sucessivas (*A Luz*, 7, 25/01/1909). No início de 1909 a grande atração é, porém, *O Olho da Providência*, muito festejada pelo público (*Azulejos*, 68, 9/01/1909) e, logo a seguir, *A prima Anica*, comédia em três atos de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques, onde «a cena da batota, a da bruxa, a dos Tancredos, a dos passes de capa ao boi, as das marradas, e tantas outras, são verdadeiras *trouvailles* que fazem rir escandalosamente o público», com excelentes desempenhos de atores, incluindo o de António Cardoso (*Brasil-Portugal*, 242, 16/02/1909). Estes sucessos teatrais podem ser comprovados pelo número elevado de periódicos que a eles se referem, todos em termos elogiosos.

A mesma revista publica uma imagem fotográfica da nova peça *Vinte Dias à Sombra*, onde parece ver-se, do lado direito, António Cardoso. Esta peça foi escolhida por Telmo Larcher para o seu benefício (*Brasil-Portugal*, 264, 16/01/1910). É uma comédia de Maurice Hannequim e Pierre Veber, traduzida por Portugal da Silva. É considerada «muito parisiense», com a vantagem de não ter ditos ou situações equivocadas e dúbias. Do elenco fazem parte as atrizes Maria Alagoa e Rosa de Andrade e os atores Telmo Larcher, António Cardoso, Machado e Albuquerque (*O Ocidente*, 1119, 30 jan, 1910. p. 24). Em *A Mulher Elétrica*, comédia francesa adaptada por André Brun, escolhida por Jesuína Marques para o seu benefício. António Cardoso secundou bem a protagonista, exteriorizando «com imensa verve um tabelião apaixonado» (*Brasil-Portugal*, 263, 1/01/1910).

Segue-se *Moisés*, de Rui dos Santos e Viriato Roquete, *Agência Feminina e Ciúmes* (*O Xuão*, 101, 1/02/1910). António Cardoso vê o seu nome, devido ao seu desempenho, destacado na revista *Brasil-Portugal* que o elogia afirmando que continua o seu desiderato de fazer rir com a chancela da qualidade de sempre (*Brasil-Portugal*, 265, 1/02/1910).



As companhias não podem contudo viver à sombra dos sucessos das suas peças, e António Cardoso trabalha, agora, em *O Dr. Zebedeu* recebendo, uma vez mais, um elogio pelo seu desempenho nessa comédia de sucesso (*Brasil-Portugal*, 267, 1/03/1910). Repõe-se *A Ciumenta* para a festa artística de Leopoldo de Carvalho, peça que, dez anos passados, conseguiu novamente os favores do público.

No desempenho teve as honras da noite o ator Cardoso que representou com a mesma graça de há dez anos, sem um único desfalecimento, o seu difícil papel, de que fez uma verdadeira criação, fazendo rir os espetadores constantemente. (*Brasil-Portugal*, 270, 16/04/1910).

António Cardoso faz também parte do elenco na reposição da peça *Piperlin*, com a qual se fez a festa artística do ator César de Lima (*Brasil-Portugal*, 273, 1/06/1910). António Cardoso está com cerca de cinquenta anos e o seu trabalho continua com o mesmo ritmo de sempre. Talvez esse ritmo se deva à sua disciplina mental e psicológica para conseguir estar, peça após peça em cena sem desfalecimentos, quebras de memória, mantendo sempre a sua qualidade de ator ao mais alto nível.

Uma notícia de interesse é a passagem de António Cardoso pelo Teatro do Príncipe Real, na pré-temporada, com a comédia *O Olho do Diabo* (texto de Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, e música de Filipe Duarte e Carlos Calderón), uma mágica em três atos, onde Cardoso se destacou na personagem de Jack. O jornalista da *Brasil-Portugal* publicita o espetáculo e informa-nos sobre este curioso género de teatro musicado:

É uma mágica bem arquitetada e portanto tem tudo inerente ao género em que está filiada, desde o *anjo bom* e o *espírito maligno* até às mutações vistosas e às cenas inverosímeis, com situações infantis das histórias para crianças, de uma ingenuidade que já era exagerada no tempo dos nossos avós. A par disto, bastante *piada* com graça, espargida com mestria e uma que outra – rara – originalidade e sem pornografia, caso para dar os parabéns ao sr. Ernesto Rodrigues. Balanceando os *prós e contras*, parece-nos que o resultado nos deixa antever uma longa carreira, principalmente se lhe fizerem uns ligeiros cortes no segundo ato, demasiado grande, quanto a nós. Está otimamente vestida e ensaiada, sendo o cenário de um efeito maravilhoso. (*Brasil-Portugal*, 280, 16/09/1910; itálicos do original.)

A antiga mágica do século XIX parece, em vésperas da República, tomar contornos do que será o teatro de revista que o século XX conheceu, já sem os extremos da linguagem licenciosa.

Por esta altura passaram pelo Teatro do Ginásio outras peças de sucesso: *Paixões Passageiras, Filha e Sogra*, numa versão de Sousa Bastos, o drama em um ato *Honra de Fidalgo*, que servirá para a récita da atriz Jesuína Marques (*A Capital*, 8/11/1910), e também *Vinte Dias à Sombra*, uma comédia bem ensaiada, espirituosa e bem representada, que está a alcançar saboroso sucesso (*A República Portuguesa*, 61, 13/12/1910). A comédia *A Serafina* tem entrado e saído de cena, conforme as exigências da programação do Ginásio, sempre com grande sucesso e desempenhos «corretíssimos» por parte dos atores, incluindo António Cardoso (*Brasil-Portugal*, 285, 1/12/1910). Também teve destaque a peça *Das 3 às 5* (*A República Portuguesa*, 59, 11/12/1910), que parece ser «mesmo da pontinha da orelha» (*O Zé*, 7, 13/12/1910). No espaço dum mês o Ginásio apresenta cinco peças, entrando António Cardoso em pelo menos quatro.

Outro grande sucesso do Ginásio com António Cardoso no elenco foi *O Rato Azul*. As suas representações «arrastam atrás de si uma enorme corrente» de público, chegando mesmo a haver disputa de lugares «porque todos querem ver a famosa peça» (*A Capital*, 31/12/1910), proporcionando ao público uma «agradável sensação de uma noite de riso e alegria». É uma peça alemã, adaptada, com mestria, por Xavier Marques, e na qual António Cardoso tem um dos papéis principais (*Brasil-Portugal*, N 287, 1/01/1911). Esta comédia caminha para a sua quinquagésima representação, devido, em parte, «à alegria de Cardoso» (*A República Portuguesa*, 77, 30/12/1910). São três atos «diabólicos dum imprevisto prodigioso e com situações cómicas duma vivacidade extraordinária».

Todos os meios jornalísticos da época, eram unânimes em considerar a peça *O Rato Azul* como um estrondoso sucesso, sendo um dos melhores espetáculos que se ofereciam em Lisboa, o que não é motivo de admiração devido ao prestígio do Ginásio.

## **1911-1917**

O «Cardoso do Ginásio» está com cinquenta anos. É um ator consagrado, e um dos últimos da sua geração que ainda está em atividade. Trabalha com o mesmo rigor de sempre. Continua a fazer papéis principais, embora não rejeite os papéis secundários. Continua humilde como sempre foi, sem tiques de vedetismo: um operário do teatro.

Esta sua intensa atividade é paralela à atividade do Ginásio, que apresenta sempre várias peças em cena, incluindo a peça *O Papão*, que se tornou um caso sério de sucesso, sendo escolhida para a récita do ensaiador Leopoldo de Carvalho (*A Capital*, 29/03/1911) e, vaticinavam os entendidos da época, atingiria a sua quinquagésima representação com casa cheia (*A Capital*, 5/04/1911). Também *A República Portuguesa* (9/04/1911) assinala a «excepcionalmente brilhante época» que o Ginásio atravessa. Em linha com os seus colegas, a revista *O Zé* (11/04/1911) nota que na estreia «O Papão que não meteu medo a ninguém. É aqui que está a suprema arte». «Zé Pimenta», o crítico deste periódico, elogia este teatro ao dizer que o Ginásio «é um teatrinho pequeno mas de largas vistas e alcançando muito longe».

Facto curioso era, por vezes, a notícia indiciar que bastava uma palavra para se compreender de quem se falava, como, por exemplo, na reposição da peça *A Mulher do Comissário* que subiria à cena para a festa artística «do engraçadíssimo cómico» – acrescentando: «escusado será dizer que se trata de António Cardoso» (*A República Portuguesa*, 134, 12/03/1911). Algumas palavras e frases, quando ditas em contexto teatral eram, imediatamente, identificadas com António Cardoso. Quando a crítica falava «no grande ator cómico», ou no «ator que põe toda a gente a rir», ou epítetos semelhantes, os leitores e o público logo identificavam António Cardoso.

No meio de tantas peças e todas elas, em maior ou menor grau, bem sucedidas, a peça *Ir a Roma*, adaptada por Portugal da Silva, não foi ofuscada pelas anteriores, conseguindo impor-se ao público e à crítica. Inclusivamente, foi a peça escolhida por Augusto Machado tem a sua festa de homenagem (*A República Portuguesa*, 86, 13/01/1911). Diz ainda este diário: «*Ir a Roma* tem sido um sucesso! Triunfante sucesso! com as récitas a terem um extraordinário brilhantismo. Assim o público assiste a uma comédia magnífica, onde não há banalidades, havendo mesmo uns *trucs* desconhecidos até agora em teatro». (*A República Portuguesa*, 91, 19/01/1911)

A estas duas peças, que alternavam no cartaz do Ginásio, irá suceder *Scherlock*, de Chagas Roquete e Álvaro Lima, e promete não abrandar o sucesso das anteriores (*A República Portuguesa*, 96, 25/01/1911). António Cardoso é «tão natural e dá largas toda a sua verve» (*A República Portuguesa*, 101, 31/01/1911). É, porém, um Sherlock que «não descobre nada, é estúpido como uma porta, faz que mexe mas não mexe» (*A Sátira* Nº1, 1/02/1911). A peça tem casa cheia e «prosegue a sua carreira de aplausos e de excelentes lucros para a empresa» (*A Capital*, 3/02/1911); «é a coisa mais divertida que se pode conceber» e este periódico considera-a extraordinária, prodigiosa,

incomparável. Outro jornal nota que «assistir a uma comédia graciosa é um extraordinário prazer» (*A República Portuguesa*, 105, 5/02/1911). O Teatro do Ginásio aproveita para apresentar duas sessões diárias desta peça (*A República Portuguesa*, 107, 8/02/1911). Os elogios vêm de todo o lado. O crítico de *A República Portuguesa* refere *Scherlock* como uma peça «cômica, humorística, magnificamente interpretada», que é «um espetáculo de primeira ordem». E continua:

Um dos melhores cómicos que o nosso teatro possui é, indubitavelmente, o Cardoso que sabe, como poucos, provocar a gargalhada, e de que o público há muito aplaude o trabalho consciencioso. (14/03/1911).

Passado um mês sobre a estreia, a programação do teatro não se compadece e prepara novas peças, entre elas *Miquette e sua Mãe*. (*A República Portuguesa*, 104, 4/02/1911). Alguma imprensa publicita a nova peça, «convidando» os seus leitores: «Querem uma peça atraente e sensacional? Vejam então *Miquette e sua Mãe*, que tem todos os requisitos» (*A República Portuguesa*, 117, 19/02/1911).

De modo geral, todos os periódicos se referem ao Ginásio e aos seus sucessos em cartaz e verifica-se uma unanimidade impressionante. É importante salientar que, com o passar dos anos, o Teatro do Ginásio se mantém na ribalta do teatro lisboeta gozando o mesmo estado de graça de anos anteriores. Do público aos críticos de tantos periódicos que já analisámos, todos destacavam a sua importância como teatro de referência.

Ainda com estas peças em pleno sucesso de bilheteira, o Ginásio anuncia a estreia da peça *A Mulher do Comissário*, em tradução de Eça Leal. «É uma *pochade* cheia de situações cómicas, arquitetada sobre o caso de um homenzinho que se supõe nomeado comissário de polícia», escreve *A Capital* na véspera da estreia (n.º 252, 16/03/1911). Fazendo o papel do suposto comissário, e senda a estreia também a noite da sua festa artística, António Cardoso é «uma das nossas mais perfeitas individualidades cómicas e que verá o teatro completamente cheio, tantas são as simpatias de que goza» (*A Capital*, 253, 17/03/1911),

A comédia é considerada uma das melhores do repertório do Ginásio (*A República Portuguesa*, 146, 28/03/1911) e será reposta em outubro desse ano com o mesmo sucesso.

Em complemento de *O rato Azul*, que continua a atrair público ao Ginásio (*A Capital*, 9/10/1911) sobe à cena em outubro *Os Direitos da Mulher*, de Arthur Cohen e

Guilherme Barbosa, uma peça para atrizes e apenas um ator, neste caso, Augusto Machado, «uma chistosa comédia num ato, original português, cuja representação foi coroada por uma uníssonas salva de palmas? (*O Zé*, 49, 17/10/1911).

António Cardoso faz parte do elenco de *O Talassa*, peça de cariz político e propagandístico de apoio à República e sátira à monarquia levado à cena no Ginásio. A peça foi considerada destituída de qualidade, sendo mesmo classificada de medíocre (*A Capital*, 9/11/1911). No mesmo periódico pode haver dualidade de opinião pois, na edição de 11 de novembro, *O Talassa* é considerado «espetáculo magnífico, pois é com certeza, um dos melhores da noite», aplaudindo-se, sobretudo, a excelência das representações. A revista *Brasil-Portugal* (n.º308, 16/11/1911) também se refere à atuação de António Cardoso nesta comédia *O Talassa* – António Cardoso criou «um excelente tipo, o melhor, certamente, da peça» – e considera que esta é uma peça *chamariz*, «um propósito, chamemos-lhe assim, em que os autores apenas pretendem explorar um assunto de ocasião», ou seja, a resistência dos monárquicos ao regime republicano e as suas campanhas contra as figuras políticas da República.

Caso singular, o Ginásio foi transversal a todos os acontecimentos políticos. Foi bem recebidos pelo público e pela crítica durante o século XIX e durante o século XX, nunca tendo passado de moda, Foi acarinhado pela Monarquia e pela República. Teve sempre o apoio da imprensa republicana durante a monarquia e, curiosamente, da imprensa monárquica durante a república (como no caso da revista *O Talassa*). O Teatro do Ginásio estava conotado com a monarquia e os atores da companhia eram, também, na sua maioria simpatizantes da família real, entre eles, Adelina Abranches. Se a conotação com o regime monárquico passava pelo facto de o Ginásio representar autores assumidamente monárquicos, como Gervásio Lobato, D. João da Câmara e Eduardo Schwalbach, a verdade é que estes tinham méritos próprios e ficaram na história da literatura dramática. Quanto a António Cardoso não se interessava, que se saiba, pela atividade política da época; ou, se se interessou, não deu notícia das suas opiniões ou simpatias.

A estreia da comédia policial *O Rei dos Gatunos* – uma adaptação de Portugal da Silva de *Arséne Lupin* (1908), de Francis de Croisset e Maurice Leblanc – foi bem acolhida e considerada um estrondoso sucesso, adjectivo muito usado na época para definir o êxito duma peça. No entanto a crítica não foi unânime. A voz discordante foi a do crítico da revista *A Máscara*, a quem a peça não agradou:

*O Rei dos Gatunos* é um folhetim fastidioso em quatro monotíssimos atos, obrigados a cordas, a mordanças, a armas de fogo, a muitos automóveis, a muitas polícias, e a muitos bocejos. [...] Não sendo esse, algo cómico, propriamente o género de tal teatro [o Teatro do Ginásio], a companhia ressentia-se muito da mudança. Apenas Cardoso, se bem [que] carregasse a nota, nos deu um pitoresco adventício no «Gournay-Martin», enriquecido à pressa. (*A Máscara*, 3, 3/02/1912)

*O Rei dos Gatunos* teve, de imediato, lotações esgotadas. Tal era a afluência do público que um benefício, marcado para o dia 10 de fevereiro, foi adiado para o dia 27, para que o Ginásio aproveitasse todas as receitas da bilheteira (*A Capital*, 24/01/1912). De facto, era uma boa notícia para os cofres da empresa, que continuam a encher (28./01/1912). «É um dos espetáculos mais interessantes de Lisboa [...] onde as enchentes têm sido consecutivas, o que se explica porque a peça é esplêndida e o desempenho corretíssimo», escrevia-se na *Brasil-Portugal* de 1/02/1912. É este o sentimento generalizado da crítica e do público; a peça foi considerada «um verdadeiro achado do Ginásio, com uma carreira triunfal», prevendo-se que «nunca mais» venha a sair de cena (*A Capital*, 22/02/1912).

A boa aura do Ginásio permitia aos jornalistas brincar com os títulos das peças; era uma forma de demonstrarem o seu apreço ou pelas peças, ou pelos atores, ou pelo Ginásio. Como neste caso: «Chegou a vez do *rei dos gatunos* que faz companhia ao *mano Augusto*, ao *rato azul*, conseguindo aguentar a *cara alegre*» (*O Zé*, 61-63, 23/01/1912). Com este trocadilho ficamos a saber que todas estas peças estiveram em exibição na mesma temporada. António Cardoso apenas não entrou na peça *O Mano Augusto*.

Ao mesmo tempo Cardoso participa na peça *Os Pimentas*, de Eduardo Schwalbach, fazendo o papel de «Tomé», a segunda figura masculina (*O Palco*, 3, 5/02/1912. p. 36, 42, 43-45), com um desempenho destacado dos demais atores da peça (*A Capital*, 6/02/1912).<sup>15</sup>

No período do Carnaval, o Ginásio apresentou em simultâneo a revista em um ato e três quadros *Ao Correr da Fita* (*A Capital*, 14/02/1912). A crítica notou nela todos

---

<sup>15</sup> O sucesso de António Cardoso junto do público e da crítica, o estatuto que adquiriu, saliente-se, por força da sua dedicação e profissionalismo, levavam a que a sua imagem fosse solicitada para passatempos. A revista *O Palco* criou um concurso com pormenores de fotografias que só mostravam os olhos, em que o leitor teria de adivinhar a que personalidade pertenciam. De certa vez, António Cardoso foi uma das personalidades em foco. O prémio atribuído a quem seria uma caneta de prata, o que não deixava de ser aliciante (*O Palco*, 2, 20/01/1912). Vd. n.º 30 do Anexo.

os ingredientes para fazer sucesso: um pouco de política, um pouco de pornografia, excelente música, «cenário bom, guarda-roupa vistoso» e desempenho de primeiro plano de Telmo Larcher e António Cardoso (*Brasil-Portugal*, 315, 1/03/1912).

Depois de uma incursão pelo género policial voltou o Ginásio à sua matriz, a comédia, com *Amor Engarrafado*, em tradução de João Soler. Era uma peça bem construída, com situações imprevistas; contudo, o desempenho dos atores não foi brilhante:

Se ali não estivesse o Cardoso com a sua figura rotundíssima e a sua veia cômica, dando-nos mais uma vez o tipo uniforme de todos os seus personagens, teríamos saído com a impressão de ter assistido a uma representação de amadores. (*O Ocidente*, 1203, 30/05/1912)

Acumulando sucessos do teatro parisiense, estreia no Ginásio *A Menina de Chocolate (La Petite Chocolatière)*, comédia de Paul Gavault em tradução de Melo Barreto, que teve caloroso acolhimento por parte do público e da crítica. Com encenação de Lucinda Simões (*Brasil-Portugal*, 332, 16/11/1912), a carreira da peça estende-se por três meses (*O Zé*, 116, 30/01/1913).

António Cardoso não entra nesta peça pois está ainda em cena com a peça *Lição Cruel*, de Pinheiro Chagas – que não terá deixado a melhor das impressões (*A Capital*, 23/10/1912; *O Zé*, 103, 29/10/1912) – e em ensaios com *O Pinto Calçudo*, onde faz o segundo papel masculino, sendo protagonista o ator Silvestre Alegirim (*A Capital*, 6/11/1912). Esta comédia de Ernesto Rodrigues e André Brun teve estreia auspiciosa com menções muito positivas à peça, à direção de atores e à interpretação, destacando-se António Cardoso, uma vez mais, fazendo «um conselheiro magnífico, impagável de ridículo».

Encontramos ainda Cardoso no elenco de *O Príncipe Herdeiro (A Capital*, 6/02/1913)<sup>16</sup>, e de *O Camões do Rossio*, de Inácio Joaquim Feijó, onde desempenha o papel de «Sebastião d'Arruda, lavrador» (*A Capital*, 24/01/1913). *A Capital* dedica uma coluna inteira a esta da autoria do alemão Meyer Foerster, traduzida por Hermano Neves. Elogia os cenários do artista Mergulhão, as indicações do tradutor, a direção de atores de Lucinda Simões, o rigor da montagem, o desenho dos tipos «criados com mão de mestre» (*A Capital*, 12/02/1913). Há notícia de que Hermano Neves e Álvaro

---

<sup>16</sup> Na edição de 28/02/1913, a revista *O Ocidente* enaltece o desempenho de Mário Duarte no protagonista, Alda Aguiar, Telmo Larcher, Pato (Moniz), Silvestre Alegirim e António Cardoso, publicando uma fotografia do elenco em palco (p. 48). Vd. n.º 28 do Anexo.

Monteiro, um dos diretores do Teatro do Ginásio, foram recebidos pelo embaixador da Alemanha, a quem convidaram pessoalmente para a récita de 21 de Fevereiro, «dedicada à colónia alemã » (*A Capital*, 18/02/1913). A imprensa em geral publica críticas positivas (*O Talassa*, 1, 6/03/1913; *O Zé*, 121, 6/03/1913).

Por esta altura o teatro é sujeito a uma renovação do mobiliário de cena, cenários e trajos das atrizes, apresentando uma nota de modernidade que, na opinião da crítica, é prova de que «este teatro acompanha o progresso». Tudo isto, bem como a escolha das peças, se ficou a dever a Lucinda Simões, agora a ensaiadora do Ginásio. (*O Ocidente*, 1230, 28/02/1913, p. 47-48)

Na época de carnaval de 1913 o Ginásio repõe êxitos seguros: *A Ratoeira*, *A Menina de Chocolate*, *O Pinto Calçado* e *O Camões do Rossio* (*A Capital*, 19/01/1913).

O final da temporada é marcado pelo êxito da peça *A Conspiradora*, de Vasco de Mendonça Alves, com Lucinda Simões no principal papel, Maria Matos, Pato Moniz, Telmo, Alegrim, Alves da Cunha, e António Cardoso no «Cónego Barata» (*A Capital*, 15/03/1913). Na imagem publicada pela *Brasil-Portugal* de 1/04/1913 identifica-se facilmente António Cardoso, à esquerda, e Lucinda Simões, sentada. «A Conspiradora está na ordem do dia entre a gente que gosta de bom teatro», comenta *O Talassa* em 10/04/1913, e a carreira da peça ultrapassou as cinquenta representações, um marco do sucesso de um espetáculo.



*Brasil-Portugal* de 1/04/1913 (vd. n.º 29 do Anexo).



Em Março de 1913 a peça *A Vizinha do Lado*, uma comédia em quatro atos de André Brun, está na fase final dos ensaios com os principais papéis distribuídos a Zulmira Ramos, Silvestre Alegrim e Mendonça de Carvalho (*A Capital*, 12/03/1913). António Cardoso, Silvestre Alegrim e Mendonça de Carvalho estiveram «muito bem» (*Brasil-Portugal*, 356, 16/11/1913). Houve sucessivas lotações esgotadas (*O Talassa*, 34, 14/11/1913) e suspendeu-se a representação da peça *A Madrinha de Charley* (*A Capital*, 24/11/1913).

A nova temporada 1913-1914, mantendo em cena *A Vizinha do Lado* e *A Madrinha de Charley*, apresenta a peça policial *O Mistério do Quarto Amarelo*, em que António Cardoso parece não entrar (*O Talassa*, 41, 2/01/1914). Pela mesma altura estreia a comédia *A Bela Madame Vargas*, do brasileiro Paulo Barreto<sup>17</sup> (*O Zé*, 169, 5/02/1914), considerada «uma admirável obra de teatro» e aplaudida pelo público (*A Capital*, 4/02/1914), a que assistiu o embaixador brasileiro, Régis de Oliveira (*Papagaio Real*, 7, 19/05/1914). Seguem-se *Sociedade onde a Gente se Aborrece*, de Paillotan, em tradução de Furtado Coelho, com que Lucinda Simões fara a sua festa artística (*A Capital*, 11/01/1914), *Não largues a Amélia*, comédia de George Feydeau, com tradução de Acácio de Paiva (*O Talassa*, 47, 13/02/1914, p. 7), e *Deputado Independente*, um original de Chagas Roquete e Álvaro Lima, também com pleno agrado do público (*O Zé*, 176-177, 26/03/- 2/04/1914), em que António Cardoso foi o protagonista, desempenhando o papel do farmacêutico «Frias».

Herculano Nunes assina, na *Capital*, uma apresentação da peça:

*Deputado Independente* é uma peça de gargalhada, com todos os grotescos de três ou quatro figuras caricaturais. [...] Engana-se quem imaginar que vai assistir a uma *charge* política, carregando forte nos partidos e na eloquência dos nossos parlamentares. Nada disso. É uma peça de costumes da vida provinciana, com o indispensável boticário a manipular receitas e a cozinhar dentro da alma uma grande paixão assolapada. (*A Capital*, 19/03/1914)

A certa altura torna-se redundante afirmar que determinada peça foi um sucesso, tal a frequência com que os êxitos acontecem. No entanto não há outra palavra para qualificar a carreira da peça *Honras de Guerra*, de Hannequin, com tradução de Tito Martins, elogiada pelos periódicos da época (*A Capital*, 13/05/1914). Contudo, em nenhuma notícia se encontrou referência ao elenco. Em outubro, para não destoar da

---

<sup>17</sup> João Paulo Barreto seria colaborador da revista *Atlântida* sob o pseudónimo «João do Rio».

qualidade que o Ginásio apresenta, inicia-se a temporada com *O Pato*, com recorde de enchentes (*O Zé*, 205, 15/10/1914), a que se segue *Sopa no Mel* (*A Capital*, 4/01/1915). Nesta peça de Paul Gavault, com encenação de Maria Matos, António Cardoso é o médico de província (9/01/1915); do elenco fazem também parte a própria Maria Matos, Alda Aguiar, Zulmira Ramos, Mendonça de Carvalho, Joaquim de Almeida e Silvestre Alegrim (*O Ocidente*, 1299, 30/01/1915; *O Talassa*, 83, 15/01/1915).

Na época de Carnaval António Cardoso participa com êxito na peça *A Tartaruga*, que «não é melhor nem pior do que tantas outras comédias-farsas destinadas a fazer rir» (*A Capital*, 3/02/1915). E entretanto ensaia-se, pois esta fábrica de produzir teatro que é o Ginásio tem previstas duas estreias, *O Homem Macaco*, de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, e a peça *Circo de Inverno*, com tradução de Melo Barreto (*A Capital*, 17/03/1915), que está a criar expectativa entre os críticos. *O Homem Macaco* torna-se «o caso do dia» para a revista *O Talassa* (7/05/1915), enquanto o jornal *A Capital* considera que ela não faz jus à qualidade dos seus autores e está longe de corresponder ao que deles se esperava (9/05/1915). *O Circo de Inverno*, comédia burlesca traduzida por Melo Barreto, reuniu o consenso da crítica. Em palco há atores – Alda Aguiar, Maria Matos, Mendonça de Carvalho, Mário Duarte, António Cardoso –, há máscaras, bailarinas, palhaços e lutadores que fazem parte dum monumental elenco. E a crítica elogia o rigor, o cuidado, o talento de quem prepara e representa teatro.

Monumental, num outro sentido, é também o feito de produzir simultaneamente de três peças que estreiam no mesmo dia: *Casa com Escritos*, para a festa de Telmo Larcher, *O Minueto*, para a festa de Elvira Bastos e *A Onda*, para a festa de Mário Duarte (*A Capital*, 20/03/1915).

No final de 1914 tinha-se anunciado a reposição de *O Comissário de Polícia*, mas só em março de 1915 sobe de novo à cena uma peça que foi um caso sério do teatro português da época e, em particular, do teatro Ginásio. E esteve na história de um ator – do elenco de há vinte e cinco anos, apenas António Cardoso se mantém (*A Capital*, 28/12/1914), antes no Escrivão, agora no Comissário.

A peça *4028-LX* terá como atores principais, nos papéis masculinos, Mário Duarte, Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegrim, António Cardoso e João Lopes (*A Capital*, 21/02/1915), fazendo António Cardoso fará o «Custódio» (23/02/1915). Sabe-se que Telmo Larcher substituiu António Cardoso nesta peça pelo menos numa sessão

(4/03/1915) e, embora se desconheça o motivo, não é crível que tenha sido por doença grave, pois Cardoso reaparece dois dias depois, na festa de homenagem a Silvestre Alegirim (6/03/1915). A peça foi adaptada por André Brun e não agradou aos críticos desta revista *O Ocidente* (6/04/1915). Opinião diferente teve a revista *O Zé*, referindo que o público não se cansa de a aplaudir (209, 6/04/1915). Também o jornal *A Capital* de 20 de março partilha desta opinião, assim como *O Talassa* (9/04/1915), referindo o estrondoso sucesso tanto de *4028 Lx* como de *Casa com Escritos*.

Este ritmo avassalador de António Cardoso leva-o a fazer parte do elenco da peça *Circo de Inverno*, dirigida por Maria Matos, sendo-lhe atribuído o principal papel masculino (*A Capital*, 1/04/1915).

António Cardoso foi agraciado com uma homenagem de especial significado no dia 20 de Abril: na sua festa artística foi exibida a peça com que se estreou no Ginásio, *A Medalha da Virgem*, de José Carlos dos Santos, onde Cardoso teve o papel principal (Danico Molinaeu) e praticamente toda a companhia participaria (*A Capital*, 1/04/1915). A festa foi complemento do *Circo de Inverno* (*O Zé*, 211, 20/04/1915), pelo que António Cardoso, embora beneficiado, e a companhia estiveram várias horas em palco.

Atestando, caso fosse necessário, o seu incontestável valor, António Cardoso volta novamente, a ser protagonista, emparceirando com Maria Matos, Silvestre Alegirim e Telmo Larcher, na peça *A Turné Saramago* (*A Capital*, 26/04/1915), onde fez o papel de Romeu (28/04/1915).

Na nova temporada protagoniza a peça *O Homem Macaco*, um original de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, tendo António Cardoso o papel principal (*O Zé*, 234, 28/09/1915), fazendo de Faustino (*A Capital*, 6/05/1915).

A imprensa leva às primeiras páginas *Soror Mariana*, de Júlio Dantas, o grande acontecimento do início de temporada (*A Capital*, 18/09/1915). António Cardoso, que não faz parte do elenco de *Soror Mariana*, apresenta-se na comédia *Em Boa Hora o Diga*, fazendo o papel de Aleixo (idem, 27/09/1915). O Ginásio aproveita os êxitos para apresentar duas sessões diárias com peças diferentes, e prepara *O Primo Basílio*, adaptado por Vaz Pereira do romance de Eça de Queirós, e *La Dona é Mobile*, adaptação da peça americana *Twin Beds*, de Margaret Mayo, por João Soler (*O Zé*, 238, 26/10/1915), que muito bem recebida, sobretudo pelas «espetadoras que riram das chistosas inverosimilhanças da farsa» dirigida Maria Matos (*Atlântida*, 2, 15/12/1915. p. 182-185)..

O trabalho desenvolvido por este teatro foi frequentemente, homenageado pelos críticos. No caso em apreço a homenagem vem do crítico da revista *Atlântida*, Avelino de Almeida ao Ginásio, recomendando-o

por outros títulos à nossa estima e à nossa gratidão. Foram os seus artistas que nos deram a conhecer, corretamente desempenhada, *A Bela Madame Vargas*, de Paulo Barreto. (*Atlântida*, 1, 15/11/1915).

Outro sucesso da temporada 1915-1916 é reposição da peça *Em Boa Hora o Diga* (*O Zé*, 240, 9/11/1915). Ainda no mesmo mês, António Cardoso tem um dos principais papéis em *O Senhor Roubado* (*A Capital*, 27 nov.1915). No final do ano está em cena com *O Inferno*, de António Caso e Joaquim Abati, onde faz, com agrado, o Padre Leão:

Cardoso, no eclesiástico apaziguador, não precisava abrir a boca para nos encantar. Teve expressões e atitudes deliciosas de verdade e de graça. (*A Capital*, 3/11/1915)

António Cardoso está doente. O seu profissionalismo impede-o de faltar de a necessidade não for extrema e continua a trabalhar com o mesmo brio de sempre. E não podemos deixar de fazer uma nota ao declínio deste homem bom que deu momentos de alegria a milhares de pessoas. Num espaço de semanas é a segunda vez que tem de ser substituído por se encontrar doente. Nesta altura, adoece também Telmo Larcher; ocuparam os seus lugares os atores João Lopes e Joaquim Silva. Telmo Larcher, o grande amigo e companheiro de toda a vida do Ginásio, morre no final do ano (*A Capital*, 10/05/1915). Da chamada velha guarda, apenas António Cardoso se encontra ativo (*A Capital*, 9/12/1915).

Em 1916 dá-se um caso raro no teatro Ginásio: *O Primo Basílio* «caiu redondamente». A peça foi montada com o «habitual escrúpulo e Maria Matos foi admirável de verdade interpretando a criada Juliana», mas a peça não atraiu os favores do público. Habitado às comédias, o público teria reagido negativamente a este drama trágico (*Atlântida*, 4, 15/02/1916 Pg. 394). Foi, contudo, um fracasso esporádico, pois, a peça seguinte, *O Senhor Roubado*, voltou à senda dos êxitos. Também será estreada a peça *O Manequim*, de Paul Gavault e traduzida por Melo Barreto, comédia parisiense que tem Maria Matos no papel principal (*Atlântida*, 5, Pg. 482-483. 15/03/1916).

António Cardoso não participou nesta peça pois estava em cena com outras, quase em simultâneo.

Uma nova peça de Feydeau, *Clotilde está de Esperanças*, adaptada por Jorge de Abreu (*A Capital*, 2/03/1916) e o Ginásio repõe *A Menina de Chocolate* (16/03/1916). António Cardoso e Virgínia Farrusca fazem «de avós do hipotético Fernandinho, a quem só faltou nascer para que fosse um menino feliz» (*A Capital*, 2/03/1916). Em *O Pai do Regimento*, comédia-farsa de Monezy-Eon e Durieux, em tradução de Jorge de Abreu, foi considerado «magnífico o trabalho de João Lopes, António Cardoso e Joaquim Almada» (*A Capital*, 14/05/1916). Na nova temporada continua a carreira de *O Senhor Roubado*, que atinge a centésima representação (*A Capital*, 6/10/1916). A imprensa refere que o Ginásio continua a ser – ao fim destes anos todos – o teatro mais alegre de Lisboa (*A Capital*, 3/10/1916), o lugar «onde se reúne o grupo de artistas mais homogéneo e mais juvenil da capital» (*Atlântida*, 13, 15/11/1916).

Os anos passam mas António Cardoso, agora com cinquenta e seis anos, vê o seu trabalho ser permanentemente elogiado e o seu profissionalismo enaltecido (*A Capital*, 14/05/1916). Na nova temporada participa na peça *O Pai do Regimento*, onde, juntamente com João Lopes contribuiu «brilhantemente para o novo sucesso» do teatro (*A Capital*, 13/10/1916) e na reposição de *Hotel de Livre Trânsito*, a comédia de George Feydeau, no papel de Mateus (*A Capital*, 9/10/1916).

Do trabalho de António Cardoso sobressai o seu espírito de operário; a sua honestidade profissional, o respeito pelo público, que nunca defrauda e a quem dá o melhor de si (12/11/1916).

Já doente, está com Maria Matos na reposição da peça *o Olho da Providência*, aceitando desempenhar o papel principal masculino, Xisto Pancada (*A Capital*, 24/01/1917).

O Ginásio prepara *O Carrasco de Sevilha* (*A Capital*, 17/02/1917) e *Alfaiate de Senhoras*, de George Feydeau, em tradução de Jorge de Abreu (4/03/1917), que o ator e empresário Mendonça de Carvalho escolherá para a sua festa artística.

## 2.3 Digressões e itinerâncias

Não obstante a maior concentração das principais companhias e teatros portugueses se encontrar em Lisboa, todas as zonas do país tinham acesso aos espetáculos lisboetas por meio das digressões e itinerâncias que as companhias da cidade faziam periodicamente, sobretudo nos meses de verão. Essas deslocações realizavam-se com grande dificuldade, devido, naturalmente, ao tempo que os meios de transporte da época demoravam a percorrer as distâncias. Na altura era o combio o meio mais utilizado, recorrendo-se, por vezes, aos barcos. As questões logísticas de transporte, tanto dos membros da companhia, como de cenários, guarda-roupa e demais adereços, obrigavam a um grande aparato de acondicionamento. Apesar de todos estes obstáculos, não chegavam a constituir efetivamente algum impedimento pois, todos os anos, por alturas do verão, tanto o Ginásio como as companhias dos restantes teatros lisboetas partiam em longas digressões que abrangiam localidades de norte a sul do país. Por vezes, as saídas incluíam as ilhas da Madeira e dos Açores, de modo a que todas as regiões do país tivessem acesso aos seus espetáculos teatrais e, com isso, compensar de algum modo em termos financeiros os meses em que a atividade dos teatros na capital costumava estar suspensa.

Na época em que António Cardoso exerceu a sua profissão de ator, era, também, prática usual a deslocação das companhias ao estrangeiro, nomeadamente ao Brasil. Esporadicamente, uma ou outra companhia aventurava-se em países europeus, não indo, na maior parte das vezes, mais além de Espanha, como mais à frente se verá.

Quando as companhias portuguesas, entre elas a do teatro Ginásio, se deslocavam ao Brasil as temporadas teatrais acabavam mais cedo, tendo em atenção o tempo gasto nas viagens marítimas, que era longo, permitindo o cumprimento do calendário nacional e exibindo-se por várias cidades brasileiras, com maiores expectativas de lucro.

Estas viagens ao estrangeiro e itinerâncias pelo território nacional, sobretudo entre o final de uma temporada e o início de outra, constituíam uma forma de subsistência económica, já que, tais viagens por lugares mais afastados auguravam, quase sempre, garantia de casa cheia. Era prática contratual comum que atores e outros

membros das companhias serem pagos à temporada; uma vez acabada, ficavam sem receber até ao início da temporada seguinte, o que pode justificar que se lançassem mão de tal recurso, aproveitando a carência teatral na província. É de ter em conta, que estas iniciativas empresariais partiam, com frequência, dos próprios atores, mas não exclusivamente. Por vezes, deviam-se à programação das entidades que exploravam os diversos teatros. Veja-se a este propósito o que recorda o ator Carlos Santos (1950), que acrescenta ainda o «diletantismo teatreiro» como motivo para a itinerância.

No entanto, o motor para estas «excursões artísticas» parece ser quase sempre suprir as dificuldades financeiras desses meses. É o que se pode inferir de uma pequena anedota que Adelina Abranches conta nas suas memórias sobre o ator Carlos Borges; numa digressão de que era diretor, «poupava o ordenado de um *ponto*, tomando ele mesmo o seu lugar...» (Abranches 1947: 304). Como curiosidade, refira-se um episódio divertido protagonizado por este mesmo empresário, que acentua a sua mesquinhez. Conta Carlos Santos (1950) que durante a apresentação da comédia em três atos *O Genro de Caetano* em Castelo Branco, “intervinha uma refeição servida pelo António Sarmento a Bárbara Volckart e a António Cardoso”. O proprietário do hotel em consideração ao empresário Carlos Borges tinha-lhe preparado “duas apetitosas perdizes trufadas e ricamente guarnecidas”. Mas tendo Carlos Borges já jantado lembrou-se de aproveitá-las “como peça decorativa mas inatacável pelos seus artistas”, devendo estes banquetear-se em cena com uma travessa de carne assada com fatias de pão-de-ló de papelão. “Chegada a cena do ágape”, António Sarmento depôs sobre a mesa, “com mal contido espanto” as duas travessas de perdizes, “que recebera entre bastidores, das mãos do contra-regra”.

### **Pelo país**

Na imprensa dos anos que abrangem o do período estudado encontram-se espalhadas diversas notícias de itinerâncias de todos ou parte dos elementos que compõem a companhia do teatro do Ginásio, que se associavam a outros colegas de outras companhias nos meses de verão.

No entanto, as notícias são geralmente parcas em pormenores, indicando, apenas, a data e os lugares abrangidos pelas digressões, não fornecendo os nomes de quem formava as companhias. Assim, nem sempre é fácil determinar se António Cardoso participou em todas as itinerâncias patrocinadas pelo Ginásio ou só em

algumas delas. Deste modo, serão, somente, referidos os casos em que existe a probabilidade ou certeza da sua participação.

Em 1891, um grupo de artistas dos teatros da Trindade e do Ginásio formaram uma companhia para explorarem este último durante os meses de verão, enquanto os restantes membros de ambas as companhias partiam, estrategicamente, em digressões. A peça apresentada foi *O Sonho de Ventura*, de Afonso Gomes (*O Ocidente*, 451, 1/07/1891, p. 146.). É possível, embora não de todo comprovado, que António Cardoso tenha integrado esta companhia sazonal, pois sabe-se que, na altura, se associou com a atriz Adelina Abranches, da companhia do Trindade, para uma itinerância nacional. A cidade do Porto era um destino preferencial das deslocações das companhias dos teatros lisboetas, nomeadamente do Ginásio.

Dois anos mais tarde, em 1893, também no verão, António Cardoso integra a sociedade de atores que então explorava o Teatro da Trindade, onde criou com muito êxito o «Regedor» na peça *O Brasileiro Pancrácio*, considerada um «verdadeiro bambúrrio em teatro»<sup>18</sup>. Após o fecho da temporada, houve uma nova digressão a essa cidade, em que, com alguma certeza, terá participado António Cardoso (*O Ocidente*, 520, 1/06/1893, p. 122), onde voltará, novamente, em 1896, numa *tournee* que incluía outras terras da província. Uma das peças apresentadas foi *Hotel de livre câmbio*, também conhecida com o título de *Hotel de livre trânsito*, a qual vinha obtendo imenso sucesso, e que é quase certo ter contado com a participação de António Cardoso (*O Ocidente*, 622, 5/04/1896, p. 74).

Já no século XX, em maio de 1904, António Cardoso terá ido ao Porto com o teatro Ginásio sob a direção do ator Inácio Peixoto. Sendo esta deslocação uma itinerância de curta duração que, quando muito, abrangia o mês de Junho, o ator ter-se-á associado depois a Adelina Abranches para trabalharem nos meses de Julho, Agosto e, eventualmente, os primeiros dias de Setembro. (*O Grande Elias*, 33, 12/05/1904, p. 3)<sup>19</sup>. pertencendo ele ao teatro Ginásio e ela, agora, ao D. Amélia formaram uma pequena companhia dramática, indo atuar a Alcobaça e à Figueira da Foz (*O Grande Elias*, 41, 7/07/1904, p. 2). Esta pequena companhia sazonal, formada pelos dois atores, fazia

---

<sup>18</sup> Sousa Bastos informa que foram António Cardoso e o ator Augusto que salvaram esta peça «desconchavada e obrigaram o público a vê-la inúmeras vezes» (Bastos 1898: 184). Esta peça teve o prodígio de dar trezentas representações seguidas, atingindo um sucesso estrondoso (Jacques; Heitor, 2001).

<sup>19</sup> Apesar de divergirem pessoalmente, António Cardoso e Adelina Abranches tinham uma boa relação profissional. Por mais de uma vez se juntaram em pequenas companhias itinerantes.



imenso sucesso nos lugares por onde passava. Prova desse sucesso reside no facto de terem sido, extraordinariamente, contratados pelo empresário portuense Figueiroa para se apresentarem em Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Espinho. As peças incluídas na itinerância dos dois célebres nomes da dramaturgia nacional eram o drama *A Rosa enjeitada* e as comédias *As alegrias do lar* e *As Duas gatas*, sendo que a imprensa da época, poucas informações dava sobre as mesmas (*O Grande Elias*, 46, 11/08/1904. p. 2).

António Cardoso terá, certamente, participado noutras digressões, que a imprensa não registou com detalhe. Sabe-se, contudo, que no verão de 1911 muitos actores do Ginásio partiram para a província sob a direção do ator Augusto Machado, entre eles Cardoso, o primeiro ator masculino, indício da grande confiança nele depositada por Augusto Machado, e da fidelidade esperada do seu público da província. Saíram de Lisboa no dia 3 de Junho, tendo retornando à capital por volta de finais de Setembro. (*A Capital*, 29/03/1911), referindo-se más condições em que tais digressões eram feitas, vale notar que a viagem era “organizada em excepcionais condições de garantia e de agrado”. Esta turné iniciava-se, segundo o periódico, no Alentejo, seguindo para o Algarve e depois para a Estremadura. Do repertório faziam parte as peças de maior sucesso do Ginásio como *O olho da Providência*, *O dr. Zebedeu* e *O rato azul*, que contava com a participação da atriz Augusta Cordeiro do Teatro Nacional, ingredientes mais do que suficientes para que a visita da companhia se transformasse em mais um grande sucesso (*A Capital*, 20/04/1911). Os cartazes publicitários do repertório da digressão dão conta do êxito, informando, talvez até como estratégia publicitária, da impossibilidade de realizar espectáculos para além dos previstos, por compromissos assumidos previamente pela empresa.



Cartazes publicitários daa peçaa *O Olho da Providência* e *O Rato Azul*, apresentadas no Teatro Taborda em Abrantes, no Verão de 1911. (MNT 239015)

Em 1912 o Ginásio organiza uma nova digressão. Inicia-se a 1 de Junho, após o encerramento forçoso da temporada, quando em palco estava o grande sucesso *O rei dos gatunos*, que assegurava lotações esgotadas diariamente. O destino final seria, de novo, a cidade do Porto. Pelo caminho apresentaram-se em Coimbra e Figueira da Foz, onde deram várias representações. Enfim no Porto, instalaram-se no teatro Águia D'Ouro (*A Capital*, 18/03/1912). A imprensa informa sobre reportório e elenco: *O Rei dos gatunos* e *A Cocotte*. Cardoso fez parte desta companhia de comédia e opereta, que apresentou peças recentemente estreadas no Ginásio, *O mártir*, *Os direitos das mulheres*, *Pupilas do sr. reitor*, *O segredo da morgada*, e a revista *Já vi tudo* (*Brasil-Portugal*, 320, representadas por actores vários teatros 16/05/1912; *O Palco*, 9, 20/05/1912; *O Zé*, 80, 21/05/1912). É bem possível que se tenha repetido no ano a seguinte, a julgar pelo anúncio que se conserva no Museu nacional do Teatro e da Dança:



Cartaz anunciando uma digressão do Ginásio em 1913. MNT 178864

Mendonça de Carvalho organizou no verão de 1915, para o teatro Ginásio, uma companhia a qual, dirigida por si, percorria a província durante os meses de Verão, de que faziam parte Maria Matos e Zulmira Ramos, que representaram *Sopa no mel*, *A menina do chocolate* e *Chuva de filhos* (*A Capital*, 13 Fev 1915). É de crer que outros atores, incluindo António Cardoso, que no Ginásio integrou o elenco destas peças, fizessem parte dessa digressão.

Pode-se considerar que esta digressão do teatro Ginásio à província possuía mesmo um carácter nacional, tal é a quantidade de cidades e vilas que receberam a companhia: Torres Vedras, Leiria, Viseu, Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Guarda, Castelo Branco, Abrantes, Torres Novas, Tomar, Porto, Viana do Castelo, Barcelos, Braga, Santo Tirso, Vizela, Guimarães, Penafiel, Vila Real, Pedras Salgadas, Chaves, Mirandela, Bragança e Lamego. Ao longo de todo o período do verão (a companhia

chegou a Lisboa, vinda das Caldas da Rainha, a 6 de Srtebro), foram representadas pelo menos sete peças do repertório do Ginásio (*A Capital*, 31/05/1915; 5/09/1915).

É a última digressão nacional de António Cardoso de que pude ter notícia.

Como fica documentado, nestas primeiras décadas do século XX, era dado adquirido que, em findando a temporada teatral, de modo geral, no fim de Maio, os atores das várias companhias teatrais lisboetas se organizavam em pequenas companhias itinerantes. As viagens eram organizadas pelos atores, que assumiam desta feita a função de empresários e tomavam a seu cargo a organização da itinerância. Por vezes, eram os próprios empresários que se encarregavam de incluir o período de verão na programação das temporadas preparadas para as companhias contratadas para os seus teatros.

**Theatro Flaviense**  
Grande companhia de comedia  
do Theatro Gymnasio de Lisboa

SOB A DIRECÇÃO DO ACTOR  
**MENDONÇA DE CARVALHO**

Esta companhia não podendo seguir viagem para Mirandella e Bragança e atendendo aos numerosos pedidos do publico Flaviense para representar as peças -Menina do chocolate- e -Homem macaco- resolve realizar duas recitas extraordinarias nos dias 10 e 11 do corrente.

**Terça-feira 10**  
A representação da notavel comedia em 4 actos original de Paul Gavault tradicão de Melillo Beretta.

**Quarta-feira 11**  
**Despedida da companhia**  
Tres horas de completo gargalhada!  
A representação da engraçadissima comedia em 3 actos, imitação do italiano por Ernesto B. Idrigera, Felix Bermudes e João Bastos.

Mais de 100 representações em Lisboa

**A Menina do chocolate**  
Notavel trabalho do engraçadissimo actor A. Cardoso, um dos mais distintos artistas no seu genero.

**O HOMEM MACACO**  
Notavel trabalho do engraçadissimo actor A. Cardoso, um dos mais distintos artistas no seu genero.

**ACTUALIDADE**  
A recita passará em Pazo d'Arco—Actualidade

Execução de **MARIA MATOS** — Cabelleiras de **VICTOR MANOEL**

**PREÇOS do COSTUME** ↔ **Principia às 21 horas**

Cartaz publicitário das peças apresentadas no Teatro Flaviense pela companhia do Teatro do Ginásio. Saliente-se a menção ao desempenho de Cardoso em *O Homem Macaco*: *Notável trabalho do engraçadíssimo actor A. Cardoso um dos mais distintos artistas no seu género*

### **Madrid em 1883**

Numa época em que a mobilidade era bastante difícil devido às frágeis vias de comunicação nacionais e ibéricas, a companhia do Teatro do Ginásio foi apresentar-se no Teatro da Comédia, em Madride para «dar uma série de 30 representações [...] abrindo novos horizontes à arte portuguesa». Consta, segundo *O Ocidente*, que «está fazendo na capital do reino vizinho um verdadeiro sucesso». Noutra passo, lê-se que «a empresa do Ginásio está agora num desses momentos felizes». A companhia obtinha, como se vê, grandes sucessos quer em Espanha quer no seu teatro em Lisboa, cujas peças rendiam, assim, uma cifra bastante considerável em termos financeiros. (*O Ocidente*, 158, 11/05/1883. p. 106).

A notícia é parca em pormenores pelo que não foi possível conseguir saber quem fez parte da comitiva. A data remete-nos para o ano de entrada de António Cardoso no teatro Ginásio.

### **No Brasil**

No final do século XIX e início do século XX, a ida de companhias portuguesas ao Brasil e a vinda de companhias teatrais brasileiras a Portugal é muito intensa.

Em Maio de 1900 o Teatro Ginásio tinha em cena a peça *A Bisbilhoteira*, de Eduardo Schwalbach, apresentada com grande êxito. No entanto, a carreira da peça foi curta. Compromissos relacionados com a organização de uma digressão ao Brasil fez o Ginásio encerrar a temporada teatral no auge do sucesso. Para o Brasil havia-se deslocado, entretanto, uma parte da companhia, designadamente, os atores que não faziam parte do elenco da peça que se encontrava em cena.

Tal digressão fora organizada pelos irmãos Gil e Alfredo dos Santos. Tem-se, por razões dedutivas, quase por certo que António Cardoso também fez parte da comitiva, ainda que novamente pouco se possa afirmar com certeza a partir do *corpus* documental analisado (*Brasil-Portugal*, 32, 16/05/1900).

As condições de salubridade podiam por vezes não ser as melhores. Numa das digressões ao Brasil, em 1903, uma notícia tremenda atingiu a comunidade teatral portuguesa em geral e o Ginásio em particular: a morte, no Brasil, dos atores Georgina Pinto, Adélia Alves e Sebastião Alves. Morreram de doença, supõe-se que de febre-amarela. António Cardoso também teria sido vítima dessa enfermidade, adoecendo gravemente, sem contudo, atingir proporções mais graves. (*O Grande Elias*, 4, 22/10/1903. p. 2-3).

Em 1914 foram cinco as companhias teatrais portuguesas que se apresentaram no Brasil: Trindade, Avenida e Ginásio, Águia d'Ouro e Carlos Alberto (*A Capital*, 16/03/1914). Não pude confirmar a presença de António Cardoso.

Apesar de o Teatro do Ginásio se deslocar com alguma frequência em digressão ao Brasil, não é crível, que António Cardoso tenha feito, sempre, parte das comitivas. Por vezes a companhia dividia-se em duas, indo uma parte em digressão e ficando a outra a apresentar-se no teatro.

## CAPÍTULO 3

### O ATOR

António Cardoso fazia parte do grupo de atores portugueses do início do séc. XX que,

na terminologia teatral (...) eram designados cartacterísticos porque desempenhavam os papéis típicos. E, não só os desempenhava com era mesmo considerado um excelente criador de tipos (*A Capital*. 25 mar. 1914),

Havia determinados tipos que eram, quase exclusivamente, representados pelos mesmos atores. Assim, Beatriz Rente era a esposa, Telmo Larcher o marido, Bárbara Volkat a sogra e António Cardoso o sogro (*A Capital*. 23 mar. 1915).

Podia ser um sogro austero e temível, um sogro comparsa e bonacheirão, ou um sogro provinciano e inconveniente. Invariavelmente, a atriz que emparceirava consigo no papel de sogra era Bárbara Volckart. Além desta atriz, também Carolina Falco e Ângela Pinto faziam de velhas típicas, papéis igualmente representados em travesti, por outros atores como Henrique Alfredo Alves, João Gil, Francisco Alves Taborda, (ator Taborda), José António do Vale, (ator Vale), Joaquim Seta da Silva, António Elias Gomes, António Pinheiro e Inácio Peixoto (Baptista 2010: 46)

É assim que o caracteriza também o escritor francês Henry Lyonnet (1898: 145), que dedica um capítulo ao teatro Ginásio, nele incluindo uma fotografia de António Cardoso a quem apelida de “comique grime du Théâtre du Gymnase”. Ou seja o ator cómico especialista em papéis de velho gaiteiro, trifulha e rezingão.

Na tipologia de papéis, cabiam como uma luva a António Cardoso, os papéis de:

velhas ridículas, velhas pretensiosas, governantas impertinentes, más conselheiras de filhas de família, velhacas, interesseiras, finalmente todos os papéis de velhas com situações cómicas e ridículas.

O público adorava os seus travestis, sobretudo, de velhas gordas e feias, que se tornavam ainda mais ridículas devido ao farto bigode que o ator tinha.

Sabe-se que o ator encomendou à Casa Vasques um conjunto de fotografias em estúdio vestido de personagens das suas peças, prática muito em voga entre atores, servindo-lhes de meio promocional. Trata-se, quase seguramente

de uma só série porque a leitura atenta do conjunto das imagens revela as analogias das poses, da iluminação, do fundo. Quase todas as fotografias, senão mesmo todas, terão sido feitas numa ou em muito poucas sessões do estúdio daquela Casa. (...) Do ponto de vista fotográfico não se pode deixar de assinalar a elevada qualidade das imagens em que a iluminação e as exposições são extremamente rigorosas, as poses e enquadramentos cuidadosamente preparados, as provas estão meticulosamente impressas e, apesar de não dispormos dos negativos para o confirmar, quase seguramente dispensaram o pesado retoque que caracterizava muito do trabalho da maior parte das casas fotográficas da época. Por tudo isto podemos considera-las um dos mais modernos conjuntos de fotografias desse tempo em Portugal (Baptista 2010: 48).

Estas imagens “podem ser um valioso testemunho da actividade teatral ligeira” portuguesa dos primórdios do século XX. Nelas podemos também encontrar a espontaneidade do ator, o à vontade perante a câmara e, mais importante ainda, o fato de o ator se conhecer a si mesmo o bastante para não aparecer em fotografias ridículas a passar por galã, coisa que ele sabe não ser, papéis em que a maioria dos colegas fazia questão de posar. Em António Cardoso tudo é genuíno. Não há presunção nem petulância, nem sequer tentativa de passar pelo que não é. Perpassa para quem a vê a grande

cumplicidade que se conseguiu estabelecer entre actor e fotógrafo na intencionalidade que transparece de uma tão longa série. Nestas fotografias mais do que uma galeria de imagens elas mostram uma caricatura da sociedade portuguesa e sobretudo lisboeta da época. (Baptista 2010: 52).

António Cardoso, que poderá ser considerado o mais característico da sua época, aparece numa série de fotografias em estúdio vestido a rigor das personagens que desempenhou, sobretudo as cómicas e as mais bizarras (Baptista 2010: 46-52).

Devido ao seu ar bonacheirão, à peculiar fisionomia do seu rosto e do seu corpo e à sua impressionante versatilidade, eram-lhe atribuídos papéis cómicos que ele desempenhava exemplarmente.



Além dos seus papéis de velhas e de sogros, também lhe cabiam, como um prolongamento da sua pele, os papéis de menino; menino travesso, rabino, estouvado e irrequieto e irreverente.

De tal maneira o público identificava António Cardoso com as seus personagens cômicos que, quando desempenhava outro tipo de papéis, os chamados papéis sérios e/ou violentos, estranhava e não revia o ator nessas representações.



António Cardoso em fotografias de estúdio, com figurino e caracterização de cena  
(vd. n.ºs 52, 37, 68, 71, 44, 33 do Anexo)

:

### **Profissionalismo e ética**

Carlos Santos (1950: 61) dá-nos uma outra ideia de como seria António Cardoso. Dos companheiros que teve a seu lado destaca

a honrosa colaboração de Bárbara, Juliana Santos, Jesuína Saraiva e António Cardoso, artistas ilustres que generosamente se empenharam em facilitar e fazer valer por seus méritos a apresentação do estreante.

Excluindo qualquer tipo de rivalidade ética com os seus colegas citados, o que ressalva desta notícia é a sua generosidade de artista para com os colegas em início de carreira.

Nas suas *Memórias* (1955: 95), Maria Matos, porém, retrata uma imagem mais definida da personalidade civil e profissional de António Cardoso, salientando a humildade e a ausência de vedetismo de Cardoso perante os papéis que lhe davam, sobretudo os papéis de velha.

Em *Dizeres de Amor e de Saudade* (1935) Maria Matos passeia pela memória da sua vida artística, bem como a dos seus colegas, com extrema elegância mesmo quando observa algum aspeto menos positivo. Depois de algumas páginas em que se detém em comentários sobre alguns dos colegas com quem trabalhou, deixa, por deferência, António Cardoso para o fim.

Finalmente, Cardoso, o velho e simpatiquíssimo Cardoso, ágil, fresco, rosado, espantoso de graça e de espontaneidade, modelo adorável de trabalho, de ordem, de disciplina. Quem não lembra com saudade a sua figura tão cómica, os seus olhos bugalhudos, a sua assombrosa intuição, o seu magnífico poder criador?! (pp. 58-59).

É também com Maria Matos que se fica a saber que António Cardoso tinha baixos estudos e grandes dificuldades de leitura, dificuldades que serviam de motivo de troça e maldade por parte de alguns dos seus colegas, também eles de baixa literacia.

Convencida da maldade e da injustiça que sobre ele pesava, (...) um dos meus primeiros cuidados foi reintegrar Cardoso no seu lugar, no lugar que lhe competia, lugar por ele conquistado a golpes de talento, de inteligência, de trabalho; e não me enganei: Cardoso estava ainda em plena posse de tôdas as suas magníficas faculdades e o brilhante e ruidoso triunfo por êle obtido na *Visinha do lado*, no *Olho da Providência*, no *Senhor Roubado*, e em tantas outras comédias, assim o atesta sobejamente. (p. 63)

À primeira vista, António Cardoso poderia estar destinado apenas a fazer pequenos papéis de ator secundário. Tal não aconteceu, devido à sua enorme estatura profissional, levando a que todos os diretores, sem exceção, nele confiassem, atribuindo-lhe o estatuto de primeira figura, cimentado pelo carinho do público. Maria

Matos, ignorando esses motejos maldosos, e sem se deixar por eles influenciar, colocou, novamente, António Cardoso no lugar que era seu por direito, o de protagonista.

Sabe-se que António Cardoso, apesar da sua bonomia, era “um modelo de disciplina e que não gostava de brincar em cena” (Matos 1935: 66). Ainda, segundo Maria Matos, António Cardoso tinha uma particularidade física que, ou a imprensa e os críticos em geral desconhecia - o que não é crível, pois, invariavelmente, com ele contatavam - ou não lhe atribuíam grande importância, “era completamente surdo do ouvido esquerdo”, (Matos 1935: 67). A insuficiência, no entanto, não o afetava em cena, antes pelo contrário, mais o engrandecia enquanto ator.

A fazer fé no relato, António Cardoso pouco sabia ler e escrever, mas de forma alguma esse fato lhe causava dificuldade na decoração dos seus papéis e «deixas». António Cardoso decorava-os de ouvido, das sessões de ensaios que tinha com os seus colegas. E de tanto ouvir e repetir o que ouvia aos colegas que com ele ensaiavam acabava por os decorar.

António Cardoso teve sempre ao longo da atividade artística o apoio e louvor do público que nunca o abandonou, havendo quem ia ao Ginásio apenas para o ver (*A Capital*. 1 nov. 1913).

Os seus trinta e quatro anos de trabalho neste espaço teatral granjearam-lhe, ainda, a alcunha carinhosa de *O Cardoso do Ginásio*. Ao longo da sua atividade de ator alcançou uma popularidade que muito poucos colegas da sua época se puderam dar ao luxo de poder ostentar. Em vida, nunca foi esquecido, nem pelos empresários que lhe deram sempre trabalho, nem pelo público.

A rectidão do seu carácter aliada a um sentido do dever terão contribuído para o facto, raro, de não se lhe conhecer uma crítica negativa; nunca foi vilipendiado por nenhum crítico, como aconteceu com alguns dos seus colegas, mesmo os mais artisticamente reconhecidos.

As homenagens, umas mais singelas, umas mais sentidas, outras mais notórias sucederam-se ao longo da sua vida de ator. O crítico O Porteiro da Geral faz uma breve retrospectiva da vida artística de António Cardoso destacando-lhe as suas qualidades de ator (*A Capital*. 7 abr. 1914). Quando há anos atrás se ia ao Ginásio, sabia o público, que iria encontrar António Cardoso, “infalivelmente”, a fazer de “tio da província complicador de enredos ou sogro”, emparceirado com Bárbara Wolkart, “pândego às

escondidas”. Conseguiu sempre, ao contrário de muitos outros colegas, manter-se à tona da ribalta teatral deixando “uma marca indelével”, no panorama teatral português.

Cardoso manteve-se firme no seu posto, tão gordo como era há quinze anos, tão engraçado como há três lustres, sempre tio da província, sempre sogro patuscão. Estimado do público é, dentro da atmosfera viciosa dos bastidores, um excelente camarada, um corretíssimo empregado e um bom homem, pacata e digna pessoa. A sua festa é das que se justificam, pois dá ensejo a exprimir admirações sinceras e amizades muito radiosas *A Capital*. 7 abr. 1914).

António Cardoso era uma pessoa reservada na sua vida privada, mantendo-se sempre discreto mesmo na sua vida profissional, subindo a pulso na sua atividade artística, sem nunca recorrer a alpinismo social ou teatral para atingir fosse o que fosse. Ao contrário de outros colegas, como os irmãos Rosas e os irmãos Brazão, e ainda o ator Vale, entre outros, que eram bons gestores das suas imagens, explorando-as em seu benefício, António Cardoso era, apesar da sua exuberância física, um homem discreto, um operário do teatro que, terminado a sua atividade diária, ia para casa para o aconchego da sua família. Todas estas qualidades apontadas por este crítico só podem deixar orgulhoso um ator que viveu, exclusivamente, para a sua atividade teatral, sério e honrado, alegre e bonacheirão, genial construtor de tipos, um lealíssimo público que nunca o abandonou ao longo dos seus trinta e sete anos de ator. que ia exclusivamente ao teatro para o ver. .

António Cardoso receberia, ainda, um novo medalhão atribuído por este periódico, significativo do seu valor enquanto ator, e do seu profissionalismo ao longo de tantos anos. *A Capital*, atribuiu-lhe um simbólico medalhão. Faz o seu elogio público Cyrano, o crítico do jornal, começando por referir a curiosa ideia de

ressuscitar a peça com que se estreou naquele mesmo palco. Quanto caminho percorrido desde essa estreia. Hoje Cardoso é um dos pilares do templo da comédia burlesca, e dentro da camada nova de artistas, um dos representantes do velho núcleo que, durante tantos anos divertiu a geração anterior e os primeiros anos da nossa. O público não lhe tem sido infiel e reserva-lhe, sempre, a mesma amistosa simpatia. Quando o vê entrar fica satisfeito porque já sabe que se vai rir, e quase nunca sofre uma desilusão, de tal forma a sua truculenta apresentação, a sua figura característica, os seus processos de trabalhos experimentados e garantidos, são de molda a conseguir o fim que ele pretende e que buscam os que o têm por intérprete; fazer rir. Bem-haja o Cardoso com a sua rotundidade patusca que tem alegrado tanta gente(*A Capital*. 20 abr. 1915).

É um sentido elogio a um homem que primou sempre pelo profissionalismo e pelo respeito para com a sua profissão e público, colegas e diretores, com quem trabalhou ao longo de tantos anos.

António Cardoso conheceu ao longo da sua vida profissional um continuado conjunto de sucessos. Além disso, nunca soube o que foi sofrer a dor de um falhanço. Mesmo quando a crítica não lhe era favorável também não lhe era desfavorável. Simplesmente dizia que não tinha estado tão bem como em outras peças ou atuações.

Sirva de xemplo do êxito profissional um grandioso e elegante elogio da revista *Pontos nos ii*, a propósito da sua participação na peça *Mulheres Carraças*.

À parte Bárbara, Marcelino Franco e Vale (...) o desempenho da peça caiu num charivari inverosímil. Regista-se, com alegria, porém, uma criação do ator Cardoso no ato da Mairie, fina e surpreendentemente observada, e sem dúvida alguma o único trabalho perfeito da representação. Muito ganharia o Ginásio em dar a este modesto artista, papéis de mais extenso fôlego, pois há nele estofo onde talhar à larga um excelente ator de farsa e de comédia.

Este elogio é tanto mais importante porquanto Cardoso é o único do elenco a recebê-la em destaque, sobretudo tendo em conta que na peça entra o grande ator Vale, que não foi merecedor duma crítica individualizada como a de António Cardoso. Realça-se ainda a modéstia de António Cardoso, qualidade que sempre o caracterizou, nunca embandeirando em vedetismo tão caraterísticos da época. Chega-se a insinuar que o seu talento era mal aproveitado, ao ponto do crítico exortar a direção do Ginásio a dar-lhe papéis de maior protagonismo. Na caricatura ei-lo atrás do balcão (*Pontos Nos ii*. N.º 237. Pg. 11. 9 jan. 1890).



Principais figuras da peça *Mulheres Carraças*. Caricatura de Rafael Brdalo Pinheiro, *Pontos nos ii*, 237, 9/01/1890 (vd. n.º 8 do Anexo).

Uma outra característica notada em António Cardoso era a sua capacidade de trabalho, o seu fôlego em cena que lhe permitia atuar meses seguidos, por vezes com duas ou mais peças ao mesmo tempo, inclusive no mesmo dia.

Assim, participa na comédia *O Casamento do Conselheiro*, peça em quatro atos de Artur Tavares de Melo, na qual tem o protagonismo desempenhando o papel do próprio conselheiro (*Brasil-Portugal*. Nº 48. 16 jan. 1901). Nessa noite será, também, exibida a peça *Os Dois Anúncios*, em que António Cardoso igualmente participa. Na primeira faz do agente da polícia Letocard. Na segunda faz de José. Saliente-se o exercício intelectual e disciplina mental que os atores tinham de deter para conseguirem decorar todas estas peças, pois, num mês, chegavam a representar de oito a dez peças diferentes.

Continuando a descobrir características reveladoras do seu brio profissional, sabe-se que António Cardoso não se furtava aos chamados pequenos papéis, não acusando tiques de vedetismo. É o caso da peça *O Príncipe*, uma “desopilante e despreziosa” comédia em quatro atos, cujo tema central é o provincianismo e suas ridicularias, em que um jornalista salienta o profissionalismo dos seus atores, entre eles, António Cardoso, que mostraram “que pequenos papéis confiados a artistas de valor ganham e realçam com essa colaboração” (*Brasil-Portugal*. Nº 51. 1 mar. 1901).

Também a revista *Atlântida* o homenageia afirmando que asua “(...) presença ainda basta para que uma sala inteira se convulsione de riso”. (*Atlântida*. Nº 1. Pg. 87-88. 15 nov. 1915).

Em 1904, *O Grande Elias* (Nº 24. 10 mar. 1904. p. 1-3) dedica, praticamente, toda a primeira página a António Cardoso, inclusivamente, com a reprodução de fotografia do ator ( a foto n.º 97 do Anexo). João de Freitas Branco, que assina a crónica, não poupa elogios a António Cardoso, traçando-lhe um perfil de ator único no panorama teatral português. Atribui-lhe um sentido elogio, salientando, em primeiro lugar, a sua popularidade pois que,

apresentá-lo é tão supérfluo como apresentar a estátua de D. José ou outro monumento igualmente conhecido.

De seguida, falando dele enquanto ator, salienta as suas qualidades artísticas:

um ator cómico excelente, um artista trabalhador, consciencioso, amante da sua arte tipo único nos palcos do seu país. Se ele por uma casualidade abandonasse a cena, deixava uma lacuna impossível de preencher. Há papéis que não se concebem senão interpretados pelo Cardoso, porque há papéis em que é

inimitável, como é certo, igualmente, que ele não imita ninguém. O que dá é seu e muito seu, e consegue verdadeiros prodígios.

E continua interpelando os leitores;

já o viram, por certo, em papéis de menino, dar pulos e corridas; e Lisboa em peso o admirou no *Dente do Maçarico*, em traje de dançarina, perneando ágil em piruetas vertiginosas, como se os dentes dele, não do Maçarico, tivessem nascido no exercício da arte coreográfica.

Especial menção deve merecer a referência à rara interpretação de uma bailarina, eventualmente caso único nos seus papéis de travesti, razão pela qual se fez retratar nessa figura:



António Cardoso em travesti, possivelmente no *Dente do Maçarico*  
(Vd. n.º 45 do Anexo)

Freitas Branco ainda vai mais longe na homenagem a António Cardoso dizendo que os editores da revista nem precisavam de sobrepôr, por baixo da sua imagem, o seu nome pois,

não existe uma só criatura (...) que relanceando os olhos à gravura, deixasse de exclamar num sorriso de hilariantes reminiscências: É o Cardoso. Esta simples

exclamação é uma biografia, e uma biografia mais eloquente e honrosa do que um volume compacto de minúcias.

Outro aspeto concordante entre os críticos é a sua agilidade em palco que contrastava com a sua rotundidade e a sua grande camada de tecido adiposo. Era-lhe reconhecida a ligeireza de movimentos que o fazia, num momento estar num lado do palco e no momento seguinte encontrar-se no outro lado com saltos e movimentos prodigiosos. Os papéis de rapazinho e femininos eram como cabiam-lhe na perfeição.

O seu excesso de peso em nada prejudicava as suas atuações, antes contribuía para o seu desempenho. Simultaneamente a este elogio público, ainda nesta revista, dá-se conta da estreia da peça *Gente para Alugar*, comédia alemã em quatro atos e traduzida para português por Freitas Branco, na qual António Cardoso tem o papel principal, na peça, e de destaque, na notícia. Esta peça foi representada para benefício de António Cardoso, e os atores que se destacam do elenco são, precisamente, António Cardoso e o seu colega Inácio.

Também a revista *Brasil-Portugal* (Nº 124. 16 mar. 1904) elogia o trabalho de António Cardoso nesta peça, que ele interpreta e que faz desopilar o público do Ginásio, considerando-o um ator de resistência, que faz rir o público assim que aparece. O mesmo periódico destaca a peça *Ciências Exatas*, uma comédia em um ato, de Vital Aza, bem recebida, inclusivamente pelo rigoroso crítico desta revista, H. T. que parece ser Hogan Tevez. António Cardoso sai, sempre, incólume das críticas negativas. Mesmo quando os seus colegas são criticados, antes vê o seu trabalho elogiado, como nesta peça, “com cenas muito bem achadas”, nomeadamente,

uma explicação de matemática dada pelo professor Silvério, (Cardoso), a uma coleção de alunos cábulas e madraços, e outra entre este mesmo ator e Palmira Torres e Bárbara Volkart. (...) Quaisquer destas duas cenas estão tratadas com mão de mestre, pela naturalidade das situações e pela verdade dos tipos muitíssimo bem interpretados por António Cardoso (...).

A genialidade artística de António Cardoso está também neste facto, mesmo os críticos mais rigorosos e mais exigentes lhe reconhecem qualidades, que fazem dele um grande ator. Apresentaram-se, ainda, a acompanhar esta peça as comédias *o Sr. Governador* e *Rosinha* (*O Grande Elias*. Nº 56. Pg. 2. 20 out. 1904).

Outro grande sucesso de António Cardoso a comédia *Grande e Horrível Crime*, cabendo a António Cardoso o papel de Felício (*O Grande Elias*. Nº 59. Pg. 2-3. 10 nov. 1904).



*O Casmurro*, na pessoa do seu crítico Jejeui, dedica umas simpáticas linhas a António Cardoso, através dum trocadilho formado com peças onde entrou:

por motivo dos Amores dum Conselheiro, mandou A sr<sup>a</sup>. Ministra ao Outro Sexo, convidar O Pai-Mãe para amamentar O Bebê e Totó, que se encontravam à disposição do Comissário de Polícia, como elementos do Grande e Horrível Crime, praticado com O Cabo da Caçarola, pelo Salta-Pocinhas, rival do célebre Papão, aficionado da Arte de Montes (?), Montar (?), que tentava implantar Guerra ao Vinho. (*O Casmurro*. Nº 30. 20 nov.1905).

O prestígio dos atores media-se também pelo número de festas a que tinha direito. No caso de António Cardoso poucos se lhe podiam comparar, devido ao número de récitas que tinha por direito contratual. Nesta sua récita, a peça escolhida por este *excelente ator cómico*, foi *O Sumo de Uva*. É uma engraçada peça inglesa adaptada ao teatro português. É uma verdadeira fábrica de gargalhadas, graças, sobretudo, a António Cardoso e Bárbara Volkart, “que primam entre os artistas que a desempenham pelos seus vastos recursos cómicos, como pelos magníficos papéis” que lhes couberam.

O elevado número de récitas de festa artística que António Cardoso teve ao longo dos anos, é atestador da sua qualidade e importância artística no panorama teatral português pois, nem a todos os artistas lhes é concedido um tão elevado número de benefícios (*Brasil-Portugal*. Nº 197. 1 abr. 1907).

É, para qualquer ator, e neste caso para António Cardoso, uma felicidade e uma gratificação os sucessivos elogios, louvores e congratulações que, ao longo da sua vida tem recebido de todos os quadrantes artísticos e jornalísticos. Neste caso, é a revista *O Xuão* que, a propósito de uma outra sua festa o considera um “ator imprescindível no género cómico que o Ginásio explora”, reafirmando a convicção num louvor que lhe dedica numa singela quadra:

Ri alegre o mais sisudo  
té rebentar as presilhas,  
que o Cardoso no Faz Tudo,  
palavra, tem graça às pilhas.  
(*O Xuão*. Nº 6. 31 mar. 1908)

Estes versos são fracos e de baixa qualidade, mas chegam a revestir-se de carácter documental quando referem António Cardoso como um ator único e credível no panorama teatral da época e ao Ginásio como um teatro alegre onde vale a pena ir..

Também a revista *A Risota* (Nº 7. 12 abr. 1908) lhe dedica uma quadra sintomática do seu prestígio:

para o Ginásio a correr  
vai o coxo, o surdo, o mudo  
para ver o Cardoso fazer  
O tal papel de Faz Tudo.

António Cardoso é o protagonista desta peça *O Faz Tudo*, um original inglês adaptado por Freitas Branco, escolhida para a sua nova festa artística. (*Brasil-Portugal*. Nº 222. 16 abr. 1908). No mesmo ano, a revista *Azulejos*. (Nº 50. Pg. 1. 31 ago. 1908) dedica-lhe a capa, com uma caricatura de Craveiro.



António Cardoso em caricatura de C. Craveiro, *Azulejos*, 50, 31/08/1908, capa (vd. fig. XX do Anexo).

As festas artísticas sucedem-se com repercursão invariavelmente de agrado, quer do público quer da crítica.

Em 1915 é constituída a nova sociedade artística dos artistas do teatro Ginásio, com Maria Matos e Mendonça de Carvalho à cabeça (*A Capital*. 26 fev. 1915). António Cardoso faz parte desta sociedade mantendo-se com o seu estatuto de primeiro ator.

Neste mesmo ano acontece-lhe um apontamento de extremo valor emocional. António Cardoso vai apresentar no seu benefício a peça com que se estreou no teatro Ginásio, *A medalha da Virgem*, de José Carlos dos Santos. É um momento cheio de simbolismo ao ator que há mais tempo se encontra em atividade no teatro Ginásio (*A Capital*. 8 abr. 1915).

A festa artística de António Cardoso realiza-se no dia vinte com as peças *A Medalha da Virgem e Circo de Inverno*. Nesta peça Cardoso tem o papel principal e faz de Danico Molinaeu. Praticamente toda a companhia entra nesta peça o que salienta, ainda mais, a importância António Cardoso (*A Capital*. 17 abr. 1915). Representa o papel que, aquando da sua estreia, vinte e cinco anos antes, fora interpretado pelo ator Isidoro (*A Capital*. 18 abr. 1915).

Este espect teve grande destaque nos meios de comunicação da época (*O Zé*. Nº 211. 20 abr. 1915) e foi ao mesmo tempo, o princípio e, praticamente, o fim da sua longa atividade de ator.

No início de abril de 1917, António Cardoso faz parte, ainda, do elenco da peça *O carrasco de Sevilha* (*A Capital*. 5 abril 1917) e, ainda neste mês, entra na reposição da peça *Sherlock*, no teatro do Ginásio (30 abr. 1917). Terá sido a sua última aparição pública. A morte colhe-o no dia 3 de Agosto, de madrugada, pouco tempo depois de chegar a casa, vindo dum ensaio no teatro Ginásio.

Morreu este popular artista vitimado por uma dolorosa doença de fígado que há três meses o vinha atormentando. Cardoso um dos mais populares atores cómicos que têm aparecido sob as ribaltas portuguesas (*A Capital*. 3 ago. 1917).

É recorrente em todos os periódicos as suas qualidades, pois nenhum lhe atribui qualquer defeito de personalidade. Entrou para o Ginásio aos “vinte e três anos”, estreando-se na comédia *A Medalha da Virgem*, de Carlos Cants. Fez parte de diversas sociedades artísticas que trabalhavam no Verão quer na província que nos teatros lisboetas, como Trindade, Avenida, Rua dos Condes e D. Amélia. Foi vítima duma doença de fígado “que há muito o vinha minando, expirando nos braços de sua irmã” Maria Joaquina Cardoso. Dois dias antes morria, também a escritora e poetisa republicana Angelina Vidal (*Ilustração Portuguesa*. Nº 599. 13 ago. 1917).

António Cardoso foi dos pouquíssimos atores que tiveram “a rara longevidade” e de trabalhar “ao serviço do mesmo palco”, de tal maneira que fez com que ele passasse a ser conhecido como O Cardoso do Ginásio.

É interessante verificar a proeminência que seu talento possuía, numa apreciação comparada aos atributos cénicos de alguns de seus muitos colegas de ofício, os quais, todavia, gozavam de maior prestígio, sendo ainda hoje lembrados, como figuras importantes na história do teatro em Portugal no século XIX, o mesmo não acontecendo com António Cardoso, não obstante tais reconhecimentos da sua capacidade criadora e do seu profissionalismo<sup>20</sup>.

É talvez esta a maior questão deste trabalho, dentro da qual, se albergam os demais aspetos da pesquisa que levaram a hipóteses mais ou menos passíveis de serem confirmadas ou refutadas, permitindo, contudo, que delas possa ficar uma memória cultural como ferramenta de produção/construção da História – contada, quase sempre, do ponto de vista das camadas dominantes e, portanto, escrita pelas mãos daqueles que possuem o poder. Uma das instituições detentoras do referido poder, foi, desde sempre, a da esfera da comunicação, não sendo, pois, difícil ter-se como âmago de uma das hipóteses deste trabalho a questão da relação que António Cardoso tinha – ou não, com o meio intelectual, com as altas rodas e mesmo com os veículos de comunicação principais de seu tempo, nomeadamente os jornais e revistas.

Foi, contudo, através dos diferentes periódicos que se encontrou a maioria dos dados biográficos e profissionais, através duma pesquisa por memórias, enciclopédias, biografias e demais fontes complementares.

É de ter em conta que o Cardoso que chega até hoje é justamente aquele construído e filtrado pelos olhos, nunca desinteressados, dos meios de comunicação e da dita imprensa cultural.

De relevo sobre a sua personalidade é o facto de – e é recorrente nos diversos documentos consultados – que António Cardoso não possuía especial apreço ou mesmo desejo de fazer-se constar em circuitos da alta-roda da sua profissão, evitando, assim, medidas como bajulações, trocas de favores e/ou quaisquer medidas que, embora

---

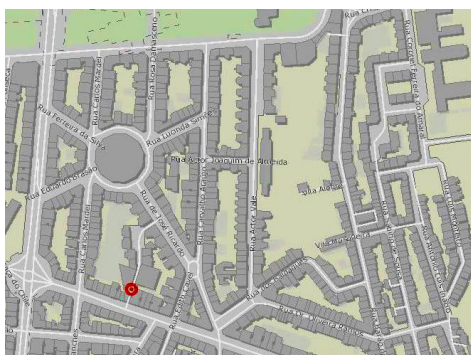
<sup>20</sup> Revelador do seu carácter multifacetado e da sua popularidade, é o facto de António Cardoso ter trabalhado no cinema. Participou como protagonista na película *Chantecler Atraiçoado*, realizada por Júlio Costa, com argumento de Eduardo Nascimento Soares, numa produção da Empresa Cinematographica Ideal. Foi rodado nos estúdios Ateliê na Cerca do Coleginho em Lisboa, com laboratório de imagem Ideal e distribuição da Empresa Cinematografica Ideal. teve estreia a a 27 de Junho de 1910 no Salão Ideal. Além de Cardoso fizeram parte do elenco os atores da Companhia do Teatro Ginásio e, ainda, Isabel Ferreira e Jorge Gentil. Teve direção de atores de Leopoldo de Carvalho, fotografia de Júlio Santos, intertítulos de Júlio Santos, legendas de Eduardo Nascimento Soares, vestuário da Empresa do Teatro do Príncipe Real . Lamentavelmente não se conhece o paradeiro de qualquer cópia deste filme.

importantes (ou mesmo indispensáveis como *práxis* do bastidores do teatro português de então), fossem alheias ao mérito próprio de sua criação artística.

Sendo, precisamente, esses meios de comunicação e intelectuais alguns dos principais representantes do poder que então detinha a primazia de construção de um olhar historiográfico sobre o panorama cultural daqueles anos, não será difícil tomar as palavras do autor do medalhão de *A Capital* de 20 de Abril de 1915 citado como salvo-conduto que permita confirmar essa hipótese.

Muito embora a projeção profissional de atores como Vale e Taborda, por exemplo, tenha sido – e continue sendo – mai visível aos olhos do público e dos posteriores estudiosos do teatro, é notável, como dado diferencial da personalidade de António Cardoso, a sua postura de grande profissionalismo,. A sua importância todavia, fez-se de algum modo reconhecida e homenageada com a atribuição do seu nome a uma rua de Lisboa, na década de 30 do século XX.

A 12 de Março de 1932 a promulgação do Edital pela Câmara Municipal de Lisboa que oficializou o batismo da rua Actor António Cardoso, numa zona da freguesia de Arroios, num programa de arruamentos que deliberava sobre homenagens a conceituados atores da segunda metade do século XIX e início do XX. Nesse bairro, de entre outros, figuram topónimos de Ângela Pinto, Joaquim de Almeida, Joaquim Costa, Lucinda Simões, Rosa Damasceno e Ator Vale. Segundo a letra do Edital de 21/12/1960, nasce “a rua actor António Cardoso, na rua Rua Particular à Rua Morais Soares, com início na Rua Morais Soares e fim na Rua José Ricardo”, ficando esta zona conhecida como Bairro dos Atores.



Planta do Bairro dos Actores, em Lisboa



Rua Ator António Cardoso, em Lisboa

## CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho implicou uma busca profunda nos meios de comunicação escrita da época, uma vez que nada de concreto existia sobre o ator António Cardoso. Alguns apontamentos num ou noutra livro, servindo de complemento a um outro qualquer tema; algumas referências em biografias e autobiografias de artistas seus contemporâneos.

As fontes pesquisadas (muitas, na verdade) nem sempre deram as informações que eu buscava, pois limitavam-se a breves notas triviais sobre a peça e o teatro onde Cardoso se exibia e uma ou outra crítica. Por fim, após tanto vasculhar, começaram a aparecer alguns apontamentos e críticas mais concretas e substanciais sobre o trabalho do ator.

Surpreendeu-me a unanimidade acerca da sua pessoa. Todos, sem exceção, lhe devotavam respeito, consideração e amizade, e reconheciam nele qualidades de excelente profissional. Pessoa respeitadora de horários, cumpridora de contratos, pacífica na defesa de ideias, incapaz de roubar uma deixa a um colega, pronto na ajuda, em suma, trabalhador exemplar.

Esta unanimidade vinha de colegas, empresários, jornalistas, críticos teatrais e do público, que lhe encontravam características de exceção como ator e o consideravam um ser humano de notáveis qualidades.

Chamava a atenção de quem com ele privava o seu físico rotundo, o seu rosto grosseiro, os seus olhos esbugalhados, que evidenciavam características de ator de comédia. Consideravam-no um homem feio e António Cardoso tinha noção dessa fealdade física e facial que o desgostava e entristecia. Porém, era suficientemente inteligente para tirar partido do seu estado físico, explorando as suas potencialidades, levando o público às lágrimas com as suas comichadas. Talvez essa comichada contagiante servisse como mecanismo psicoanalítico de compensação.

Não era um homem social. Não frequentava nem convivia socialment, ao contrário da maioria dos seus colegas. Não frequentava saraus culturais, conferências, colóquios ou simples convívios fora dos palcos, a que não eram indiferentes as suas

caraterísticas físicas bem como as suas frágeis condições culturais e sociais, que criavam uma incapacidade de se dar.

António Cardoso tinha, ainda, uma outra limitação: mal sabia ler e escrever. Alguns atores, na sua pequenez, sobretudo quando Cardoso estava já numa fase avançada da idade, acometiam-no e invejavam o facto de ainda ser protagonista e primeira figura no teatro. Para Cardoso essa condição estava longe de ser um problema para a memorização dos seus papéis. Os primeiros ensaios eram feitos com amigos atores que lhe diziam as falas e que ele depois repetia. Após apanhar a essência do seu papel dominava o seu personagem completamente.

Enquanto pessoa era humilde, simples e generoso, qualidades que, de modo geral, todo o meio teatral lhe reconhecia. Aliadas a um profissionalismo exemplar, faziam de António Cardoso um ator de excelência.

Todavia a história não lhe gravou o nome.

No livro *Os atores na toponímia de Lisboa*, Mário Jacques e Silva Heitor parecem antecipadamente entender as dificuldades por mim sentidas na realização deste trabalho ao referirem:

O anafado Cardoso teve mais de volume do que de memória legada. A custo se encontra uma referência a este grande actor cómico, para além de um chorrilho de títulos de peças, muitas delas sem nome de autor que se recorde.

Mas é João de Freitas Branco quem melhor, em meu entender, refletiu e compreendeu a importância de António Cardoso enquanto ator, quando diz. a propósito de uma imagem sua

não existe uma só criatura [...] que relanceando os olhos à gravura, deixasse de exclamar num sorriso de hilariantes reminiscências: É o Cardoso. Esta simples exclamação é uma biografia, e uma biografia mais eloquente e honrosa do que um volume compacto de minucias.

Quando comecei este trabalho não desejava mais nada além da sua realização. Agora que, ao longo destes meses, me familiarizei com António Cardoso, que tive um vislumbre da sua personalidade, do seu carácter, do seu brilhantismo enquanto pessoa e enquanto ator, que descobri, nele, um notável ator de comédia, desejo que a sua memória não mais seja esquecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### I. Periódicos (1878–1917)

- Aguilhadas: publicação mensal de crítica à arte, à política e aos costumes*, Porto, Empreza Litteraria e Typographica, Junho de 1903–Agosto de 1904). Diretor: Paulo Mendes Osório
- O António Maria*. Lisboa, 12/06/1879–21/01/1885; 5/03/1891–7/07/1898 (duas séries). Jornal de publicação semanal organizada em volume/ano. Editor e diretor: Rafael Bordalo Pinheiro. Colaboradores: Guilherme de Azevedo (João Rialto), Ramalho Ortigão (João Ribaixo), Alfredo Morais Pinto (Pan), Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, entre outros.
- Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*. Lisboa, 15/11/1915–1920. 5 anos, 48 números. Diretores: João de Barros e João do Rio (pseudónimo de João Paulo Barreto). Editor: Pedro Bordalo Pinheiro. Crítico de teatro: Avelino de Almeida.
- Ave Azul: revista de arte e crítica*, Viseu, 1899-1900. Diretores: Beatris Pinheiro de Lemos. Carlos de Lemos
- Azulejos: semanário ilustrado de ciências, letras e artes*. Lisboa, 21/09/1907–27/02/1909. 5 séries, 75 números. Diretor: Palermo de Faria.
- Balas... de Papel: publicação bimensal*. Lisboa, 30/11/1891–31/01/1892. 4 números. Diretores literários: Gualdino Gomes, Carlos Sertório.
- O Berro: caricaturas de Celso Hermínio*. Lisboa, 9/02–27/06/1896. Semanário republicano de humor e sátira. 18 números. Autores: Celso Hermínio de Freitas Branco, João Pinheiro Chagas.
- O Binóculo: hebdomadário de caricaturas, espetáculos e literatura*. Lisboa, Tipografia Portuguesa, 29/10–10/12/1870. Autor: Rafael Bordalo Pinheiro.
- Branco e Negro: semanário ilustrado*. Lisboa, Livraria António Maria Pereira, 5/04/1896–27/03/1898. 104 números. Diretores: José Sarmiento e Domingos Guimarães.
- O Branco e Negro: revista semanal ilustrada para Portugal e Brasil*. Lisboa, 18/03–29/04/1899. 4 números. Editor: José do Patrocínio Gomes de Sousa. Diretor: Conceição Silva. Ilustração: Celso Hermínio e Jorge Colaço.
- Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*. Lisboa, 1/02/1899–16/08/1914. 374 números. Diretores: Augusto de Castilho, Jaime Victor e Lorjó Tavares.



- A Capital: diário republicano da noite.* Lisboa, 1/07/1910–2/08/1926. Director e proprietário: Manuel Guimarães. (Continuou a ser publicado esparsamente de 1929 até 8/07/1938 para garantia do título.)
- O Casmurro: semanário humorístico, teatral e charadístico.* Lisboa, 8/05/1905–10/02/1907. Hebdomedário. 50 números. Editor: Cândido Chaves. Diretores: Carlos Lopes, Artur Arriegas e Augusto Abel dos Santos. Redator principal: Arnaldo Ribeiro.
- A Comédia Portuguesa: crónica semanal de costumes, casos, política, artes e letras.* Lisboa, 1888-1889; 1902. Diretor literário: Marcelino Mesquita. Ilustração: Julião Machado (1888-1889).
- Contemporânea.* Lisboa, 1915 (número specimen); Mai.1922–Jul./Out.1925. Diretor: José Pacheco.
- A Corja: semanário de caricaturas.* Lisboa, 29/06/1898–16/10/1898. Diretor e ilustrador: Leal da Câmara.
- O Espelho: jornal ilustrado.* Londres, Brazilian Associated Press, 31/10/1914–7/09/1918.
- O Grande Elias: semanário ilustrado, literário e teatral.* Lisboa, 1/10/1903–17/11/1904. 60 números. redator principal: Joaquim dos Anjos.
- A Ilustração Popular: crónica semanal.* Lisboa, Empresa da Ilustração Popular, 1/07–25/12/1884. Proprietário: Humberto S. Pinto
- A Ilustração Portuguesa: revista literária e artística.* Lisboa, Tipografia do Diário Ilustrado, 1/07/1884-6/10/1890. Semanário. 5 anos, 52 números por ano e número prospecto de Jun.1894. Editor: Pedro Correia da Silva.
- A Imprensa: revista científica, literária e artística.* Lisboa, 1885–1891. Diretor literário: Afonso Vargas.
- A Luz: jornal académico e literário.* Lisboa, 25/11/1908–Março 1909. Direção de António Ferreira Júnior.
- Jornal do Domingo: revista universal.* Lisboa, 20/02/1881–18/02/1883. Semanário ilustrado. Proprietário: Augusto de Sampaio Garrido. Diretor (a partir do nº 12): Pinheiro Chagas. Colaboração de Rafael Bordalo Pinheiro.
- A Máscara: arte, vida, teatro.* Lisboa, 20/01–13/04/1912. Revista semanal. 12 números. Autor: Manoel de Sousa Pinto.
- Miau!.* Porto. 21/01–26/05/1916. Semanário humorístico. Redatores: Guedes de Oliveira, Leal da Câmara, Manuel Monterroso.
- O Micróbio: semanário de caricaturas.* Lisboa, Tipografia Lisbonense,7/07/1894–9/05/1895. Ilustradores: Celso Hermínio, Augusto Pina. Redator: Tito Martins.
- O Moscardo: semanário humorístico.* Lisboa, 27/03–17/06/1913. Diretor: Francisco Valença.

- O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro.* Lisboa, Empreza do Occidente, Jan.1878–10/07/1915. 38 anos, 1315 números e número specimen [1877?]. Editores: Francisco António das Mercês. Diretores literários: Guilherme de Azevedo (1878–1880), Gervásio Lobato (Set.1880–Jun.1895), D. João da Câmara (1895–Dez.1907), Alfredo Mesquita (1908–Dez.1912), António Cobeira (1913–1915).
- O Palco: revista teatral.* Lisboa, Tipografia Cunha e Sá, 5/01–20/05/1912. Quinzenário. Diretor: E. Nascimento Correia. Editor: E. da Cunha e Sá.
- Papagaio Real: semanário monárquico – política, caricatura e humorismo.* Lisboa, Empresa do Papagaio Real, 7/04/1914–18/08/1914. 20 números. Diretor: Alfredo da Cunha Lamas. Direção artística: José de Almada Negreiros.
- A Paródia.* Lisboa, 17/01/1900–1/06/1907. Jornal humorístico ilustrado. Proprietários e diretores: Rafael Bordalo Pinheiro (até Janeiro de 1905), Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Colaboradores: Cândido Chaves, Celso Hermínio, Jorge Cid, Manuel Monterroso, João de Saavedra. Em 1903 muda o título para *Paródia: comédia portuguesa*, em resultado da fusão de *A Paródia* com a *Comédia Portuguesa*, dirigida por Julião Machado e Marcelino Mesquita.
- O Petardo: publicação quinzenal.* Porto, 1/07/1902–15/06/1903. Publicação satírica católica e nacionalista. Editor: António Pacheco
- Pontos nos ii.* Lisboa, Litografia Guedes (depois Companhia Nacional Editora e Tipografia Portuense), 7/05/1885–5/02/1891. Semanário. Diretor: Rafael Bordalo Pinheiro.
- A República Portuguesa: diário republicano radical da manhã.* Lisboa, 13/10/1910–22/04/1911. 168 números. Fundadores: Manuel Bravo, Ribeiro de Carvalho, Tomás da Fonseca.
- Revista do Conservatório Real de Lisboa: publicação mensal ilustrada.* Lisboa, Imprensa Nacional, Maio–Outubro de 1902. 6 números. Diretor: Eduardo Schwalbach Lucci. Chefes de redação: D. João da Camara, Augusto Machado.
- Revista Teatral: Publicação quinzenal de assuntos de teatro.* Lisboa, [1885]-1896. Diretores: Joaquim Miranda, Pereira Colares
- Ribaltas e Gambiarras: revista semanal.* Lisboa, 1/01–30/10/1881. 45 números. Editor: Henrique Zeferino de Albuquerque. Redatora: Guiomar Torresão, também sob o pseudónimo Delfim de Noronha.
- A Risota: semanário humorístico, teatral, desportivo e charadístico.* Lisboa, 23/02–10/05/1908. 11 números. Diretor: Casimiro Sá Rocha.
- O Salsifré: jornal das quintas-feiras.* Os exemplares existentes na Hemeroteca de Lisboa vão do n.º 1 (29/11/1883) ao n.º 13 (21/02/1884).
- A Sátira: revista humorística de caricaturas.* Lisboa, 1/02–1/06/1911. Revista mensal. Diretor: Joaquim Guerreiro; editor: José Stuart Carvalhais.

- A Semana de Lisboa: suplemento do Jornal do Comércio*. Lisboa, 1893–1895. 73 números. Semanário distribuído gratuitamente aos assinantes do *Jornal do Comércio*. Diretor: Alberto Braga.
- Serões: Revista semanal ilustrada*. Lisboa, Livraria Ferreira, Março de 1901–Dezembro de 1911. Diretores: Adrião de Seixas, Henrique Lopes Mendonça.
- O Talassa: semanário humorístico e de caricaturas*. Lisboa, 6/03/1913–7/05/1915. 100 números e 3 números especiais. Fundadores e proprietários: Jorge Colaço, Severim de Azevedo e Alfredo Lamas.
- Os Teatros: jornal de crítica*. Lisboa, Litografia Lusitana, 7/11/1895–1/01/1896. 6 números. Editor: Henrique Pinto do Amaral. Redator-chefe: Diamantino Leite.
- A Troça: bi-semanário de crítica irreverente*. Coimbra, Novembro–Dezembro de 1906. Diretor: Mário Monteiro.
- Vespas: revista mensal de crítica e humorística*. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1880. 3 números. Autor: Eduardo de Barros Lobo.
- O Virosas: semanário imparcial com pretensões a humorístico*. Caldas da Rainha, 11/10/1914–11/04/1915. 27 números. Editor: Arnaldo Júlio Martins (Arjumar). Diretor: Jaime Zenóglio (Zé Lino).
- O Xuão: semanário de caricaturas*. Lisboa, tipografia de A Editora, 26/02/1908–7/07/1910. 122 números; número único de 26/02/1908; 5 suplementos. Diretor e proprietário: Estêvão de Carvalho.
- O Zé: sucessor do jornal O Xuão*. Lisboa, tipografia de A Editora, 1/11/1910–1/03/1919. Semanário. Diretor: Estêvão de Carvalho. Ilustração: Júlio Alves.

## II. Livros

- ABRANCHES, Adelina (1947), *Memórias de Adelina Abranches, apresentadas por Aura Abranches*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- BAPTISTA, Paulo (2010), «O Teatro e a fotografia no tempo da República», in José Carlos Alvarez (coord.), *A República foi ao Teatro*, Lisboa, pp. 39-56.
- BARATA, José Oliveira (1991), *História do Teatro Português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- BARBOSA, Carvalho (1914), *Figuras de Passar: Pessoas e coisas de teatro*. Porto: Livraria Editora de A. J. D`Almeida.
- BASTOS, A. Sousa (1898) *Carteira do Artista: Apontamentos para a Historia do Teatro Portuguez e Brasileiro: acompanhados de noticias sobre os principaes artistas, escriptores dramáticos e compositores estrangeiros*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand–José Bastos.

- [1978], *Dicionário de Teatro Português*, Coimbra: Minerva (edição fac-similada), 1994.
- BASTOS, Palmira (1903), *Álbum – Homenagem*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand. José Bastos Editor.
- BLASCO, Mercedes (1908), *Memórias de uma Actriz*, Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 2ª ed.
- (1920), *Vagabunda: Seguimento às Memórias de uma actriz: 1908 A 1909*, Lisboa: J. Rodrigues.
- (1923), *Caras Pintadas*, Lisboa: Portugália Editora.
- (1924), *Desventurada*, Lisboa: Portugália Editora.
- (1937), *Enjeitada*, Lisboa: J. Rodrigues.
- (1938), *Diário de uma escriba*, Lisboa: J. Rodrigues.
- BRASÃO, Eduardo (1925), *Memórias de Eduardo Brasão que seu filho compilou e Henrique Lopes de Mendonça prefacia.*, Lisboa: Empresa da Revista de Teatro Ltda.
- CABRAL, Pedro (1924), *Relembrando...*, Lisboa: Livraria Popular.
- CARVALHO, Teixeira de (1925), *Teatro e Atistas*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CASTRO, Fernanda de (1986), *Ao Fim da Memória: Memórias 1906-1939*, Barcelos: Editorial Verbo / Companhia Editora do Minho.
- CORREIA, Rute Silva (2015), *Manoel de Oliveira: O homem da máquina de filmar*, Alfragide: Oficina do Livro.
- CRUZ, José de Matos (1999), *O Cais do Olhar*, Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- DANTAS, Júlio (1968), *Páginas de Memórias*, Lisboa: Portugália Editora.
- DUBY, Georges; GOFF, Jacques Le; LADURIE, Le Roy et al. (1978), *A Nova História*, (Trad. Ana Maria Bessa), Lisboa: Edições 70.
- ESPERANÇO, Ricardo Manuel Pereira (2013), *Uma Leitura de Lisboa em Camisa: A comédia humana de Gervásio Lobato*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado em Estudos Portugueses.
- GARCIA, Ápio (1965), *Palmira Bastos: A primeira dama da cena portuguesa (90 anos de vida; 75 anos de teatro)*, Lisboa: Editora JAL.
- HEITOR, Silva; JACQUES, Mário (2001), *Os Actores na Toponímia de Lisboa*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Comissão Municipal de Toponímia.
- LEAL, Carlos (1920), *No Palco e na Rua: Impressões do homem e do artista*, Lisboa: Galhardo & Costa.
- (1923 [impr.]), *Demolindo: Segundo volume das memórias do artista*, Lisboa: Galhardo & Costa.
- (1941), *Água forte: Memórias*, Lisboa: Livraria Popular Francisco Franco.

- LYONNET, Henry (1898), *Le Théâtre Hors de France, vol II, : Le Théâtre au Portugal*, Paris: Paul Ollendorff.
- MATOS, Maria (1935), *Dizeres de Amor e de Saudades*, Porto: Empresa Diário do Porto.
- (1955?), *Memórias da atriz Maria Matos*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco. Revisão e prefácio de Alice Ogando.
- MAGALHÃES, Paula (2007), *Os dias alegres do Ginásio: Memórias de um teatro de comédia*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos de Teatro.
- MELO, Tomás de (1904), *Recordando*, Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.
- NORONHA, Eduardo de (1927), *Reminiscências do Tablado*, Lisboa: Guimarães.
- OLIVEIRA, Manuel Alves de (1991). *O Grande Livro dos Portugueses: 4000 personalidades em texto e imagem*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (1969), *História do Teatro Português*, Lisboa: Portugália Editora.
- PINHEIRO, António (1912), *Ossos do Ofício...*, Lisboa: Livraria Bordalo.
- (1924), *Coisas da Vida...*, Lisboa: Galhardo & Costa.
- (1929), *Contos Largos: Impressões da vida de teatro*, Lisboa: Tipografia Costa Sanches. Prefácio: Rocha Martins.
- PINHEIRO, Chaby (1938), *Memórias de Chaby Pinheiro, transcritas e coordenadas por Tomás Ribeiro Colaço e Raúl dos Santos Braga*, Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa.
- REBELLO, Luiz Francisco (dir.) [1978], *Dicionário do Teatro Português*, Lisboa: Prelo Editora.
- (1984), *História do teatro de revista em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1º vol.
- REIS, Angela (1999), *Cinira Polonio, a Divette Carioca: Estudo da imagem pública e do trabalho de uma atriz no teatro brasileiro da virada do século XIX*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional de Pesquisa.
- ROSA, Augusto (1915), *Recordações da Cena e Fora da Cena*, Lisboa: Livraria Ferreira.
- (1917) *Memórias e Estudos*, Lisboa: Livraria Ferreira.
- SANTOS, Carlos (1927), *Poeira do Palco: Opiniões, anedotas e comentários*, Lisboa: Livraria Popular Francisco Franco.
- (1950). *Cinquenta Anos de Teatro: Memórias de um actor*, Lisboa: Editorial Notícias.
- SANTOS, Salvador [2014], «António Cardoso». Texto datado de 23/12/2014. Disponível online no endereço <<http://bancadadirecta.blogspot.com>>.

- SANTOS, Vítor Pavão dos (1978), *A Revista à Portuguesa: Uma história breve do teatro de revista*, Lisboa: Edições O Jornal / Publicações Projornal.
- SCHWALBACH, Eduardo (1944), *À Lareira do Passado: Memórias*, Lisboa: Edição do autor.
- SILVA, Rolando da (1925), *Divagando: Impressões de teatro*, Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 2ª ed.
- SIMÕES, Lucinda (1922), *Memórias, Factos e Impressões*, Rio de Janeiro: Litotipografia Fluminense.
- VASCONCELOS, Ana Isabel (2017), *Emília das Neves*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda.

## APÊNDICE

### PARA UM REPERTÓRIO DE ANTÓNIO CARDOSO

Assinala-se com asterisco (?) dúvidas sobre a presença de António Cardoso no elenco.

## Peças de 1878 a 1900

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1878	Sociedade Guilherme Cossoul	Casamento por Anúncio	Guilherme de Azevedo				Estreia de António Cardoso como amador
1881	Teatro do Rato	Zé Povinho	António de Meneses		–		Estreia profissional de António Cardoso
1881	Teatro do Rato	A Seita Negra				?	
1881	Teatro do Rato	Maria da Fonte				?	
1881	Teatro do Rato	A estrela do Norte	Música de Rio de carvalho				
1882	Teatro do Rato	Quatro Noivos num Sarilho				Cardoso	Comendador Aleixo
1882	Teatro do Rato	A Filha do Sr. Crispim	Ludgero Viana			Cardoso	
1883	Ginásio	A Medalha da Virgem	José Carlos dos Santos (Santos Pitorra)			Cardoso	Estreia de António Cardoso no Teatro do Ginásio
1883	Ginásio	Vida Dum Rapaz Pobre	Octave Feuillet	António Enes	Lucinda do Carmo	?	
1883	Ginásio	Provincianos em Lisboa (?)	Emile Nasac / Pol Moreau (Les Provinciales à Paris)			?	
1884	Ginásio	Cabeça de Vento	Theodore Barrière / Edmond Gondinet (Une Tête de Linotte)			?	Bárbara Wolckart, Maria das Dores, Maria Carolina, Montedónio, César de Lima, Vale, Diniz, Virgínia Farrusca, Elisa e Sena



Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1884	Ginásio	Cenas Burguesas	Moura Cabral			? Vale, Montedónio, Pola, Jesuína, Beatriz e Lucinda do Carmo	
1884	Ginásio	A Filha do Mar	–			?	
1885	Ginásio	A Verdadeira Nobreza	Scribe / Legouvé (Doigts de Fée)			?	
1885	Ginásio	O Diretor Geral	Paul Gondinet			?	
1886	Ginásio	A Mulher do Próximo		Pinheiro Chagas		?	
1886	Ginásio	Os Nobres e Plebeus Os Nobres plebeus	Octave Feuillet ?			António Pinheiro e Eugénia Smith	
1886	Ginásio	Diana de Lis				?	
1887	Ginásio	O Bígamo	Paul Bilhaud; Albert Barré Bigame (1886)	Gervásio Lobato	Leopoldo de Carvalho	Valle, Gama, Silveira, Telmo Larcher, Socorro, Pinheiro, Cardoso, Jesuína Marques, Emília Lopes; Adelina Abranches	Carcereiro
1887	Ginásio	Três mulheres para um marido	Ernest Grenet- Dancourt Trois femmes pour un mari (1884)	Gervásio Lobato (música de Cyriaco Cardoso)	Leopoldo de Carvalho	Valle, Gama, Marcellino Franco, Soller, Eloy, Cardoso, Socorro, Santos, Bárbara, Jesuína, Beatriz, Judith, Adelina Nunes, Amorim, Alzira Sampaio Trigueiros	Canadense
1887	Ginásio	Vida Operária		César de Lacerda		?	
1888	Ginásio	Francillon	Alexandre Dumas filho (Francillon 1887)			Cardoso, Beatriz Rente	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1888	Ginásio	As Médicas	Gervásio Lobato (col. Fernando caldeira)		Leopoldo de Carvalho	Valle, Marcellino Franco, Soccorro, Eloy, Diniz, Cardoso, Senna, Carlos dos Santos, Frederico de Sousa, Machado, Holtremann, Rocha, Jesuína, Beatriz, Adelina Nunes, Bárbara, Judith, Elvira, Juliana	1º polícia
1888	Ginásio	A Filha Única		Lopes Cardoso		? João Rosa, Pinto de Campos, Polla, Maria das Dores e Emília dos Anjos	
1888	Ginásio	Dr. Jojó	Albert Carré Le docteur Jojo (1888)	Gervásio Lobato	Leopoldo de Carvalho	Vale, Bárbara Wolkarht, António Cardoso, Marcelino Franco, Eloy, Ferreira (Adriano), Beatriz, Jesuína, Judith, Juliana, Elvira, Diana; Hermínia	Cocheul
1889	Ginásio	O Bibi		Moura Cabral		?	
1888	Ginásio	O Alfaiate de Senhoras	Georges Feydeau (Tailleur pour dames, 1886)	Gervásio Lobato		Soller, Marcellino Franco, Cardoso, Ferreira, Jesuína, Judith, Juliana, Elvira Pessoa	
1888 nov.	Teatro da Trindade	O comboio de recreio	Alfred Hennequin; Albert de Saint-Albin; Arnold Mortier Train de plaisir (1884)	Gervásio Lobato	Augusto de Mello	Leoni, J. Costa, Mello, Diniz, Bensaude, Augusto, Ribeiro, Salles, Cardoso, Eduardo (um agente de hotel), Dobles, Franco, João, Pedro, Alfredo, Fernando, Benedy, Amélia Barros, Lucinda, Josefa, Isaura, Estefânia, Julia, Hortência, Estefânia	Nicolau Em substituição do ator Augusto

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1889 abril	Teatro da Trindade	Ortografia Ortografía (1888)	Carlos Arniches; Gonzalo Cantó Vilaplana	Gervásio Lobato	Augusto de Mello	Joaquim Costa, Portugal, Ribeiro, Diniz, Cardoso, Queiroz, Augusto, Joaquim Silva, Salud Othon, Amélia Barros, Isaura, Josefa	Menu
1889 julho	Teatro da Trindade	O Gato Preto (mágica)				Atores: António Cardoso, Joaquim Silva, Leoni, Augusto, Diniz, Setta, Ribeiro, Bensaúde, Portugal, Sales, Amélia Barros. Cantores: Blanche, Isaura, Fantony	
1889	Ginásio	O Senhor Governador		Leopoldo de Carvalho		?	
1889	Ginásio	Férias de Casamento	Maurice Hennequin ; Albin Valabrègue Les vacances du mariage (1887)	Gervásio Lobato		?	
1889	Ginásio	Os Alfacinhas na Província	Hippolyte Raymond ; Maurice Ordonneau Les parisiens en province (1883)	Gervásio Lobato	Leopoldo de carvalho	Valle, Eloy, Telmo, Socorro, Ferreira, Cardoso, Frederico Sousa, Holtreman, Bárbara, Jesuína, Judith (Clotilde), Juliana Santos, Elvira, Diana	Tavares Monco
1889	Ginásio	Patifa da primavera	Georges Duval; Adolphe Jaime Ce Coquin de Printemps! (1888)	Gervásio Lobato		Soller, Taborda, Valle, Cardoso, Ferreira, Beatriz, Jesuína, Judith, Juliana	
1890	Ginásio	Mulheres Carraças	Léon Gandillot Les femmes collantes (1886)	Gervásio Lobato	Leopoldo de Carvalho	Telmo, Bárbara Volckart, Marcellino Franco, José António do Vale, Cardoso	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1890	Ginásio	O Comissário de Polícia	Gervásio Lobato			José António do Vale, Silva Pereira, Marcelino de Jesus Eloy, Telmo Larcher, Ferreira, Cardoso, Jorge , Silva Porto, Damião, Alves, Avelar, Bárbara Volckart , Jesuína Marques, Judith, Juliana, Adelina Abranches, J. Moniz, Silvéri	Escrivão
1890	Ginásio	Hotel Luso-Brasileiro				?	
1890	Ginásio	O Condecorado	Henri Meilhac Décoré (1888)	Gervásio Lobato e Maximiliano de Azevedo		Beatriz Rente, Soller, Marcelino Franco, A. Ferreira, Judite, Cardoso; Marcelino de Jesus Eloy	
1890	Ginásio	Kikirikokambo	Alexandre Bisson Le roi Koko (1887)	Gervásio Lobato		Telmo Larcher, Vale, Bárbara Volckart e Marcelino Franco, Silva Pereira, Cardoso	
1891 abril	Teatro da Trindade	Um Colégio de Meninas	Alexandre Bisson Un Lycée de jeunes filles (1882)	Gervásio Lobato		Florinda Macedo, Mercedes Blasco, Queiroz, Leoni, Augusto, Diniz, Joaquim Silva, Cardoso, Amélia Avellar; Isaura	
1891	Ginásio	Em Hoa Hora o dDga	Gervásio Lobato			José António do Valle, Cardoso, Eloy, Telmo, Jesuína Marques, Bárbara Volckart, Amélia Garraio, Adelina, Julia Moniz, Judith, Juliana, José Monteiro, Machado, José Baldaque	Aleixo

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1891	Ginásio	Loiras e Trigueiras	Eugène Labiche; Alfred Delacour Le point de mire (1864)	Gervásio Lobato		Telmo Larcher, Joaquim Costa, Cardoso, Marcelino Franco, Francisco Silva Pereira, Aníbal Pinheiro, Ferreira, Jesuína, Bárbara Volckart, Amélia Garraio, Maria Falcão, Juliana, Júlia Moniz, Alves, Francisco Senna, Damião	
1891	Ginásio	A Vítima	Abraham Dreyfus La victime (1880)	Gervásio Lobato		Telmo Larcher, Maria de Castro, Joaquim Costa, Cardoso, Julia Moniz, Silvina	
1892	Ginásio	O Prémio de Virtude	Alfred Hennequin; Albin Valabrègue Un prix Montyon (1890)	Gervásio Lobato		Silva Pereira, Bárbara, Cardoso Marcellino Franco, Judite Telmo, Amélia Garraio	Escrivão
1892	Ginásio	As Noivas do Eneias	Gervásio Lobato		Leopoldo de Carvalho	José António do Valle, Bárbara Volckart, Jesuína Marques, Cardoso, Silva Pereira, Eloy, Amélia Garraio, Augusto Machado, Juliana Fariusca, Judite	Criança
1892 Jun.	São Carlos	O Festim de Baltasar  1-06-11892 Espetáculo de encerramento do ciclo de festas de caridade patrocinadas pela rainha	Gervásio Lobato		Emília Adelaide e Maximiliano de Azevedo	Jesuína, Bárbara, Florinda, Amélia Barros, Taborda, Vale, Alfredo de Carvalho, Dias, Silva Pereira, Cardoso, Setta, Queiroz, Augusto; Melo	Lucas
1892	Ginásio	A Filha do Regedor	António Campos Junior		Leopoldo de Carvalho	Vale, Silva Pereira, Costa, Telmo, Jesuína, Juliana, Garraio, António Cardoso	
1892	Ginásio	O Desaparecido	Alexandre Bisson			?	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1892 Set.	Teatro da Rua dos Condes	O Solar dos Barrigas	Gervásio Lobato; D. João da Câmara Música de Ciríaco de Cardoso		Vale	Valle, Elvira Mendes, Cardoso, Gomes, Lima, S. Marques, Delphina, Eduardo de Sousa, Santos, Conde, Alves, Ângela Pinto, Bárbara, Cândida Palácio, Adélia, Palmira, Maria Pinto, Silvéria	Agapito Solene
1892	Ginásio	Fernando, o felizardo	Léon Gandillot Ferdinand le noceur (1890)	Gervásio Lobato		Valle, Silva Pereira, Cardoso, Jesuína Saraiva, Amélia Garraio, Judite	
1893	Ginásio	Três Portas e Três Chaves	Jules Martinet; Eugène Médina La Garçonnière (1888)	Gervásio Lobato		Marcelino Franco, Marcelino de Jesus Eloy, Cardoso, Telmo Larcher, Jorge Roldão, Bárbara, Judith, Júlia Moniz, Jesuína Saraiva.	
1893	Ginásio	Os Grilos	Raoul Vast; Gustave Ricouard Les cerises (1882)	Gervásio Lobato		Marcellino Franco, Silva Pereira, Cardoso, Alves, Bárbara Volckart, Senna, Juliana, Jesuína Saraiva, Sarmento, Josefa de Oliveira, Saldanha, Silva Carvalho	
1893	Ginásio	O Primeiro Marido da França	Albin Valabrègue Le premier mari de France (1893)	Gervásio Lobato		Com José António do Valle, Bárbara Volckart, Marcelino de Jesus Eloy, Ferreira, Juliana, Cardoso, Telmo, Josefa de Oliveira	
1893	Ginásio	A Chave do Paraíso	Henri Chivot; Alfred-Henri Duru La clé du paradis (1890)	Gervásio Lobato		Cardoso, Beatriz, Telmo, Silva Pereira, Jesuína	
1893	Ginásio	O Filho do Major	António Campos Junior			Cardoso	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1893	Ginásio	Anastácia & C <sup>a</sup> modas e confecções	Eduardo Schwalbach			Bárbara, Telmo, Silva Pereira, Jesuína, Beatriz, Valle	
1894	Ginásio	Zaragueta		Leopoldo de Carvalho		Bárbara, Juliana Santos, Elói, Cardoso, José Baptista e Carlos Santos	
1894	Ginásio	O Capitão Lobisomem	Gervásio Lobato			Silva Pereira, Valle, Cardoso, Marcellino Franco, Eloy, Telmo, Ferreira, Alves, Silva Porto, Beatriz, Bárbara, Jesuína Saraiva, Jesuína Marques	
1894	Ginásio	Barnabé	Paul Burani; Ernest Grenet-Dancourt Rigobert (1887)	Gervásio Lobato		Bárbara, Cardoso, Marcelino Franco, Jesuína, Silva Pereira, Telmo, Eloy	
1894	Ginásio	A Roça do Valentim	Maurice Ordonneau; Valabrègue La Plantation Thomassin	Gervásio Lobato		Inácio, Cardoso, Marcelino Franco, Jesuína, Jesuína Saraiva, Juliana, Ferreira	Robichon
1895	Ginásio	Alegrias da Paternidade	Alexandre Bisson / Gustave Ricouard / Raoul Vast (Les Joies de la paternité)			?	
1885	Teatro D. Amélia (temporada de Verão)	D. Quixote	Eduardo Garrido			Vale, Cardoso, Augusto	Sancho Pança
1894	Ginásio	O Brasileiro Pancrácio	Octave Feuillet ?			Cardoso	Regedor
1896	Ginásio	Hotel de Livre Câmbio / Hotel de Livre Trânsito	Georges Feydeau (L'Hôtel du libre échange. 1884)	Moura Cabral			

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1898	Ginásio	A Senhora Ministra	Eduardo Schwalbach				
1899	Ginásio	A Primeira Pedra	Luis Galhardo				
1899	Ginásio	Casa de Boneca	Ibsen		Lucinda Simões	Companhia de Lucinda Simões	
1899	Ginásio	Aleluia	Marcos Praga	Luís Galhardo		Cardoso	Marzotti
1900	Ginásio	O Kalifa Harum Al-Rachid		João de Freitas Branco		?	
1900	Ginásio	O Salta-Pocinhas	André Sylvane / João Gascogne	Moura Cabral		Telmo Larcher, Ccardoso, J. Soler, Marcelino Franco, Aníbal, Alves, Sarmento, Sales, Lima Josefa, Bárbara, Juliana, Adélia, Silvéria	Manillon
1900	Ginásio	Águas de S. Crispim bicarbonatadas, líticas e gasosas),	Manuel Penteado / Luís Galhardo			Telmo, Joaquim de Almeida, Cardoso, Inácio, Marcelino Franco, Aníbal Pinheiro, Ferreira, Alves, Sales, Lemos Lima, Brandão, sarmento, Bárbara, Beatriz rente, Josefa de Oliveira, Sofia Santos, Josefina Santos, Adélia Soller, Alda Soller	Teotónio Félix
1900	Ginásio	O Terra Nova	Alexandre Bisson	João de Freitas Branco	Albert Carré	Marcelino Franco, Júlio Soler, Cardoso, ferreira, Bárbara, Josefa de Oliveira, Adélia, Virgínia Farrow, Silvéria	Labermol
1899	Ginásio	Fogo de Vistas	Freyer / Colias (Plaisir d'amour)	Melo Barreto		Telmo, Inácio, J. de Almeida, M. Franco, cardoso, Sarmento, Aníbal, Alves, Ferreira, Sales, Lemos, Lima, Beatriz, Josefa, Juliana, V. Farrow, Sofia	Comandante



Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1900	Ginásio	O Bigode Louro	Alexandre Dumas filho	Leopoldo de Carvalho		Inácio Peixoto	
1900	Ginásio	A Bisbilhoteira	Eduardo Schwalbach			Cardoso	
1900	Ginásio	O Pelintra	Barrière / Thiboust	João de Freitas Branco		Telmo Larcher, Ccardoso, J. Soler, Aníbal, Alves, Sousa, Sales, Almeida, Castro, Adelaide Coutinho, Palmira Torres, Isabel, Sofia Santos, P. Ferreira,	Honório Beljame (sogro)
1900	Ginásio	A Ciumenta	Alexandre Bisson / Adolphe Leclercq	Leopoldo de Carvalho	Leopoldo de Carvalho	Bárbara Wolckart, Adelaide Coutinho, Isabel Berard, Palmira Torres, Sofia Santos, Adélia, Emília, Telmo Larcher, António Cardoso, Aníbal, Ferreira, Alves, Sarmento, José de Almeida	Sr. Brunois (sogro)
1900 julho	Condes	O Dente do maçarico	Eduardo Schwalbach			Maria González, Beatriz rente, Valle, Cardoso	Bailarina

### Peças de 1901 a 1917

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1901	Ginásio	A Empenhoca	João de Freitas Branco		Leopoldo de Carvalho	Inácio, Sarmento, Ferreira, Marcelino Franco, Aníbal Pinheiro, Alves, Ccardoso, J. Soller, António de Sousa, Pereira, Guedes, Almeida, Brandão, Bárbara, Palmira Torres, Adélia Soller, Palmira Ferreira	José da Horta
1901	Ginásio	O casamento do Conselheiro	Artur Tavares de Melo			Cardoso, Telmo, marcelino Franco, Sarmento, António de Sousa, Aníbal Pinheiro, Alves, Alexandre Pinheiro, sales, Josefa de Oliveira, Isabel Berardi, AdelaideCoutinho, Palmira Torres, Emília Berardi, Adélia Soller, Palmira Ferreira	O Conselheiro
1901	Ginásio	A Conquista de Napoleão	Xavier Marques			Ccardoso, Aníbal Pinheiro, Alves, Palmira Torres, Isabel Berardi, Sofia Santos	Napoleão
1901	Ginásio	O Severo	Eduardo Garrido			Cardoso, Inácio, Sarmento, Marcelino, Telmo, Aníbal, António de Sousa, Sofia Santos, Josefa, Palmira Torres, Palmira Ferreira	
1901	Ginásio	Aleluia  (reposição)	Marcos Praga			Cardoso	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1901	Ginásio	Manobras Conjugais	Rafael Ferreira			* Palmira Torres, Sofia Santos, Bárbara, Adelaide Coutinho, Adélia Soller, Inácio Peixoto, Cardoso, Aníbal Pinheiro, A. Ferreira, Sarmento	Coronel Castro
1901	Ginásio	O Príncipe				?	
1901	Ginásio	Ama-seca		Moura Cabral		Telmo, Inácio, marcelino, Cardoso, Sarmento, A. de Sousa, A. Ferreira, Palmira Torres, Sofia Santos, A. Coutinho, E. Berardi, L. Berardi, P. Ferreira, Adélia	Letocard, agente de polícia
1901	Ginásio	Os dois anúncios	Pedro Pinto			Inácio, cardoso, sarmento, Josefa, Adélia	José
1901	Ginásio	Doidos com Juízo	Jacoby / Lanfs			Cardoso	
1901	Teatro Avenida (Temporada de Verão)	O Cabo da Caçarola (mágica)				António Cardoso, Telmo Larcher	rei D. Cabrito
1901	Ginásio	Casamento Político	Sabino Correia Junior			Cardoso, Telmo, A. Ferreira, A. Pinheiro, Adélia, Sofia Santos, Salles	Polidoro
1901	Ginásio	O Filho Artificial		João de Freitas Branco		?	
1902	Ginásio	Juiz dum Cane	Alexandre Brisson (Le Bon Juge)	Acácio Antunes		* Soller, Cardoso, Aníbal Pinheiro, Alves, Sarmento, António de Sousa, Pereira, Almeida, Salles, Sofia Santos, Josefa, Adelaide Coutinho	Bluteau
1902	Ginásio	Os Inquilinos do senhor Blondeau				Cardoso	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1902	Ginásio	História dum Crime		Emília Eduarda		?	
1902	Ginásio	O Espiritismo		João de Freitas Branco		Inácio, Telmo, Cardoso, António de Sousa, Alexandre Ferreira, Alves, Sarmento, Bárbara, Sofia Santos, Palmira Ferreira, Palmira Torres, Marieta Mariz	Dr. Philippi, homem de ciência
1902	Ginásio	O Papão		João de Freitas Branco		Cardoso, Inácio, Telmo, Aníbal, Ferreira, Alves, Bárbara, A. Coutinho, E. Sarmento, Marieta, J. Berardi, Sofia Santos	Alberto Kaufmann
1902	Ginásio	A Senhora Ministra	Eduardo Schwalbach			Inácio, Telmo, Cardoso, J. de Almeida, Alves, Sarmento, Jorge, A. Coutinho, Bárbara, Adélia Soller, Palmira Ferreira	Jacinto
1903	Ginásio	Cabeça de Burro	Xavier Marques			J. de Almeida, Inácio, Cardoso, Aníbal Pinheiro, Alexandre Ferreira, Alves, António de Sousa, Salles, Sofia Santos, Marieta Mariz, Palmira Torres, Adélia, Palmira Ferreira, Emília Sarmento, Pereira, Almeida	Augusto Vurzel
1903	Ginásio	O Ministro da Água-Furtada	Eduardo Coelho				Comendador
1903	Ginásio	O Menino Joaozinho			Leopoldo de Carvalho	*	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1903	Ginásio	O Bode Expiatório		João de Freitas Branco		Soler, Carlos Leal, Telmo, Cardoso, António Pinheiro, Inácio, Sarmiento, Bárbara Wolckart, Júlia de Assunção, Emília Sarmiento, Sofia Gomes, Palmira Torres e Carlota Fonseca, e outros.	
1903	Ginásio	O Outro Sexo	Valabreque; Hennequin		Sousa Bastos		Bárbara, Cardoso, Inácio, Soller
1903	Ginásio	Casados Solteiros				Cardoso	
1904	Ginásio	O Grande Bolha				?	
1904	Ginásio	Bebé e Totó				?	
1904	Ginásio	Gente Para Alugar		João de Freitas Branco		Cardoso, Inácio, A. Ferreira, António Pinheiro, Sarmiento, António de Sousa, Carlos Leal, Sales, Bárbara, Isabel Benardi, Carlota Fonseca, Júlio de Assunção, Sarmiento, Almeida	
1904	Ginásio	O Cinematógrafo			Acácio Antunes		Soller, Joaquim de Almeida, Inácio, Cardoso, Palmira Torres, Sofia Santos
1904	Ginásio	Na Lua-de-Mel		Leopoldo de Carvalho		?	Bárbara
1904	Ginásio	O Ninho de Cupido		João de Freitas Branco	Leopoldo de Carvalho	Telmo, Inácio, Cardoso, Pinheiro, Sarmiento, Ferreira, Carlos Leal, Palmira Torres, Sofia Santos, Carlota Fonseca, Palmira Ferreira	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1904	Ginásio	O Comissário de Polícia (reposição)	Gervásio Lobato		Leopoldo de Carvalho	Vale, Bárbara, Jesuína, Cardoso, Ferreira, Virgínia Farrusca	Escrivão
1904	Ginásio	Os Amores de um Conselheiro	Tavares de Melo			Vale, Joaquim de Almeida, Cardoso e Jesuína Marques, Jesuína Saraiva, A. Machado, Palmira Torres	Barão de Gumiel
1904	Ginásio	Ciências Exatas	Vital Aga	Leopoldo de Carvalho	Leopoldo de Carvalho	Bárbara, Cardoso, Palmira Torres	Professor Silvério
1904	Ginásio	Grande e Horrível Crime	Esculápio			Joaquim de Almeida, Cardoso, Jesuína Marques, Palmira Torres	Ex-merceiro
1905	Ginásio	A Guerra ao Vinho		João de Freitas Branco		Cardoso, Bárbara Volkart, Telmo Larcher,	
1906	Ginásio	O Olho Vivo		Xavier Marques		Joaquim de Almeida, , Jenuína saraiva, Virgínia Farrusca	
1906	Ginásio	O Quarto Independente	Eduardo Coelho			Joaquim de Almeida, Cardoso, Soller,	
1906	Ginásio	O Tutor	Júlio de Mossinaul	José Soares		Vale, Bárbara, Joaquim de Almeida, Telmo, Cardoso	
1906	Ginásio	O Pai da Pátria	Ernesto Rodrigues; Bento Faria		Leopoldo de Carvalho	Bárbara, Jesuína, cardoso, Alegrim, Monteiro, Albuquerque	
1906	Ginásio	As Distrações da Viuvez	Ernest Grenet-Daneourt	Acácio Antunes		Jesuína Marques, Cardoso, telmo, Jesuína Saraiva, Juliana Santos	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1907	Ginásio	O Papa-Léguas		João de Freitas Branco		Cardoso, Bárbara Volkart, Albuquerque, Joana, Judite, Mnteiro, Rodrigues	Marido
1907	Ginásio	Sumo da Uva		João de Freitas Branco		Cardoso, Bárbara	
1907	Ginásio	Favas Contadas	Câmara Lima				
1907	Ginásio	O Cão e o Gato	Acácio de Paiva; Ernesto Rodrigues			Vale, Joaquim de Almeida, Cardoso, Bárbara, Jesuína, telmo	
1907	Ginásio	O Filho Milagroso	Paul Gavault / Robert Charvay (L'Enfant du Miracle)	Portugal da Silva		Jesuína Mendes , Judite de Melo, Telmo, Soler, Vale, Vieira Marques, Cardoso	
1908	Ginásio	O Pinto Calçudo	Ernesto Rodrigues / André Brun			Vale	
1908	Ginásio	O Sogro	Eugène Labiche	Santos Júnior / Rafael Ferreira		Silvestre Alegrim	
1908	Ginásio	José do Egito		João de Freitas Branco	Leopoldo de Carvalho		
1908	Ginásio	À Pesca de Mil Contos		Leandro Navarro		Cardoso, Bárbara, telmo, Alegrim, Jesuína Saraiva, Rosa Andrade, Albuquerque	
1908	Ginásio	Faze Bem		Câmara Lima			
1908	Ginásio	A Elegante					
1908	Ginásio	Meu Marido que Deus Haja	André Brun			?	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1908	Ginásio	Os Marmelos da Condessa	Melo e Almeida			?	
1908	Ginásio	O Faz-Tudo		João de Freitas Branco		Cardoso	
1908	Ginásio	Está Lá?	André Brun			?	Telmo Larcher
1908	Ginásio	O Mistério	Xavier Marques				
1908	Ginásio	A Revista de Cupido					
1908	Ginásio	O Bufete de Abrantes					
1908	Ginásio	Os Noivos de Vénus	Artur Choen; Pedro de Almeida			Telmo, Cardoso, palmira, Jesuína Saraiva, Judite, Rosa de Andrade, Jesuína Marques	
1908	Ginásio	O Cachalote					
1908	Ginásio	Em Quarta-Feira de Cinzas					
1909	Ginásio	O Olho da Providência	Xavier da Silva / João Bastos			Vale, Cardoso, Jesuína, Alegirim	
1909	Ginásio	A Prima Anica também referido como A Tia Anica	Ernesto Rodrigues / Xavier Marques.			Jesuína Marques, Jesuína saraiva, Cardoso, vale, telmo, Alegirim	
1909	Ginásio	O Patacão falso				Jesuína saraiva, Cardoso, vale, telmo, Alegirim	
1909	Ginásio	A Mulher Elétrica		André Brun		Jesuína Marques, Cardoso, Augusto Machado, Alegirim, Pedro Machado, Telmo	Tabelião



Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1909	Ginásio	O Génio Alegre	Irmãos Álvarez Quintero			Albuquerque, Alegirim, Cardoso, Augusto Machado, Jesuína Marques, Judite, Rosa de Andrade	Mordomo
1910	Ginásio	Ciúmes ?				?	
		Ciúmes, Amor e Cozinha	Luís de Araújo				
1910	Ginásio	O Doutor Zebedeu	Xavier da Silva / João Bastos			Augusto Machado, Vale, Cardoso, Laura Hirsh, Rosa de Andrade, Palmira Ferreira, Virgínia Farrusca, Vieira Marques, pedro Machado	Miguel Carneiro
1910	Ginásio	Contradanças do >Divórcio		Freitas Branco		Cardoso, Telmo, Alegirim	Húngaro
1910	Ginásio	Guerra Valente	Júlio Meneses			Cardoso	
1910	Ginásio	A Ciumenta (reposição)	Alexandre Bisson / Adolphe Leclercq (Jalousie)	Leopoldo de Carvalho	Leopoldo de Carvalho	Cardoso, Telmo, María del Carmen, Judite, Rosa de Andrade, Albuquerque, Monteiro	
1910	Ginásio	Piperlin		Eduardo garrido		César de Lima, Ferreira de Sousa, Cardoso, Telmo, Laura Hirsh, Maria Lagoa, Rosa de Andrade, Lucília	

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1910	Ginásio	O Arco da Velha	Xavier da Silva; João bastos (música de Alfredo Mântua e Wenceslau Pinto)			Mercedes Blasco, Jesuína Marques, Laura Hirsh, Perpétua Viegas, Júlia Paredes, Flora Dyson, Alda Aguiar, Virgínia farrusca, Telmo Cardoso, Alegrim, Monteiro, Pedro machado, Vieira Marques, Sampaio	
1910	Teatro do Príncipe Real	O Olho do Diabo (mágica)	Ernesto Rodrigues / Félix Bermudes, música de Filipe Duarte / Carlos Calderón			Cardoso	Jack
1910	Ginásio	Paixões passageiras		Sousa Bastos		Lucinda Simões, Cristiano de Sousa, Judite de Melo, Cardoso, telmo	
1910	Ginásio	Vinte Dias à Sombra	Maurice Hennequin; Pierre Veber			Cardoso	
1910	Ginásio	Serafina	V. Sardou			Telmo, Lucinda, Cristiano, Cardoso, Alegrim	
1910	Ginásio	Das 3 às 5		Xavier da Silva			
1911	Ginásio	O Rato Azul		Xavier Marques		Cristiano, Cardoso, Augusto Machado, Judite de Melo	Bernardo
1911	Ginásio	Ir a Roma				Augusto Machado	
1911	Ginásio	Sherlock	Chagas Roquete / Álvaro Lima			Alegrim, Judite, Hermínia, Maria del Carmen, Cardoso, Augusto Machado	
1911	Ginásio	Miquete e Sua Mãe Também referida como Miquete e a Mamã					

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1911	Ginásio	A Mulher do Comissário		Eça Leal			Comissário
1911	Ginásio	O Talassa	Artur Cohen; Guilherme Barbosa			Cardoso, Albertina de Oliveira, Maria Augusta, Sofia de Oliveira, Augusto Machado, Casimiri, Tristão, Henrique de Albuquerque, José Soares	
1912	Ginásio	O Rei dos Gatunos	Francis de Croisset / Maurice Leblanc (Arsène Lupin)	Portugal da Silva		António Cardoso, Telmo Larcher, Maria Augusta, Machado, Laura Hirsh, Albertina	Gournay-Martin
1912	Ginásio	Ao Correr da Fita	Alberto Barbosa / Leandro Navarro. Música de Luís Filgueiras /e Luís Quesada			Laura Hirsh, Maria Augusta, Albuquerque, Telmo, cardoso	
1912	Ginásio	Os Direitos dos Homens				António Cardoso, Telmo Larcher	
1912	Ginásio	Amor Engarrafado	Louis Pesicand / Rozemberg Rober Bonet	João Soler		Cardoso	
1912	Ginásio	A Menina do Chocolate	Paul Gavault	Melo Barreto	Lucinda Simões	(Não há menção de António Cardoso nesta peça)	
1912	Ginásio	Lição Cruel	Pinheiro Chagas		Lucinda Simões		
1913	Ginásio	O Príncipe Herdeiro	W. Meyer Foerster	Hermano Neves	Lucinda Simões	António Cardoso, Mário Duarte, Alda Aguiar. Telmo Larcher, Silvestre Alegirim	
1913	Ginásio	O Camões do Rossio	Inácio Feijó			Cardoso	Sebastião d'Arruda, lavrador
1913	Ginásio	A Conspiradora	Vasco de Mendonça Alves		Lucinda Simões	Lucinda Simões, Maria Matos, Pato Moniz, Telmo, Alegirim, Alves da Cunha, e António Cardoso	Cónego Barata

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1913	Ginásio	A Vizinha do Lado	André Brun			Zulmira Ramos, Silvestre Alegrim e Mendonça de Carvalho, António Cardoso	
1913	Ginásio	A Madrinha de Charley	Brandon Thomas	Moura Cabral		Mário Duarte, António Cardoso	
1913	Ginásio	A Bela Madame Vargas	Paulo Barreto				
1914	Ginásio	Sociedade onde a Gente se Aborrece	Paillotan	Furtado Coelho			
1914	Ginásio	Não largues a Amélia	Georges Feydeau (Occupe-toi d'Amélie, 1908)	Acácio de Paiva			
1914	Ginásio	Deputado Independente	Chagas Roquete / Álvaro Lima,			Cardoso	Farmacêutico Frias
1914	Ginásio	Honras de Guerra	Hannequin	Tito Martins			
1914	Ginásio	A Medalha da Virgem (reposição)	José Carlos dos Santos (Santos Pitorra)			Cardoso	Danico Molineau
1915	Ginásio	Sopa no Mel	Paul Gavault		Maria Matos	Maria Matos, Alda Aguiar, Zulmira Ramos, Mendonça de Carvalho, Joaquim de Almeida, Silvestre Alegrim, António Cardoso	Médico de província
1915	Ginásio	Circo de Inverno (comédia-mágica)	Grenet Dancourt / Georges Bertal	Melo Barreto	Maria Matos	Alda Aguiar, Mendonça de Carvalho, Maria Matos e António Cardoso	
1915	Ginásio	O Comissário de Polícia (reposição)	Gervásio Lobato			Cardoso	Comissário
1915	Ginásio	4028-LX				Mário Duarte, Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegrim, António Cardoso, João Lopes	Custódio

Ano	Teatro	Peça	Autor	Tradutor	Encenador	Elenco	Papel
1915	Ginásio	Tourné Saramago	André Brun / Chagas Roquete			Maria Matos, Silvestre Alegirim, Telmo Larcher, António Cardoso	Romeu
1915	Ginásio	O Homem-macaco	Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes / João Bastos			Cardoso	Faustino
1915	Ginásio	Em Boa Hora o Diga (reposição)	Gervásio Lobato			Cardoso	Aleixo
1915	Ginásio	La Donna è Mobile	Margaret Mayo (Twin Beds)	João Soler	Maria Matos	Cardoso	
1915	Ginásio	O Senhor Roubado	Chagas Roquete			Cardoso	
1915	Ginásio	O Inferno	António Caso / Joaquin Abati				Padre Leão
1916	Ginásio	Clotilde está de Esperanças		Jorge de Abreu			
1916	Ginásio	O Pai do Regimento	Moneyz-Eon / Durieux	Jorge de Abreu		João Lopes. António Cardoso, Joaquim Almada	
1916	Ginásio	Hotel de Livre Trânsito Também referida como Hotel de Livre Câmbio (reposição)	Georges Feydeau (L'Hôtel du libre échange. 1884)	Moura Cabral		Cardoso	Mateus
1916	Ginásio	O Olho da Providência (reposição)	Xavier da Silva / João Bastos			Cardoso	Xisto Pancada
1917	Ginásio	O Carrasco de Sevilha					
1917	Ginásio	O Alfaiate de Senhoras (reposição)	Georges Feydeau (Tailleur pour dames)	Jorge de Abreu			